

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**SILVANA NICOLOSO**

**UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE MARCAS DE GÊNERO NA  
INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

**Florianópolis**

**2010**

SILVANA NICOLOSO

**UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE MARCAS DE GÊNERO NA  
INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Maria Heberle

Florianópolis  
2010

Silvana Nicoloso

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Tradução no Curso de Pós-Graduação em Estudos de Tradução do Centro de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina.

**Banca Examinadora:**

Orientadora:

---

Profa. Dra. Viviane Maria Heberle  
Centro de Comunicação e Expressão – UFSC

---

Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Tarcísio de Arantes Leite  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

---

Marianne Stumpf  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Florianópolis, março de 2010.

Dedico, carinhosamente, esse trabalho a minha família. Em especial aos meus pais, que, com simplicidade e sabedoria, me ensinaram a importância do amor e a valorizar os estudos para buscar conhecimento.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me dado a vida, por ter me carregado em Seus braços e com Suas mãos me guiado durante todo o tempo desta caminhada. Pelo Seu amor e zelo que foram as razões desta vitória.

À minha família pelo carinho, dedicação e amor incondicional. Pelo acalento e consolo nas horas em que sempre precisei. Mãe e pai, pelo conforto do colo que acaricia minha alma. Mano e Cláudia, pela torcida, incentivo e compreensão nos momento de privação do convívio, para que eu conseguisse finalizar a escrita desta pesquisa. Mana, por se fazer sempre presente na minha vida, pelo cuidado e preocupação que tem por mim. Enfim, vocês são indispensáveis na minha vida, “o ar que respiro”!

Aos amigos que souberam dar-me tempo, quando eu precisei dele e pelo encorajamento a prosseguir meus estudos. Pela importante presença em minha história, vocês enriquecem minha biografia!

Aos colegas intérpretes participantes dessa pesquisa, pelo crédito a minha proposta e pela confiança a mim dispensada. Pela oportunidade de compartilhar o tempo de vocês. Agradeço imensamente pela contribuição, pois sem ela esta pesquisa não teria se efetivado.

À Profa. Dra. Viviane Maria Heberle por ter sido bússola deste trabalho, orientando a direção e o caminho a seguir para que essa dissertação fosse concretizada. Pelas palavras carinhosas de incentivo.

*“Obrigado! Essa é a primeira e a última coisa que dizem os intérpretes. É o que dizem os conferencistas ao abrirem e fecharem suas apresentações. Se alguma coisa aprendi como intérprete foi isto: a gratidão deve preceder e suceder todos os nossos atos.”*

*(Magalhães Jr., 2007: 17)*

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	01
<b>ABSTRACT</b> .....	02
<b>LISTA DE ABREVIATURAS</b> .....	03
<b>1- INTRODUÇÃO</b> .....	04
<b>2- JUSTIFICATIVA</b> .....	09
<b>3- OBJETIVOS</b> .....	13
3.1. Objetivo Geral .....	13
3.2. Objetivos Específicos .....	13
<b>4- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	14
4.1. Análise Crítica do Discurso .....	14
4.2. Estudos Culturais .....	24
4.3. Os Estudos Surdos e o Intérprete de Língua de Sinais .....	29
4.4. Estudos da Tradução .....	41
4.4.1. Modalidades de Tradução .....	63
4.5. A constituição profissional do TILS: travessias e memórias .....	69
4.6. O TILS e a cultura surda: o mito da fronteira .....	87
4.7. Concepções sobre o TILS: passando a limpo os borrões .....	93

4.8. O TILS: gênero em questão .....	106
--------------------------------------	-----

<b>5- METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>116</b>
---	------------

5.1. Hipóteses .....	116
----------------------	-----

5.2. A natureza da pesquisa .....	117
-----------------------------------	-----

5.3. O desenvolvimento da pesquisa .....	120
--	-----

5.3.1. Seleção e descrição dos participantes .....	122
--	-----

5.3.2. Método de seleção e coleta de dados .....	124
--	-----

5.3.3. Metodologia de análise: ELAN .....	127
---	-----

5.4. Descrição dos dados .....	129
--------------------------------	-----

5.5. Resultados dos dados.....	151
--------------------------------	-----

5.6. Análise dos resultados .....	154
-----------------------------------	-----

<b>6- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>170</b>
--------------------------------------	------------

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>174</b>
---	------------

<b>ANEXOS .....</b>	<b>184</b>
---------------------	------------



## RESUMO

É inegável que uma tradução ou interpretação requer habilidades próprias do profissional que fará a mediação cultural e linguística entre o público envolvido no contexto que será interpretado. Com isso, esta pesquisa procura avançar um pouco mais nessas discussões e contribuir, em parte, com algumas reflexões sobre aspectos que envolvem o Intérprete de Língua de Sinais Brasileira (ILS). Os dados foram coletados por meio de gravações em vídeos da interpretação simultânea de um texto narrado oralmente em Língua Portuguesa e interpretado para a Língua de Sinais Brasileira. Os subsídios teóricos sustentadores desse trabalho são os Estudos da Tradução (ET), os Estudos de Gênero, os Estudos Culturais (EC) e os Estudos Surdos (ES), juntamente com a Análise Crítica do Discurso (ACD). Participam dessa pesquisa 06 sujeitos - ILS, sendo 03 do sexo feminino e 03 do sexo masculino. O problema a ser pesquisado está na análise de decisões tradutórias baseadas nas modalidades de tradução descritas por Aubert (1998) como: escolhas léxico-gramaticais, omissões, explicitações, modulações, transposições e tempo de interpretação tomados pelos ILS homens e pelas ILS mulheres, considerando se porventura acontecem de maneiras diferentes. A partir de observações das interpretações realizadas pelos sujeitos, procurou-se selecionar alguns trechos do texto os quais apresentaram marcas distintivas entre as traduções femininas e masculinas. Logo, foi possível perceber que a maioria das ILS mulheres investigadas nesta pesquisa, na tentativa de esclarecer melhor a informação, utiliza-se mais da explicitação e da modulação que o ILS homem. Em contrapartida, a transposição e a soletração foram mais frequentes no processo tradutório realizado pelos ILS homens investigados, emitindo uma interpretação mais direta e literal. Com base nestes dados, ainda que essa pesquisa se trata de um breve Estudo de Caso e, portanto, não vise generalizar dados, pode-se sugerir que as interpretações em Língua de Sinais Brasileira também apresentam marcas de gênero.

**Palavras-Chaves:** tradução/interpretação; gênero; Língua de Sinais Brasileira

## ABSTRACT

It is undeniable that a translation or interpretation requires peculiar abilities from the professional who does the cultural and linguistic mediation with the public involved in the context to be interpreted. With this setting, this research seeks to advance in this discussion and contribute, in some part, with some considerations about the aspects that involve the Brazilian Sign Language interpreter (SLI). The data were collected by video-recordings of the simultaneous interpretation of oral narrations in Portuguese and interpreted to Brazilian Sign Language. The theoretical subsidies that support this work are from Translation Studies (TS), Gender Studies, Cultural Studies (CS) and Deaf Studies (DS), as well as from Critical Discourse Analysis (CDA). The research involved a group of 06 subjects, sign language interpreters, SLI, 03 women and 03 men. The problem to be investigated lies at the analysis of the translational decisions (Aubert, 1998) such as lexicogrammatical choices, omissions, explicitation, modulation, transpositions and time by the male SLI and female SLI, considering if perchance these choices appear in different ways. Regarding the methodological procedures, by the observation of the interpretations conducted by the SLI-subjects, some excerpts of the text that presented some distinctive marks between the female and male translations were selected. In this way, it was noticed that the female SLI – trying to make the information clearer – added some data to her interpretation which were not explicitly contained in the message orally produced. On the other hand, the male SLI omitted some of the words pronounced by the narrator, confirming that the omission really happens, in the majority of the cases, when male SLI are working and that they prefer to use the transliteration strategy, from which emerges a literal and direct interpretation. To sum up, this case study investigation suggests that the Brazilian Sign Language interpretations also present gender marks.

**Keywords:** translation/interpretation; gender; Brazilian Sign Language.

## LISTA DE ABREVIATURAS

ACD – Análise Crítica do Discurso

ASL – *American Sign Language* – Língua de Sinais Americana

CED – Centro de Educação

CEP – Comitê de Ética e Pesquisa

CODAS - Children of Deaf Adults

ELAN – *Eudico Linguistic Annotaton* – Sistema de Transcrição de língua de sinais

ILS – Intérprete de Língua de Sinais

LANTEC – Laboratório de Novas Tecnologias

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LSB – Língua de Sinais Brasileira

LSF - Linguística Sistêmico-Funcional

PGET – Pós-graduação em Estudos da Tradução

TILS – Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

## 1 - INTRODUÇÃO

Ao longo da história, é possível perceber o quanto a língua de sinais ficou à margem dos estudos e pesquisas na área da linguística e da tradução, pois não era percebida pela sociedade como uma língua, com status linguístico e relevância para a realização de investigações. Durante muito tempo, a língua de sinais foi vista como uma linguagem de gestos, pantomimas e sem consistência para uma boa e fluente comunicação entre as pessoas, ou seja, uma vez concebida como uma língua inferior a todas as línguas orais, sua estrutura linguística merecia pouca ou nenhuma importância no contexto linguístico, social, cultural, político e educacional (FELIPE, 1989; FERNANDES, 1990; KARNOPP, 1994; QUADROS, 1995).

As pesquisas de William Stokoe, na década de 60, voltadas aos estudos linguísticos da Língua de Sinais Americana (ASL) vieram a contribuir para o fortalecimento e a afirmação das línguas de sinais como línguas. Tais pesquisas auxiliaram, também, na identificação e eliminação de alguns mitos criados acerca da língua de sinais. Esses mitos estão vinculados à relação com as línguas orais e referem-se à limitação de expressividade e comunicação, a uma fácil compreensão devido ao fato da utilização de sinais visuais realizados no espaço, assim como a uma possível universalidade. (FELIPE, 1989 e 1992; FERNANDES, 1990; KARNOPP, 1994; LEITE, 2004; QUADROS, 1994 e 1995; QUADROS & KARNOPP, 2004),

As línguas de sinais, em geral, não apresentam muitas pesquisas na área da tradução/interpretação, visto que os primeiros estudos sobre a ASL são recentes e datam da década de 1960 com os trabalhos de Stokoe. Então, percebe-se uma grande disparidade de tempo quando

comparada com as línguas faladas, que apresentam longa tradição em pesquisas. No tocante à língua de sinais brasileira (LSB), embora alguns estudos tenham se iniciado na década de 1980 (FELIPE, 1989 e 1992; FERNANDES, 1990; KARNOPP, 1994; QUADROS, 1994 e 1995), em uma tentativa de descrever aspectos básicos dessa língua, ainda existem áreas da LSB que necessitam ser exploradas e investigadas.

Atualmente, no Brasil, algumas concepções em relação à língua de sinais estão passando por grande transformação, não somente no campo das pesquisas linguísticas, na área da tradução e nos meios acadêmicos, como também em todo âmbito social, cultural e político. O reconhecimento e oficialização da língua de sinais com a Lei nº 10.436/02 e sua regulamentação com o Decreto 5626/05 foram de significativa relevância para esse fato, assim como a presença dos movimentos surdos que se formaram dentro dos espaços acadêmicos e a enunciação dos próprios surdos se colocando enquanto autores de suas produções científicas, tais como: Campello (2008); Miranda (2007); Perlin (2003); Reis (2006); Schmitt (2008) e Strobel (2008).

Percebe-se o surgimento de algumas pesquisas recentes nos estudos linguísticos da Língua de Sinais Brasileira (BRITO, 2005; McCLEARY & VIOTTI, 2007; LEITE, 2008; QUADROS & KARNOPP, 2004; PEREIRA, 2008; PIZZIO, 2006), porém, nota-se que as investigações em torno dessa língua vêm ocorrendo timidamente e são poucos os materiais publicados que esclarecem, relatam e divulgam este relevante tema, o que dificulta, muitas vezes, o avanço nas pesquisas, nos debates e nas discussões a este respeito.

A partir do reconhecimento da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) como língua natural e nativa do povo surdo e das pessoas que

transitam no universo dessa cultura, uma figura de grande importância nesse cenário passa a ser foco dos holofotes, ou seja, um personagem que faz parte da cena desde os tempos mais remotos, uma figura de extrema relevância na cultura surda: o intérprete de língua de sinais (ILS), porém, até então, pouca ou nenhuma credibilidade era dada ao seu trabalho e à sua existência. É quase impossível falar sobre surdos e não reconhecer a figura do intérprete, assim como a execução do ato de interpretar em língua de sinais só é possível e faz sentido se houver a presença de uma pessoa surda. Esses dois personagens mesclam-se e um faz parte da história do outro. Nessa linha de pensamento, não existem coadjuvantes, podendo-se dizer que ambos são protagonistas de uma mesma história.

Contudo, percebe-se que são raras as pesquisas em torno do intérprete de língua de sinais, assim como do ato interpretativo dessa língua haja vista que o seu reconhecimento enquanto língua de fato é muito recente. Não se pode negar que uma tradução ou interpretação exige habilidades específicas do profissional que fará a mediação linguística e cultural entre o público envolvido no contexto que será interpretado. Com isto, essa pesquisa procura avançar um pouco mais nessas discussões e contribuir, em parte, com algumas reflexões sobre aspectos que envolvem o intérprete de Língua de Sinais Brasileira.

Sabe-se que o ILS, assim como qualquer intérprete de outra língua, seja ela oral ou sinalizada, apresenta características que lhe são peculiares. Cada indivíduo é único e assim também são os intérpretes: não é a profissão que os tornará semelhantes, embora alguns fatores possam coincidir na formação profissional e de suas identidades. Esses profissionais emergem de diferentes meios sociais, políticos, etnias,

gênero, culturas e religiões, sendo que todos estes elementos fazem com que suas identidades sejam construídas de maneira diferente, tornando-se impossível desvincular cada atributo destes no processo de constituição da identidade (SANTOS, 2006).

Tendo em mente que a Língua de Sinais Brasileira apresenta na sua estrutura uma variedade de recursos que permite a execução de um discurso claro e completo, assim como em todas as línguas, sua complexidade é hoje bastante discutida entre usuários e intérpretes de língua de sinais, bem como entre pesquisadores na área da Linguística e da Tradução. Essa variedade de recursos e sua complexidade permitem uma gama de opções léxico-morfológicas e escolhas gramaticais durante o ato interpretativo que apontam para espaços de investigações.

Portanto, essa pesquisa tem por finalidade investigar, identificar, analisar e comentar como se constrói discursivamente as traduções e interpretações em Língua de Sinais Brasileira realizadas por intérpretes do sexo feminino e masculino, ou seja, investigar as possíveis características marcantes e contrastantes na tradução/interpretação de língua de sinais quanto à diferença de gênero do profissional que atua na interpretação.

Embora a tradução/interpretação seja tradicionalmente reconhecida como manifestação linguística e comunicativa das aspirações ou características de certa cultura em certo momento, enfim, de uma situação histórico-cultural específica, até época muito recente o tradutor/intérprete era visto como um ser assexuado, ou quando muito um “andrógino”, um “hermafrodita”. A especificidade de gênero, ao ser afirmada, pode trazer consigo várias questões para serem resolvidas ou, ainda, indagações a serem respondidas. A investigação sobre a

experiência da mulher como leitora de mundo, emissora e receptora de comunicação pode levar a uma verdadeira revolução, marcada pela quebra de paradigmas e pela descoberta de um novo horizonte de expectativas. (FUNCK, 1994)

É relevante refletir sobre as crenças, identidades e valores culturais expressos no uso da língua em relação à mulher e ao homem, bem como por um determinado grupo social, possibilitando uma reflexão sobre as práticas dos profissionais intérpretes levando em conta que elas podem transparecer nas interpretações e traduções. Para isso, será importante considerar como base teórica algumas fundamentações da Análise Crítica do Discurso relacionadas com os Estudos de Gênero, os Estudos Surdos, os Estudos Culturais e os Estudos da Tradução, pois são convergentes entre si.

Nas próximas seções da presente dissertação serão abordados os seguintes tópicos: justificativa da escolha e importância do tema, os objetivos propostos para a pesquisa, os pressupostos teóricos que embasam o trabalho, os processos metodológicos utilizados e, por último, algumas considerações na tentativa de finalizar este estudo.



## 2 – JUSTIFICATIVA

A história dos surdos tem mostrado que com o passar do tempo os intérpretes de Língua de Sinais (ILS) vêm construindo espaço dentro da comunidade surda, sendo que o trabalho desenvolvido por estes profissionais é de grande relevância para a referida comunidade, pois conforme Santos (2006) estes atuam nas mediações comunicativas e culturais entre surdos e ouvintes. O intérprete está presente na cultura surda desde muitos anos, porém esse trabalho realizado ficava a cargo de familiares, religiosos e pessoas que conheciam e faziam uso da língua de sinais pelo contato que tinham com os surdos, ou seja, era uma atividade voluntária e não se percebia o reconhecimento desta prática enquanto profissão (LIMA, 2006; ROSA, 2005; SANTOS, 2006).

Embora ainda não haja intérpretes de língua de sinais com formação em nível superior em cursos específicos de Tradução/Interpretação em Língua de Sinais, pois no Brasil é recente e encontra-se em andamento o primeiro curso superior de Letras/Libras (Bacharelado), estes vêm sendo considerados enquanto profissionais qualificados com atuação em diferentes áreas como: na educação, na política, nas ciências jurídicas, nos meios de comunicação áudio-visual e nas relações humanas, bem como através de várias modalidades como: tradução, interpretação sussurrada, simultânea ou consecutiva (LIMA, 2006; ROSA, 2005; SANTOS, 2006).

A área de tradução/interpretação em língua de sinais possui um reduzido número de estudos e informações a respeito desse tema. São escassas as pesquisas que tratam sobre o intérprete de língua de sinais, por isso se fazem urgentes e necessárias algumas investigações a fim de

conhecer o trabalho e a atuação dos tradutores/intérpretes de língua de sinais para que esta profissão possa se desenvolver positivamente e conquistar seu espaço através do reconhecimento legal, social, político e educacional, assim como proporcionar ao ILS e aos pesquisadores da área da tradução algumas reflexões a cerca da sua atuação e desempenho profissional.

A escolha do tema dessa pesquisa é resultante dos anseios, inquietudes e reflexões emergentes nos momentos vivenciados na prática da interpretação e dos desafios enfrentados pela autora que é, também, intérprete de Língua de Sinais Brasileira, na atuação da interpretação simultânea voz-sinal em contexto acadêmico, geralmente formal, onde as informações transmitidas ao interlocutor para recuperar uma informação perdida, não são viáveis ou possíveis. Nota-se que no ato da interpretação simultânea as mensagens devem ser repassadas praticamente ao mesmo tempo em que são enunciadas, o que exige agilidade de raciocínio, flexibilidade de pensamento e boa memória para retenção da mensagem transmitida (NICOLOSO & SILVA, 2009). Levando em consideração todas essas funções e o tempo reduzido exigido para isto não é difícil imaginar que são várias as escolhas e estratégias de tradução que podem ser utilizadas em uma interpretação simultânea. Adições e acréscimos desnecessários, omissões de informações importantes, substituições ou discrepâncias, tradução palavra por palavra e anomalias são alguns exemplos de atitudes frequentes na prática da interpretação simultânea (MAGALHÃES Jr, 2007).

Parece ser relevante examinar a passagem da informação que deve ser transmitida pelo intérprete de língua de sinais e os espaços de

tempos contrastantes entre homens e mulheres. Pode-se averiguar as diferenças atenuantes e consideráveis nas escolhas tradutórias utilizadas pelos ILS homens e ILS mulheres na estruturação do discurso organizado por esses sujeitos envolvidos na responsabilidade de interpretar.

A tradutora feminista Bárbara Godard do Canadá ao realizar sua pesquisa em literatura feminina comprova que a mulher em suas produções e publicações apresenta prefácios mais longos, maior número de notas de rodapé e apêndice, quando em comparação com publicações masculinas (BAUMGARTEM, 2002 e HANCIAU et. al., 2001). Então, como ocorre nas línguas orais, em que a questão da diferença de gênero marca e influencia algumas escolhas lexicais e gramaticais, bem como no modo da enunciação do discurso, é válido investigar o tema proposto a fim de identificar se esse fator também é verdadeiro para a Língua de Sinais Brasileira.

Em busca da teorização de dados empíricos, a presente pesquisa propõe atenuar a carência de pesquisas na área dos Estudos de Tradução que ainda não foi devidamente explorada: a interpretação em Língua de Sinais Brasileira. Utilizando-se de questões ligadas à interpretação/tradução, à Análise Crítica do Discurso e aos Estudos Culturais, investigar-se-ão aspectos marcantes que diferem uma tradução/interpretação realizada entre os intérpretes de sexo masculino e feminino, identificando elementos que distinguem o discurso enunciado pelos mesmos. As diferenças entre esses enunciados são, muitas vezes, sutis e podem passar despercebidas por muitos sinalizantes. Uma investigação sobre este assunto pode esclarecer quais os elementos que

são relevantes e contrastantes na escolha da composição dos sinais e na estruturação do discurso quanto às diferenças de gênero.

Portanto, o tema escolhido demonstra-se relevante para os Estudos da Tradução e se justifica pelo fato de haver poucas pesquisas teóricas sobre os tradutores/intérpretes de Língua de Sinais Brasileira principalmente em relação às marcas de gênero na interpretação da LSB. Ressalta-se que a tentativa de mapear um território até então desconhecido, de escrever uma história até então não reconhecida possibilita estudar questões de gênero dentro da interpretação/tradução da Língua de Sinais Brasileira.

A importância desse estudo justifica-se, também, pelo fato de informar cientificamente a população, principalmente, a que faz uso do trabalho dos tradutores/intérpretes de língua de sinais, assim como dos próprios profissionais, a respeito de suas crenças, identidades e valores culturais expressos no uso da língua em relação aos ILS homens e mulheres. Estes fatos possibilitarão, assim, uma reflexão sobre as práticas utilizadas nos diversos espaços por cada usuário, levando em consideração que elas podem se refletir nas suas interpretações.

Finalizando, para o campo dos Estudos da Tradução, a pesquisa se mostra relevante ao entender que é importante refletir sobre as múltiplas maneiras em que a língua pode ser usada para nos expressarmos, e então criarmos significado. Ao se investigar os traços marcantes de elementos linguísticos entre os gêneros, ao se utilizar uma visão crítica, levando-se em conta as dualidades, polarizações e contradições contidas neles, pode-se compreender melhor os discursos que permeiam essas peculiaridades e suas relações com as diversas práticas sociais que ocorrem em tempos atuais.

### **3 – OBJETIVOS**

#### **3.1. Objetivo Geral**

- Investigar marcas de gênero na interpretação simultânea da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira.

#### **3.2. Objetivos Específicos**

- Identificar os elementos linguísticos que distinguem as diferenças de interpretação entre homens e mulheres;
- Investigar questões textuais referentes à linguagem do homem e da mulher, e à tradução em particular, fazendo uso de observação das estratégias e das modalidades de tradução.
- Verificar os critérios considerados para a seleção dos elementos que se diferem na interpretação;
- Analisar a importância dos elementos selecionados na estruturação do discurso produzido na interpretação que diferem entre os ILS do sexo masculino e as ILS do sexo feminino.
- Teorizar sobre tradução/interpretação da Língua de Sinais Brasileira a partir de dados empíricos.

## **4- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

A Análise Crítica do Discurso articulada com os Estudos Culturais, com os Estudos Surdos e com os Estudos da Tradução, ao enfocar a questão de gênero, tem se mostrado relevante para se perceber como os seres humanos expressam suas identidades, crenças e valores culturais através do uso da língua (HEBERLE, OSTERMANN & FIGUEIREDO, 2006). A investigação do tema referido nesta pesquisa lança luz sobre questões como igualdade de oportunidades, diferenças entre os gêneros e formação profissional, com a finalidade de analisar os discursos produzidos pelos (as) ILS no momento de uma interpretação simultânea da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira.

Sabe-se que os intérpretes de língua de sinais transitam e estão inseridos em múltiplas identidades, pois atuam como mediadores linguísticos e culturais entre duas culturas diferentes, ou seja, a cultura surda e a cultura ouvinte. Portanto, os aspectos culturais e as representações sociais existentes entre homens e mulheres repercutem no ato da interpretação, logo, são também fatores importantes a considerar.

### **4.1. Análise Crítica do Discurso**

Atualmente, embora muito timidamente, o tradutor/intérprete de língua de sinais tem sido objeto de estudo tanto nos Estudos Culturais e Estudos Surdos, quanto em Análise Crítica do Discurso e nos Estudos da Tradução, sendo que essas visões teóricas são convergentes (LIMA, 2006; SANTOS, 2006; VIEIRA, 2007). Alguns desses estudos mostram

as contradições, as preocupações e a importância do trabalho desenvolvido pelo intérprete.

No mundo atual, o progresso tecnológico permite que os diferentes meios de comunicação transmitam uma gama imensurável de discursos. Assim sendo, o discurso vem se tornando um fenômeno tão impactante na vida das pessoas que podemos nos referir aos tempos atuais como sendo a “Era da Informação”. Essa característica do mundo atual por si só já sugere a importância de se ter consciência sobre o discurso, sua produção e seus efeitos. Meurer e Motta-Roth (2002) relatam que a vida social contemporânea nos obriga a desenvolver habilidades tanto de compreender como de produzir textos para poder interagir de forma participativa e crítica no mundo, interferindo na dinâmica social. E aqui entra em cena a Análise Crítica do Discurso, pois, como o termo sugere, é uma área de conhecimento que se dedica a estudar o discurso.

A Análise Crítica do Discurso (ACD), anteriormente denominada linguística crítica, representa uma alternativa multidisciplinar de estudos da linguagem e práticas sociais, que investiga fenômenos discursivos diversos especialmente em relação a questões de poder, ideologia e discriminação étnica, de gênero, sócio-econômica, política e/ou cultural (Heberle, 2000). Atualmente, diferentes correntes de Análise Crítica do Discurso estão em desenvolvimento em vários países, sendo que estas pesquisas serviram de base para o seu fortalecimento. No Brasil, a Análise Crítica do Discurso encontra-se consolidada em algumas universidades, tais como a UFSC, UFRJ, UFMG, UFSM, UNISUL, PUC-SP e PUC-RIO (CALDAS-COULTHARD & FIGUEIREDO, 2004; HEBERLE, 2000).

Na verdade, alguns estudiosos dessa área, como é o caso do precursor Norman Fairclough, afirmam que o discurso atualmente tem efeitos cada vez mais fortes na sociedade enfatizando que praticamente tudo o que acontece no mundo social atual tem alguma ligação com o discurso. A Análise Crítica do Discurso fornece embasamentos teóricos e metodológicos para uma melhor compreensão *do que* as pessoas fazem por meio do discurso, *por que* o fazem e *como* organizam os diferentes discursos de forma a causar impactos desejados ou não.

Fairclough (2001b, apud Meurer e Motta-Roth, 2002) propõe uma teoria social do discurso, numa perspectiva transdisciplinar, que abrange a análise de aspectos estruturais dos textos, as ocorrências linguísticas ligadas a aspectos pragmáticos e funcionais do uso da linguagem; e a análise das práticas sociais e discursivas, dos contextos de produção e interpretação dos textos, sejam eles escritos, falados ou mediados Chouliaraki e Fairclough (1999: 46) explicam

Os primeiros textos foram, claro, escritos, mas os textos da contemporânea interação mediada e quase-interação são também falados, televisuais (combinação de fala, imagem e efeitos de som), ou eletrônicos (e-mail). Até mesmo textos ‘escritos’ são crescentemente multisemióticos. [...] O termo ‘texto’ não é ideal para essa diversidade de formas porque sugestiona ainda poderosamente linguagem escrita, mas nós o usaremos na ausência de qualquer alternativa melhor.



Conforme Meurer e Motta-Roth (2002), baseados em Fairclough (2001), textos podem ser entendidos como ‘elementos dos eventos sociais’, pois o contato regular, constante ou frequente com determinados textos pode causar efeitos sobre as pessoas. Textos produzem mudanças e seus efeitos são determinados pela relação dialética entre texto e contexto social. Analisando um texto pode-se perceber que discursos (modo de representar) são realizados em gêneros (modo de agir) e apontados em estilos (modos de ser), assim como gêneros e estilos (ações e identidades) são representados em discursos (MEURER; MOTTA-ROTH, 2002).

Os textos são elementos discursivos dos eventos sociais, e “contribuem para definir os sentidos construídos nas práticas sociais” (MAGALHÃES, 2004, p. 2). As práticas sociais, por sua vez, são “articulações de diferentes tipos de elementos sociais com áreas particulares da vida social, meios de controlar a seleção de certas possibilidades estruturais e a exclusão de outras; e a retenção dessas seleções no decurso do tempo, em áreas particulares da vida social” (FAIRCLOUGH, 2003:23-24 apud MAGALHÃES, 2004:2).

O conjunto de possibilidades estruturais controlado pelas práticas sociais são as estruturas sociais, e um bom exemplo são as línguas. Vários pesquisadores na área de estudos da linguagem têm mostrado que os textos refletem e constroem relacionamentos e identidades de toda ordem (LIMA, 2006; SANTOS, 2006; VIEIRA, 2007; HEBERLE, OSTERMANN & FIGUEIREDO, 2006; CALDAS-COULTHARD & FIGUEIREDO, 2004 e HEBERLE, 2000). É de fundamental relevância ter em mente que um dos focos de interesse da ACD é desvendar

questões de relacionamentos assimétricos e de identidade, daí surge sua importância numa investigação sobre marcas de gênero.

Segundo Fairclough (2001) apud Meurer (2007) a ACD procura discernir as relações entre a linguagem e outros elementos da vida social que são “opacas”, tais como o papel da linguagem nas relações de poder e dominação, a negociação de identidades pessoais e sociais em seus aspectos semióticos e linguísticos. Para a análise linguística, Fairclough faz uso da linguística sistêmico-funcional de Halliday, sendo esta um dos mais importantes instrumentos capaz de investigar os discursos em relação ao contexto, principalmente, o contexto da situação e o contexto de cultura (MEURER, 2007).

Heberle (2000: 294) comenta que:

Fairclough propõe que se examine o discurso como reflexo, reprodução e perpetuação de relações sociais existentes. Ao mesmo tempo, o discurso funciona como transformador dessas relações, contribuindo para a construção de identidades sociais, de relacionamentos entre as pessoas e, de modo mais amplo, de nossos sistemas de valores e crenças.

A Análise Crítica do Discurso, conforme proposta por Fairclough (2003) apud Meurer (2007) investiga e estuda a relação dialética que existe entre o discurso e outros elementos de práticas sociais. Sua preocupação especial é com as mudanças que estão acontecendo na vida social contemporânea: com o modo como o discurso se configura dentro

dos processos de mudança, e com as alterações na relação entre o discurso e outros elementos nas redes de práticas. Fairclough (2003 apud Meurer, 2007) ainda afirma que ‘prática social’ é entendida como uma forma relativamente estável de uma atividade social sempre incluindo o discurso. Alguns exemplos seriam: o ensino na sala de aula, uma notícia de TV, as refeições em família e consultas médicas.

Com base nas funções semânticas *ideacional*, *interpessoal* e *textual*, de Halliday (1994), Fairclough explica que dentro da perspectiva teórica da Análise Crítica do Discurso, o discurso representa uma parte da realidade, desvela e constrói traços identitários dos sujeitos envolvidos na interação e estabelece relações entre os participantes do evento discursivo.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) pressupõe o discurso como parte inerente à sociedade e, como tal, é capaz de criar, reforçar ou desafiar identidades, formas de relacionamento, conhecimentos, crenças, pressupostos, enfim, visões de mundo. De modo geral, cabe descrever práticas discursivas identificando práticas sociais injustas que têm lugar na sociedade – e que não são questionadas, mas sim aceitas de forma passiva como se fossem naturais – com a finalidade de desvelar, desmitificar e desafiar relações de poder, opressão e dominação social (MEURER, 2007).

Assim, o objetivo primeiro da Análise Crítica do Discurso (ACD) é desconstruir, em diferentes manifestações discursivas, questões de dominação, opressão, manipulação, discriminação, abuso de poder, enfim questões que geram desigualdade social. Desse modo, visa expor as ideologias dos produtores de discurso a partir de suas práticas discursivas para, então, lutar contra essa desigualdade promovendo

mudança social. Juntamente a esse objetivo está a crença de que há uma relação intrínseca entre discurso e estrutura social. Tal crença considera que o discurso se relaciona a formas de poder e ainda a formas de continuidade ou mudança social (FAIRCLOUGH, 2001a). Essa perspectiva remete à noção de que o discurso não é neutro, visto que, ao se interligar a estruturas sociais, vincula o comportamento linguístico à ideologia. Há, portanto, um elo entre discurso, formas de poder e ideologia. A Análise Crítica do Discurso empenha-se em expor este elo e, especialmente, aqueles que passam despercebidos – como senso comum.

Analistas críticos do discurso acreditam que o poder da linguagem está na sua característica constitutiva. De acordo com Fairclough (1992, 2001), a linguagem tanto constitui a sociedade que a regula quanto é constituída por ela. Desse modo, ao mesmo tempo em que práticas sociais naturalizam-se por meio do discurso e, assim sendo, são por ele reforçadas e legitimadas, elas também podem ser desafiadas por esse mesmo meio. (MEURER, 2007).

Como visto anteriormente, é papel dos analistas críticos do discurso expor ideologias ocultas por detrás do discurso a fim de tornar o maior número possível de pessoas conscientes de que nem tudo que é senso comum é natural, mas sim *naturalizado* por tradições e convenções sociais que, conseqüentemente, podem perpetuar relações desiguais de poder. Assim, quando as práticas discursivas forem percebidas – explicitamente expostas – como sendo não-fatos ou fenômenos irreversíveis e sim criações e construções sociais ‘inventadas’ pelos próprios indivíduos, tenderão a ser questionadas,

podendo perder sua potencialidade de sustentar práticas sociais baseadas na desigualdade (FAIRCLOUGH, 1989 apud MEURER, 2007).

Ao analisar as interpretações realizadas por ILS homens e por ILS mulheres, a pesquisadora precisou utilizar o que se denomina “lentes críticas” (HEBERLE, 2004), ou ainda, “lentes de gênero” e procurou manter certo distanciamento em relação ao evento discursivo investigado, a fim de conseguir alcançar uma análise realmente crítica da situação e do contexto em que a interpretação se efetivou, pois Fairclough (2003) acredita que ao usarmos a linguagem, participamos ativamente na construção de significados e é pelo discurso que podemos resistir e desconstruir esses significados.

Portanto, é importante lembrar que a Análise Crítica do Discurso está embasada em pressupostos funcionalistas. Com isto, os analistas críticos do discurso enfatizam a relevância do estudo da relação entre estrutura linguística e estrutura social. Nesse sentido, a ACD incorpora, também, pensamentos do russo Mikhail Bakhtin para quem o uso de linguagem não é individual, mas social e para quem o significado de uma palavra não é intrínseco a ela, mas dependente do contexto e do falante. Como relata o próprio Bakhtin (2002, p. 43), “a organização hierarquizada das relações sociais exerce influência poderosa sobre as formas de enunciação”.

Dessa relação de influência mútua entre discurso e sociedade, aflora a influência do discurso nas crenças e conhecimentos dos indivíduos, na constituição de suas identidades e, ainda, no modo como se relacionam; da mesma forma que as crenças e conhecimentos, assim como as identidades e relações determinam o uso de linguagem. Enfim, o discurso revela quem somos refletindo nossa visão de mundo e do

outro e, ainda, o modo como nos relacionamos com esse outro (MEURER, 2007).

É pertinente considerar aqui a organização retórica ao se descrever as unidades de um discurso determinado, sendo esta uma das possibilidades da Análise do Discurso, entre as suas múltiplas aplicações no estudo da linguagem. Além disso, cada unidade tem também uma função específica. A fim de esclarecimento, pode-se dizer que a organização retórica é a maneira típica em que um determinado texto é organizado por quem o constrói, ou melhor, é a maneira como um texto é composto em unidades funcionais, ou estágios, de modo a formar um todo coerente. Assim, quem analisa um texto/discurso, compreende-o melhor ao reconstruir a sua organização. (TOMITCH, 1996).

Não é comum, no entanto, encontrar pessoas que pensam e refletem acerca do que dizem, ouvem ou fazem. Então, não se percebe que as ações e que os discursos – por mais simples que possam parecer – têm reflexos na formação de indivíduos e de estruturas sociais; e é assim que se (re) constitui o mundo em que vivemos, reforçando ou desafiando a realidade, assim como nossas identidades e relações sociais.

Para os fins dos estudos em Análise Crítica do Discurso, *ideologia* refere-se ao sistema de conhecimento, pensamento, valores e crenças que as pessoas constroem ao longo de sua história por meio de suas interações sociais com o outro; e é esse sistema que determina a representação do *real* (MEURER e DELLAGNELO, 2008). Se esse sistema é construído por meio das interações com o mundo que nos rodeia, então ele pode ser entendido como uma construção social, uma

vez que a forma como cada um de nós vê o mundo reflete a forma como aqueles que pertencem ao nosso meio social vêem o mundo, pois foram com essas pessoas que interagimos ao longo de nossa história. Isso explica por que membros de um mesmo grupo social tendem a compartilhar idéias semelhantes a respeito de certos aspectos da *realidade* e, também, por que grupos sociais distintos tendem a diferir em seu modo de *ler* o mundo. (MEURER e DELLAGNELO, 2008).

Queremos dizer que, independentemente da visão de mundo que temos, nossas representações são normalmente carregadas de ideologias, ou seja, de *verdades*. Não podemos esquecer, no entanto, que essas *verdades* podem ter consequências sociais, já que muitas delas são injustas e discriminatórias na medida em que são impregnadas de relações assimétricas de poder e dominação e cooperam para a legitimação do domínio injusto de uns sobre outros. Grande parte dos (as) falantes/escritores tendem a codificar, em seu comportamento linguístico (léxico, estrutura sintática), representações discriminatórias do *real*, de modo inconsciente e ingênuo. Na verdade, é aí que está o maior problema da ideologia, ou seja, seu status de senso comum. Sem pensar, terminamos por reproduzir relações assimétricas de poder como se fossem aspectos naturais da vida humana. (MEURER e DELLAGNELO, 2008:45).

Resumindo, visto ser o discurso uma forma de ação social com o poder de criar, reforçar ou desafiar conhecimentos, valores, crenças, preferências, identidades e formas de relações sociais, a ACD torna-se de fundamental importância devido ao seu posicionamento crítico mediante a desigualdade social, pois procura conscientizar as pessoas acerca do valor e do poder da linguagem na formação das estruturas sociais. Não se pode esquecer, portanto, o seu objetivo principal que é *desnaturalizar o naturalizado* e promover mudança social e emancipação.

As reflexões realizadas ao longo deste tema possibilitam uma análise dos importantes aspectos aqui abordados relativamente ao poder da linguagem, assim como possibilita o desenvolvimento de uma consciência linguística permitindo, acima de tudo, motivação para a desconstrução de questões que geram desigualdades sociais (dominação, opressão, manipulação, discriminação, entre outras) nas mais diversas manifestações discursivas com que se possa deparar. Para isso, é importante ter presente a relação mutuamente constitutiva envolvendo estrutura linguística e estrutura social, que traz consigo a noção de que “o discurso não é neutro, mas sim carregado de ideologias que dão suporte a formas de poder – ambos (ideologia e poder) muitas vezes naturalizados e tomados como senso comum.” (MEURER e DELLAGNELO, 2008:45).

## **4.2. Estudos Culturais**

Para dar início ao breve texto que segue e que decorre sobre os Estudos Culturais é pertinente definir e contextualizar o referido tema.



Assim, os Estudos Culturais são estudos cuja discussão teórica se ocupa de cada cultura e investiga o que envolve seus espaços. Segundo Silva (2005) eles surgiram no momento em que houve a preocupação em investigar o desaparecimento de uma cultura em detrimento de outra considerada de maior valor cultural. O surgimento dos Estudos Culturais foi uma invenção britânica, no sentido de entender o porquê de algumas culturas orgânicas desaparecerem. Eles ressaltam a investigação e as formações culturais, onde elas se desenvolvem, sendo percebidas tanto sob o ponto de vista político, quanto sob o ponto de vista teórico para construir um espaço de estudo. “Os Estudos Culturais pretendem que suas análises funcionem como uma intervenção na vida política e social.” (SILVA 2005:134).

Costa (2005:107) ressalta que:

Os Estudos Culturais constituem um campo novo de saberes, com pouco mais de cinquenta anos, e algumas de suas peculiaridades mais saudáveis, do meu ponto de vista, são a vocação para o cruzamento de fronteiras, para uma hibridação de temas, problemas e questões, para um certo tipo de pós ou antidisciplinaridade e para uma rejeição aos cânones.

Considera-se de fundamental importância compreender os Estudos Culturais, pois estes dão base teórica às pesquisas relacionadas aos espaços culturais, militâncias, relações de poder vigentes nos

processos culturais. Os Estudos Culturais também fornecem suporte argumentativo que os próprios movimentos culturais podem se fazer valer. Em conformidade com essas possibilidades as pesquisas sobre o intérprete de Língua de Sinais se valem desses estudos para fazer investigações e examinar as relações culturais e de poder.

É crescente o número de pesquisas que têm se utilizado dos Estudos Culturais como base teórica, graças à sua importância no desapego por velhos paradigmas e visões embaçadas sobre cultura. Estas visões são projetadas socialmente e por esse fato é, também, pertinente considerar nessa dissertação sua estreita ligação à Análise Crítica do Discurso. Os Estudos Culturais consideram toda forma de expressão da cultura valorizando cada uma na sua especificidade. Segundo Thoma (2002:43), “os Estudos Culturais estão envolvidos tanto com uma discussão teórica quanto política e a cultura é tanto o objeto de estudo e o foco no qual se dão as análises, quanto o terreno de intervenção política”. Então, é pertinente levar em conta que os Estudos Culturais embasam um número considerável de trabalhos realizados no campo da tradução/interpretação, bem como na educação de surdos, podendo referenciar alguns como: Santos (2006); Lopes (2007); Rosa (2005) e Vieira (2007).

Quando se fala em educação de surdos, automaticamente, lembra-se de seus direitos a uma educação plena e de qualidade. Lembra-se também que, para que isso ocorra, várias condições são necessárias, dentre elas está a presença do Intérprete de Língua de Sinais. Então, pode-se perceber que essa fusão entre tradução, educação de surdos e intérprete é algo inevitável. Assim sendo, a realidade do ILS no campo educacional passa a ser alvo de interesse para os estudos Culturais, visto

que esse profissional encontra-se em zonas fronteiriças levando em consideração a cultura surda e a cultura ouvinte. O ILS está, frequentemente, na região de contato com a cultura surda. O ILS participa dessa cultura mesmo que seja como “hóspede ou visitante”. Contudo, a relação cultural que o intérprete mantém com as pessoas surdas e sua situação neste contexto é foco de investigação para os Estudos Culturais. Nelson, et al. (1995:14) relatam que nos Estudos Culturais:

A cultura é entendida tanto como uma forma de vida – compreendendo idéias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder – quanto como toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante

Os Estudos Culturais, em convergência com a Análise Crítica do Discurso, contribuem para a descoberta de novos valores culturais, entre eles os aspectos da cultura surda e, conseqüentemente, do intérprete de Língua de Sinais com suas identidades, subjetividades, culturas, alteridade, enfim, características que constroem e desconstroem a formação de um ILS. Assim como a ACD, Santos (2006) afirma que, quando nos referimos aos Estudos Culturais, outros assuntos também estão vinculados à cultura como, por exemplo, as representações, as subjetividades, as identidades, as diferenças, as questões étnicas, de gênero e sexualidade. As relações entre esses tópicos deram aos Estudos Culturais um caráter interdisciplinar. De acordo com Santos (2006:12):

Esses tópicos discutidos nos Estudos Culturais são elementos que sustentam as questões da contemporaneidade. Vivemos em fase de mudanças, de deslocamento, de indagações sobre as identidades. Essa fase é marcada pelos reflexos da globalização, das transformações sociais, da emergência de grupos culturais que migram dos espaços mais variados possíveis. Esses são alguns dos exemplos que instigam reflexões sobre a sociedade atual.

Ainda segundo o pensamento de Santos (2006:13):

Tais acontecimentos assinalam o reflexo de que a globalização tem produzido nos dias atuais e de que forma a mesma nos atinge enquanto sujeitos, seja qual for o lugar que ocupemos na sociedade. Esses reflexos se traduzem na fragmentação das identidades, no hibridismo entre os diferentes e variados pontos de vista a despeito de entender como nos tornamos seres culturais.

A questão das identidades, um dos pontos primordiais dos Estudos Culturais, surge com mais força nos trabalhos que discutem a heterogeneidade e hibridação de algumas delas, como as de gênero, de etnia, de surdo, de intérprete, entre outras. Costa (2005:108) afirma que os Estudos Culturais surgem

Em meio às movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso.

Podemos afirmar que a educação se dá em diferentes espaços do mundo contemporâneo, sendo que as escolas e universidades são apenas alguns deles. Nesses espaços se faz presente o estudante surdo e, junto com ele, todas as suas necessidades para um bom desenvolvimento social, educacional, político, linguístico, comunicativo e cultural. Uma destas necessidades é a presença do intérprete de Língua de Sinais.

Concluindo, é possível verificar que não há como ignorar essa estreita ligação e, porque não dizer, essa união, essa relação entre culturas e diferentes identidades. As pessoas são seres construídos culturalmente e esta relação reflete o resultado de uma luta de poderes, forças, saberes e práticas que demandam a produção de diversos tipos de sujeitos com suas particularidades, subjetividades e identidades. É nesse sentido que os Estudos Culturais têm enfatizado a produtividade dos poderes e saberes na organização da vida em sociedade.

#### **4.3. Os Estudos Surdos e o intérprete de língua de sinais**

Quando um assunto envolve comunidade e cultura surda, assim como o intérprete de língua de sinais, é inevitável não entrar em pauta a

questão dos “Estudos Surdos”. A expressão “Estudos Surdos” surgiu no Brasil a partir de uma tentativa de tradução dos chamados *deaf studies* que eram realizados por pesquisadores de outros países, principalmente dos Estados Unidos. É difícil determinar a origem dos *deaf studies*; mas com alguma segurança, pode-se afirmar que o linguista Willian Stokoe foi um dos primeiros pesquisadores que, aproximadamente em 1960, começou a produzir pesquisas nesse campo (FERNANDES, 1990; QUADROS e KARNOPP, 2004).

Stokoe utilizava critérios linguísticos para afirmar outro *status* para a língua de sinais, tendo descrito a Língua Americana de Sinais como uma língua natural de um grupo cultural específico. Com tal afirmação, Stokoe torna visível que a “estrutura cultural” dos sujeitos surdos é constituída de outra forma, na medida em que a língua está estritamente vinculada à cultura.

Vinte anos depois desses estudos, Stokoe publicou *Sign and culture*, insistindo na relação entre comunidade, cultura, língua e comunicação. A partir de tal entendimento, muitos pesquisadores dedicaram-se a analisar e a problematizar aspectos relacionados à língua de sinais em seus respectivos países. No Brasil, tal discussão não tardou a chegar. Por volta de 1980, no Rio de Janeiro e em São Paulo, alguns pesquisadores, educadores, psicólogos, filósofos e sociólogos foram aos poucos se filiando à questão surda. Buscaram entender como a língua de sinais atravessava as identidades dos sujeitos que a compartilhavam. (LOPES, 2007)

A história do povo surdo, embora marcada por episódios em que a diferença surda passa a ser mencionada e “aceita”, é construída por muitos movimentos de oposição e resistências. Com as conquistas

surdas e as “descobertas” em torno da língua de sinais, os surdos começaram a reivindicar, juntamente com linguistas, historiadores, antropólogos, psicólogos e ILS, outras condições de vida. A luta pelo reconhecimento da língua de sinais ocupou o cenário com maior expressão social, política e cultural só a partir do final da década de 1980 e início da década de 1990 do século XX. Mais precisamente, no ano de 2000 houve a oficialização da Lei da Acessibilidade pela Lei 10.098/00. O reconhecimento da Língua de Sinais Brasileira efetivou-se com a Lei Federal nº 10.436 de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005.

Atualmente, devido às conquistas da comunidade surda, em articulação com pesquisadores de várias instituições, criaram-se alguns cursos em nível superior de tradutor/intérprete de Língua de Sinais Brasileira (TILS) oferecidos pelas universidades federais brasileiras. Na linha de discussões recentes, no XV Congresso Mundial de Pessoas Surdas, realizado em Madri em julho de 2007, os surdos reafirmaram que as pessoas surdas têm os mesmos direitos humanos que os outros grupos sociais e que a diversidade é um fator intrínseco à comunidade surda. No documento, traduzido por Irene Lagranha, da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS/RS), é mencionado o reconhecimento da língua de sinais como um instrumento cultural. Cabe acrescentar que a língua de sinais pode ser entendida de certa maneira como a materialização da própria cultura. (LOPES, 2007).

As línguas de sinais são instrumentos essenciais para transmitir cultura e conhecimento. O *status* e o reconhecimento das línguas de sinais no mundo devem ser reforçados mediante políticas

linguísticas, pesquisas e ensino da língua de sinais. (DECLARAÇÃO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS, 2007).

Contudo, neste momento realizar-se-á uma aproximação entre os Estudos Surdos e os Estudos Culturais a fim de refletir sobre a relação de poder que ocorre entre a cultura surda e a cultura ouvinte, bem como a relevância e influência deste contexto que emerge na função e formação do tradutor/intérprete de língua de sinais, pois este está intimamente ligado à comunidade surda. Ambos apresentam-se fortemente relacionados pelo fato de perceberem o sujeito como o “Outro” diferente em sua essência, respeitando seu modo de ser, de pensar e agir, principalmente, mediante o valor cultural que o cerca. Entretanto, o objetivo aqui é aguçar algumas reflexões sobre a relação de poder e, porque não dizer, de violência simbólica que os espaços culturais exercem sobre o Outro, levando sempre em consideração as contribuições e as discussões dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos.

Os Estudos Surdos e os Estudos Culturais mostram que existem vários grupos que lutam incessante e incansavelmente pela criação, reconhecimento e efetivação de inúmeras leis, resoluções, decretos, entre outros. Esses grupos crescem, se multiplicam e se fortalecem a cada dia em prol de uma mesma causa, de um só ideal, de um único objetivo, ou seja, lutam pelos seus direitos de cidadãos. A sociedade, durante muitos anos transcorreu no sentido de marcar o surdo nas condições de inferioridade, menos valia, isto é, de um sujeito “Outro” do ouvinte (SANTOS, 2006).



Atualmente, nos discursos mais recentes dos Estudos Surdos, dos Estudos Culturais e da Análise Crítica do Discurso, a surdez é entendida como construção social, sendo que o discurso é visto como prática social. Lulkin (2000:19) remete à historicidade dos conceitos e como seus sentidos se alteram segundo perspectivas teóricas e posições políticas. “Os surdos se olham e se constroem a partir das suas diferenças culturais, das suas histórias, da sua língua, das suas subjetividades, das identidades, tornando a surdez um processo cultural”. No ponto de vista cultural surdo, a perspectiva surdez como questão biológica e deficiência se traduz no termo “ouvintismo”, criado por Skliar (1997:15) para descrever “práticas discursivas e dispositivos pedagógicos colonialistas, em que ser, poder, conhecer dos ouvintes constituem uma norma, não sempre visível, por meio da qual tudo é medido e julgado”.

Esse outro olhar, que tem sido mostrado pelos próprios surdos em relação a suas produções culturais, a sua diferença, suas reivindicações nos mais variados campos justifica a relação dos Estudos Surdos com os Estudos Culturais. Entendem-se as aproximações culturais dos surdos como significantes, uma vez que os Estudos Culturais compreendem que todas as produções culturais são relevantes e precisam ser estudadas. Os Estudos Culturais convergem com os Estudos Surdos, pois consideram os múltiplos jeitos de ser surdo dentro de um processo histórico. A visão dos campos teóricos investigativos dos Estudos Culturais faz uma aproximação com os Estudos Surdos ao referenciar a experiência visual, as múltiplas identidades, ao enfatizar a cultura surda, bem como as lutas do povo surdo pela garantia do intérprete de língua de sinais.

Os Estudos Culturais possibilitam uma leitura e entendimento das diferentes estratégias culturais em relação às posições de poder nos espaços de conflitos e movimentos de lutas. Nesse campo teórico há a possibilidade de analisar a produção de significados do tradutor/intérprete de língua de sinais, situado em diferentes posições de poder. Com isto, discutir-se-á questões em torno da cultura surda e do tradutor/intérprete de língua de sinais. Existem várias pesquisas que discutem questões vinculadas às identidades, às culturas e às diferenças dos intérpretes de Língua de Sinais Brasileira (LEITE, 2004; LIMA, 2006; PIRES, 1999; SANTOS, 2006; TUXI, 2009 e VIEIRA, 2007). Contudo, a relação dos Estudos Surdos com os Estudos Culturais acontece na medida em que esses últimos oferecem várias possibilidades que criam e reproduzem discursos a todo o momento a partir das questões culturais, analisam as relações políticas e sociais.

O intérprete de língua de sinais vivencia culturas diferentes, ou seja, a cultura surda e a cultura ouvinte. Ele aprende a interagir nesses espaços que precisam ser negociados descobrindo outras identidades dentro da sua atuação profissional. É comum a necessidade de manifestação de uma nova identidade. Este fato é natural, assim como a construção da identidade de qualquer sujeito e de qualquer profissional. Não há como negar que o TILS apresenta uma cultura híbrida que reflete na sua identidade, sendo esta multifacetada, incerta, construída e desconstruída constantemente. (SANTOS, 2006)

O meio em que o tradutor/intérprete de língua de sinais transita é um ambiente repleto de diferenças culturais, identidades, normas, relações de poder, ou seja, um ambiente onde as relações sociais entre surdos e ouvintes ocorrem frequentemente e o TILS é o mediador destas

relações comunicativas. Assim, a constituição da identidade e da atuação profissional do tradutor/intérprete de Língua de sinais se dá no contato direto e contínuo com surdos e sua cultura, bem como no convívio com o ambiente comunicativo. Todos estes elementos são fatores decisivos na construção das identidades do TILS.

De acordo com Santos (2006: 26)

As mudanças sociais, institucionais, culturais impulsionam os sujeitos a duvidar e ter incertezas sobre suas identidades, isto é, elas deixam de ser estáveis e passam a se deslocar, fragmentam-se e tornam possível ao sujeito identificar-se com múltiplas identidades. Essa escolha pode ser temporária, pois vai depender do espaço social e cultural em que o sujeito encontra-se. As identidades são produzidas dentro das culturas, motivo este que justifica o porquê das mesmas serem culturais. No caso dos intérpretes de Língua de Sinais, a transição entre duas culturas (espaços surdos e espaços ouvintes) multifacetadas, os fazem flutuar entre esses meios, tornando-o uma produção cultural e criando novas significações a partir destas relações desencadeadas.

Santos (2006) explica, ainda, que grande parte da população brasileira apresenta resistência em aceitar o termo “cultura surda”, pois alega que, no Brasil, todas as pessoas são brasileiras independentemente de serem ouvintes ou surdos. Entretanto, é importante considerar alguns aspectos que caracterizam e legitimam a cultura surda. Segundo Wilcox

(2005:77) assim “como ocorre com qualquer outra cultura, seus membros compartilham valores, crenças, comportamentos e, o mais importante, uma língua diferente da utilizada pelo restante da sociedade”. Seguindo a mesma lógica, Quadros (2003:105) coloca “cultura surda como a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos”.

Os tradutores/intérpretes de língua de sinais ao participarem do encontro surdo-surdo e testemunharem as vivências desse grupo acabam, muitas vezes, incorporando o seu modo de ser e estar no mundo, adaptando-se ao mesmo e transformando sua visão enquanto sujeito ouvinte, cidadão e profissional. Existe a necessidade de aperfeiçoamento e desenvolvimento de inúmeras habilidades que não são inerentes à pessoa ouvinte, então nesta mesma perspectiva. Santos (2006: 29) analisa que:

No Brasil, os intérpretes de Língua de Sinais, ao transitarem nas diferentes modalidades de língua, português e libras, necessitam aprender estratégias de competências linguísticas para melhor desempenho nas interpretações. Em relação à Língua de Sinais, necessitam desenvolver a atenção, o olhar para os sinais e para o contexto do tema que está sendo sinalizado. As configurações das mãos, os espaços em que os sinais são produzidos, os movimentos, as expressões faciais, a orientação das mãos são alguns dos elementos linguísticos que compõem a Língua de Sinais, atribuindo a essa língua grau de complexidade do qual os intérpretes precisam ter

domínio. Tal domínio é necessário também para o português, que possui estruturas gramaticais complexas. Essas questões implicam no desempenho da interpretação que os intérpretes de Língua de Sinais realizam.

No sentido de reforçar a complexidade das habilidades envolvidas em uma interpretação, seja ela da língua oral para a língua de sinais ou vice-versa Quadros (2004:27) afirma que:

O ato de interpretar envolve processos altamente complexos. Ele processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte.

A língua de sinais requer o domínio de habilidades visuais, pois é uma língua de percepção essencialmente visual, ou seja, é expressa de forma espacial através das mãos, expressão facial e corporal e captada visualmente. Então, com o tempo, os intérpretes de língua de sinais desenvolvem uma atenção visual através de suas experiências de atuação profissional e contato direto com a comunidade surda. Este profissional, para realizar um bom trabalho de interpretação, necessita do aprimoramento de outras competências tais como: memória, concentração, atenção, conhecimento e compreensão do tema ou assunto que é interpretado e retenção das informações recebidas. Isto se faz necessário porque o intérprete tem o compromisso de interpretação das duas línguas envolvidas, ou seja, da língua oral para a língua de sinais,

bem como da língua de sinais para a língua oral. Os intérpretes de língua de sinais, também, precisam conhecer as discussões que permeiam os movimentos surdos, ou melhor, estar envolvido e ter participação ativa dentro destes movimentos, bem como ter consciência dos discursos que são enunciados neste meio.

De acordo com as palavras de Santos (2006: 30):

O fato dos ILS transitarem entre duas línguas traz consequências além das habilidades visuais e auditivas, isto é, outras questões entram em cena, tais como o hibridismo cultural, uma vez que esses profissionais se deslocam entre fronteiras culturais (de surdos e ouvintes) e se constituem politicamente nesses espaços sociais e culturais que desencadeiam relações amplamente complexas. Relações essas de contestação cultural, de pertencimento ao grupo de surdos são algumas das exigências quando nos posicionamos nas fronteiras entre a LS e o português. Esse lugar nem sempre é confortável, pois vivenciam relações de tensão cultural, em traduzir signos que nem sempre são traduzíveis, de enunciar as diferenças culturais por meio da interpretação, que às vezes se torna limitada.

Ainda acompanhando as reflexões de Santos (2006: 30-31):

Essa movimentação nas fronteiras das línguas as quais os intérpretes vivenciam faz parte da

tradução cultural que leva esses profissionais a se deslocarem cada vez que realizam as interpretações e a experimentarem lugares híbridos. Ao trabalhar em fronteiras culturais, estão em constante movimento.

Hall (2003) afirma que os intérpretes terão de reconhecer que sempre irão trabalhar numa área de deslocamento, se a cultura conquistar suas almas. E os intérpretes de Língua de Sinais vivem nesse espaço de deslocamento que a cultura proporciona. Eles vivenciam na interpretação a constituição linguística a que se expõem, ou seja, Língua de Sinais e Língua Portuguesa movimentam as identidades e práticas desses profissionais.

Os ILS participam de múltiplos contextos de atuação, onde estão expostos a um universo diversificado de situações. Tais situações envolvem contextos educacionais, jurídicos, clínicos, religiosos, entre outros. Então, os intérpretes de língua de sinais não se constituem somente por transitarem entre línguas e culturas diferentes; eles se pluralizam devido a diversos fatores tais como: gênero, cultura, religião, etnia, posição política, etc. Essas questões são elementos que afetam e contribuem na construção dos intérpretes de língua de sinais interferindo em seu desempenho profissional. Santos (2006: 36) nesta mesma lógica de pensamento ressalta que:

Os intérpretes podem ser olhados sob esta perspectiva cultural. É a partir dessa aproximação cultural que estes aprendem a negociar o espaço marcado “entre” surdos e ouvintes. Essa

negociação se desdobra nas questões políticas, linguísticas, profissionais as quais os intérpretes estão expostos.

O intérprete de língua de sinais situa-se no espaço híbrido “entre” surdos e ouvintes, sendo que esta experiência acontece na mediada em que transitam na fronteira cultural no ato da interpretação. É possível observar que esses profissionais desenvolvem as habilidades visuais e se aproximam cultural e linguisticamente das comunidades surdas; no entanto, os intérpretes, indubitavelmente, pertencem ao grupo dos ouvintes. Perlin (2006) coloca a necessidade do intérprete de língua de sinais *voltar para casa*, da necessidade de ouvir e de conviver com seus pares, isto é, o intérprete de língua de sinais, embora faça parte da cultura surda, sempre será ouvinte. Para Santos (2006: 37)

Essas relações que emergem nas fronteiras culturais fazem dos intérpretes, muito mais do que profissionais híbridos no ato interpretativo entre a língua de sinais e o português. Essas relações híbridas convidam os mesmos a se deslocarem e repensarem seus papéis tanto no processo de tradução/ interpretação quanto fora dele.

O tradutor/intérprete de língua de sinais anda em “corda bamba”, equilibra-se entre fronteiras culturais e linguísticas, ou seja, entre a cultura surda e a cultura ouvinte, entre a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa. Nesse contexto, encontra-se, constantemente, em conflito, recusas, dúvidas, tormentos e incertezas na constituição, realização e



atuação profissional. Porém, muitas vezes, no ato interpretativo ou nas vivências com a comunidade surda, também se sente confortável, em sintonia, equilíbrio, harmonia, cumplicidade e aceitação. Segundo Santos (2006: 42)

As pessoas não nascem intérpretes de Língua de Sinais, elas tornam-se intérpretes ao longo da sua inserção nos espaços que surdos transitam, aprendendo por meio da convivência e da aproximação cultural a entender os traços comportamentais, os valores e os sentidos que esses sujeitos atribuem às suas atitudes. Aos poucos, os intérpretes desenvolvem as habilidades que são pertinentes para a sua atuação profissional.

Assim, os intérpretes de língua de sinais transitam por vários elementos como a cultura, o trabalho, a organização profissional, as transformações sociais, as identidades e a comunicação. Percebe-se que o intérprete de língua de sinais não é um profissional que está pronto, acabado, imutável, ele passa por um processo de construção que se constitui em vários fatores culturais, linguísticos, históricos, políticos e sociais.

#### **4.4. Estudos da Tradução**

Para introduzir o tema proposto cabe, em primeiro lugar, discutir brevemente o conceito de tradução.

*Traduzir* no sentido de “passar de uma língua a outra” é uma metáfora do ato físico de transferir. Por sua vez, o próprio verbo *traduzir*, e o seu substantivo derivado *tradução*, são empregados frequentemente para descrever outros fenômenos parecidos. Assim, traduzir significa, de modo restrito, uma operação de transferência linguística e, de modo amplo, qualquer operação de transferência entre códigos ou, inclusive, dentro de códigos (GUERINI, 2008).

Logo, a tradução é necessária porque os seres humanos falam diferentes línguas e também porque ela está presente em diferentes situações e pode variar, por exemplo, entre homem e mulher, criança e adulto, entre classes sociais diferentes ou ainda na linguagem gestual. Com isto, a tradução é uma atividade que existe 'desde sempre'. Não se sabe quando a primeira tradução foi feita, mas, com certeza isso se deu em tempos remotos, sempre que povos, culturas e línguas diferentes estiveram em contato. (GUERINI, 2008)

Nesta seção, será apresentada a natureza dos chamados Estudos da Tradução a partir do relato de alguns teóricos, para citar alguns: Aubert (1994); Bassnett (2003 e 2005); Bartholamei Jr. E Vasconcellos (2008); Gile (1995); Lefevere (1999); Paz (1971) e Venuti (1995). No entanto é relevante considerar que várias contribuições na área apresentam reflexões sobre *o traduzir e a tradução*, discutindo sobre os métodos utilizados pelos próprios tradutores, pois eles mesmos escreveram sobre suas maneiras de traduzir no prefácio de suas traduções (BASSNETT, 2005).

Até a segunda metade do século XX, as reflexões em forma de artigo acadêmico eram publicadas de maneira aleatória, espalhadas em periódicos de campos disciplinares já estabelecidos, ainda não

constituindo um conjunto de conhecimentos agrupados num campo específico. O que faltava, então, até a segunda metade do século XX, era a constituição desse campo de estudos, que tem como objeto de investigação a tradução, como um campo disciplinar institucionalizado (BARTHOLAMEI JR & VASCONCELLOS, 2008).

Sobre este fato, cabe mencionar Bartholamei Jr e Vasconcellos (2008:5) que complementam a idéia com a seguinte colocação:

Tal situação foi percebida por um pesquisador chamado James S. Holmes que, em um congresso de linguística aplicada, sediado em Estocolmo, em 1972, apresentou um trabalho – hoje reconhecido pela comunidade acadêmica como texto “fundacional”, no sentido mesmo de constituir a “fundação” desta área do conhecimento – em que sugeriu um nome para esse campo de investigação científica: “Estudos da Tradução”. Esse trabalho de Holmes [O nome e a natureza dos Estudos da Tradução] – apresentado oralmente em 1972 – só chegou a ser publicado 16 (dezesesseis) anos depois, em 1988.

Continuando a lógica do pensamento de Bartholamei Jr e Vasconcellos (2008:5):

Recentemente, foi incluído entre os textos considerados centrais da área, reunidos em um volume organizado por Lawrence Venuti no ano 2000. É importante lembrar que o fato de o

trabalho de Holmes ter sido incluído nessa coletânea é uma evidência de seu reconhecimento como texto “fundacional”, pela comunidade científica da área. Holmes fez um mapeamento do novo campo disciplinar como uma ciência. Seu mapeamento foi “desenhado” por vários pesquisadores.

Ainda conforme os autores acima citados, a importância de se fazer o mapeamento de um campo disciplinar pode-se justificar em, no mínimo, dois aspectos: primeiro, a inserção do praticante em um campo disciplinar específico, contribuindo para a constituição de seu status de profissional, e segundo a conscientização desse profissional com relação aos possíveis desdobramentos e expansões do campo disciplinar no qual está inserido.

De acordo com Bassnett (2003) os Estudos da Tradução surgiram na década de setenta e manifestam a complexidade de se tentar ler literatura traduzida sem se preocupar em saber se os fenômenos linguísticos e culturais são realmente “traduzíveis” e sem explorar, com alguma profundidade, o conceito de “equivalência”. Para Bassnett (2005) a década de 1980 foi um período de consolidação para a disciplina conhecida como Estudos de Tradução, pois apesar desta ter surgido no cenário mundial no final da década de 1970, foi somente na década de 80 que o assunto passou a ser tratado com seriedade deixando de ser visto como um campo não científico de pesquisa de importância secundária. Segundo Bassnett (2005:12):

Ao longo da década de 1980, o interesse na teoria e na prática de tradução cresceu constantemente. Finalmente, nos anos 90, os estudos de tradução tomaram forma, pois esta mostrou ser a década da sua expansão global. Outrora considerada uma atividade sem grande relevância, a tradução passou a ser vista como um ato fundamental de intercâmbio do ser humano. Hoje em dia, o interesse na área nunca foi tão forte e o estudo de tradução está ocorrendo paralelo com um incremento na sua prática por todo o mundo.

A tradução tem uma função primordial de auxiliar o entendimento de um mundo altamente fragmentado, pois a evolução da mídia eletrônica na década de 1990 e suas implicações para o processo de globalização enfatizaram as questões da comunicação intercultural. Com isto, o século XXI promete ser uma grande era, uma viagem não somente através do espaço, mas também através do tempo. Bassnett (2005:12-13) comenta que:

Compreensivelmente, um ponto importante de desenvolvimento nos estudos de tradução desde os anos 70 tem sido a pesquisa sobre a história da tradução, já que uma análise da forma como a tradução ajudou a moldar nosso conhecimento de mundo no passado nos faz mais capazes de moldar nosso próprio futuro. [...] Todavia, apesar da diversidade de métodos e abordagens, uma característica comum da maioria das pesquisas em

estudos de tradução é uma ênfase nos aspectos culturais da tradução, nos contextos dentro dos quais a tradução ocorre. Outrora vista como um sub-ramo da linguística, a tradução é hoje vista como um campo interdisciplinar de estudo e a indissolúvel conexão entre linguagem e modo de vida tornou-se um foco de atenção acadêmica.

Aproximadamente até a década de 1980 havia uma barreira entre as abordagens culturais e linguísticas para a tradução. No entanto esta característica foi se perdendo com o tempo, pois as mudanças em linguística fizeram com que a disciplina assumisse uma abordagem mais cultural. Atualmente a disciplina de Estudos de Tradução encontra-se em fase de estabilidade usufruindo e contribuindo com técnicas e métodos para outras disciplinas (BASSNETT, 2005).

Os teóricos e os estudiosos têm uma pauta de trabalhos muito mais complexa do que decidir entre o que é bom e o que é ruim; eles estão preocupados, por exemplo, em levantar as diferentes possibilidades abertas para o tradutor, e o modo como essas mudam de acordo com o contexto histórico, social e cultural. Há uma crescente quantidade de pesquisa que reflete esta mais nova e mais complexa pauta, pois na medida em que aumenta a pesquisa em estudos de tradução e os dados históricos tornam-se mais prontamente disponíveis, questões igualmente importantes estão começando a surgir, a respeito

do papel da tradução em formar um cânone literário, das estratégias empregadas pelos tradutores e das normas utilizadas em um dado período no tempo, sobre o discurso dos tradutores, sobre os problemas de dimensionar o impacto das traduções e, mais recentemente, sobre os problemas de se determinar uma ética de tradução. (BASSNETT, 2005: 14-15)

É relevante considerar que no passado o tradutor/intérprete era percebido através de duas imagens diferenciadas. Uma em que era visto como uma influência para o bem (o mocinho), um artista criativo que garante a sobrevivência da escrita através do tempo e do espaço, um mediador e intérprete intercultural, uma figura cuja importância para a permanência e difusão da cultura é inquestionável, em oposição à outra percepção que vê a tradução como uma atividade altamente suspeita (o bandido) na qual se reflete uma desigualdade de relações de poder nos mecanismos da produção textual. Estas desigualdades podem ser em níveis econômicos, políticos, geográficos e de gênero (BASSNETT, 2005).

No novo milênio, o estudo da tradução continuará a enfatizar as relações de poder desiguais que têm caracterizado o processo tradutório. Porém, enquanto, nos primeiros séculos, esta desigualdade foi apresentada em termos de um original superior e uma cópia inferior, hoje a relação é considerada sob outros pontos de vista, que podem ser melhor denominados pós-

coloniais. [...] Como justificativa para repensar o papel e o significado da tradução (alguns autores) estabelecem paralelos com a experiência colonial, pois assim como o modelo do colonialismo era baseado na noção de uma cultura superior tomando posse de uma inferior, o original sempre foi visto como superior à sua “cópia”. Portanto, a tradução estava condenada a existir em uma posição de inferioridade com relação ao texto-fonte de que parecia derivar (BASSNETT, 2005: 16).

Agora, há uma nova ótica sobre a relação entre o texto de partida e o texto de chegada, ou seja, tal desigualdade foi repensada. Tanto a obra original quanto a tradução são percebidas como produtos da criatividade do escritor e do tradutor com valor equiparável, embora seja importante salientar que a tarefa de cada um é diferente. Para Bassnett (2005: 16-17):

O escritor tem a opção de fixar as palavras em uma forma ideal e inalterável, e é tarefa do tradutor liberar estas palavras dos limites da sua língua-fonte e permitir-lhes viver de novo na língua para a qual são traduzidas. Como consequência, os velhos argumentos sobre a necessidade de ser fiel ao original começam a se dissolver.



Se anteriormente o foco estava em comparar o original e a tradução, quase sempre com o objetivo de estabelecer as “falhas”, os “erros” ou o que havia sido “perdido” no processo tradutório, a nova proposta assumiu uma abordagem contrária, procurando não avaliar ou criticar, mas compreender e refletir sobre as mudanças ocorridas durante a tradução de um texto a outro, oferecendo um modelo mais complexo do que a idéia da tradução como uma cópia do original.

O mito da tradução como atividade secundária pode ser desmentido, uma vez que a extensão do elemento pragmático da tradução é aceita e que a relação entre autor, tradutor e leitor é efetivada. Os Estudos da Tradução, portanto, ultrapassaram as distinções que desvalorizavam o estudo e a prática da tradução através do uso de distinções terminológicas tais como ‘científico x criativo’. A teoria e a prática são inseparáveis e não se chocam. O caso dos Estudos da Tradução e da própria tradução é resumido por Octavio Paz (1971) em seu trabalho sobre tradução. Segundo esse autor todos os textos sendo parte de um sistema literário descendente de outros sistemas e a eles relacionado, são “traduções de traduções de traduções”.

Cada texto é único e, ao mesmo tempo, é a tradução de outro texto. Não há texto totalmente original, porque a própria língua, em sua essência, já é uma tradução: em primeiro lugar, do mundo não verbal e, em segundo, pelo fato de todo signo e toda expressão serem traduções de outro signo e outra expressão. Entretanto, este argumento pode ser invertido sem que perca a validade: todos os textos são originais porque toda tradução é

distinta. Toda tradução é, até certo ponto, uma invenção e enquanto tal constitui um texto único (PAZ, 1971:9).

Lefevere ampliou sua preocupação com a tradução para uma investigação do que ele nomeou de *grade conceitual e textual* que prende os escritores e tradutores, sugerindo que: “Os problemas na tradução são causados tanto por discrepâncias em grades conceituais e teóricas quanto por discrepâncias em línguas” (LEFEVERE, 1999:76). Estas grades culturais determinam o modo como a realidade é construída no texto-fonte e no texto-meta, e a habilidade do tradutor em manipular estas grades determinará o sucesso do resultado. Lefevere afirma, ainda, que estas grades culturais evidenciam a criatividade do tradutor, pois ele está envolvido em um complexo processo criativo.

Venuti (1995), por sua vez, também insiste na criatividade do tradutor e em sua presença visível em uma tradução. A pesquisa sobre a visibilidade do tradutor foi de tal importância na década de 1990, que pode ser vista como um marco divisório de desenvolvimento dentro do tema como um todo. Conforme Venuti a tradução com sua lealdade tanto à cultura da língua-fonte quanto à da língua-meta “é um lembrete de que nenhum ato de interpretação pode ser definitivo” (VENUTI, 2002:46). “A tradução é, portanto, um ato perigoso, com potencial subversivo e sempre significativo. Na década de 1990, a imagem do tradutor servil foi substituída pela do tradutor visivelmente manipulador, um artista criativo mediando entre culturas e línguas” (BASSNETT, 2005:20).

A pesquisa de Jacques Derrida abriu as comportas para uma reavaliação da importância da tradução não apenas como uma forma de comunicação, mas também como continuidade. Afirma-se que a tradução garante a sobrevivência de um texto. A tradução de fato se torna a vida após a morte de um texto, um ‘original’ novo em outra língua. Esta visão positiva da tradução serve para reforçar a sua importância como um ato de comunicação intercultural e intertemporal (BASSNETT, 2005:21).

Os Estudos da Tradução, portanto, estão explorando uma nova área, estabelecendo uma ponte sobre as lacunas existentes entre as vastas áreas que atuam com a linguagem. Porém, não se pode esquecer que esta é uma disciplina que está fortemente ligada à prática. Ao tentar definir o objetivo dos Estudos da Tradução, Lefevere (1999) sugeriu que o seu propósito seria o de produzir uma teoria abrangente, que também pudesse servir como orientação para a produção de traduções, com isto, a clara intenção do autor de relacionar a teoria com a prática é inquestionável.

Corroborando com este pensamento, Bassnett (2005:28-29) afirma:

A necessidade de um estudo sistemático da tradução surge justamente dos problemas encontrados durante o próprio processo tradutório, e é tão essencial para quem trabalha no ramo trazer a sua experiência prática para a discussão

teórica, como o é aplicar uma maior percepção teórica na tradução de textos. Separar a teoria da prática, colocar os teóricos da tradução contra o tradutor, conforme tem ocorrido em outras disciplinas seria, realmente, trágico.

Neste sentido, com a proposta de relacionar a teoria com a prática vivenciada na atividade de interpretação e tradução de Língua de Sinais Brasileira será utilizada a informação colhida por Bartholamei Jr & Vasconcellos (2008) que realizaram uma consulta a *St. Jerome Publishing10* – uma das mais importantes editoras de obras vinculadas aos Estudos da Tradução no mundo ocidental – e verificaram que novos interesses disciplinares estão emergindo, adquirindo importância e sendo apresentados como áreas sistematizadas e consolidadas, como é o caso de interpretação de línguas sinalizadas (“signed languages”), que passam a constituir ramos do campo disciplinar na atualidade.

Cabe esclarecer que embora o termo utilizado por esta editora seja “línguas sinalizadas” a referência é direcionada a “língua de sinais”. O termo citado é mencionado como sinônimo de língua de sinais de forma equivocada, pois houve falta de entendimento a respeito da distinção entre ambos. Sabe-se que existe uma diferença atenuante entre estas duas expressões, sendo que a *língua sinalizada* baseia-se no uso de sinais e gestos para interpretar uma determinada língua oral e a *língua de sinais*, por sua vez, é uma língua formal, com estrutura própria.

É interessante considerar que a formação de tradutor e intérprete se mantém como preocupação dos Estudos de Tradução, que buscam desenvolver, no momento atual, recursos institucionalizados para a preparação de seus futuros membros e para sua inserção no mercado de

trabalho. Este importante fator prima pela qualidade e reconhecimento desta profissão. Buscam, também, teorizar sobre a prática de traduzir e interpretar elencando questões fundamentais para o desempenho desta função, como é o caso do uso de competências linguísticas e competências referenciais.

Outra questão, porém não menos importante, é o esclarecimento a respeito da diferença entre tradução e interpretação, bem como o conceito de fidelidade. Este último comumente usado como categoria para definir a qualidade e adequação de trabalhos de tradução e interpretação (BARTHOLAMEI JR & VASCONCELLOS, 2008).

É oportuno esclarecer que nesta dissertação os termos *tradução* e a *interpretação* serão tratados enquanto áreas ‘irmãs’, do mesmo campo disciplinar Estudos da Tradução, concordando com alguns teóricos, (por exemplo, Gile, 1995), que a formação, tanto de tradutores quanto de intérpretes, é fundamentada em conceitos básicos, comuns aos dois tipos de atividade tradutória. A constituição da ‘natureza’ dos Estudos da Tradução se baseia na percepção de que ‘teorizar’ faz parte do ‘olhar sobre a prática’ e da ‘institucionalização’ do ofício.

Aubert (1994) afirma que a tradução envolve, no mínimo, dois tipos de *competências*, a saber: competência linguística e competência referencial. Embora suas reflexões estejam diretamente ligadas à *tradução*, elas podem ser estendidas à *interpretação*, uma vez que tratam de competências comuns às duas modalidades.

A *competência linguística* diz respeito ao domínio dos códigos linguísticos que estão em contato no ato tradutório, incluindo entendimento, por parte do tradutor/intérprete, de questões ligadas ao léxico, sintaxe, morfologia, entre outros. É importante salientar que essa

competência deve ser desenvolvida para as duas línguas em contato. Segundo Bartholamei Jr & Vasconcellos (2008:15) “A competência linguística é uma *condição essencial* – ou seja, sem ela não é possível realizar um ato tradutório – mas *não suficiente* – ou seja, apenas o conhecimento dos dois códigos não faz de um indivíduo um tradutor/intérprete.”

Para Aubert (1994), a *competência referencial* se refere ao desenvolvimento da capacidade de buscar conhecer e se familiarizar com os *referentes* dos diversos universos em que uma atividade de tradução/interpretação pode ocorrer. Em outras palavras, um tradutor/intérprete pode não ter competência referencial numa determinada área de conhecimento, mas pode aprender a buscar esse conhecimento por meio de estratégias específicas e, com isto, familiarizar-se a ele a fim de desempenhar uma tradução/interpretação de melhor *qualidade*.

Um conceito comumente usado como categoria para definir a *qualidade* de trabalhos de tradução/ interpretação é o de ‘fidelidade’. É sempre bom lembrar que a compreensão da natureza do conceito de ‘fidelidade’ possibilita o entendimento da *autonomia* do tradutor/intérprete, cuja leitura do texto de partida é, inevitavelmente, um produto de sua época, suas concepções teóricas e suas realidades. Neste sentido Bassnett (2005:51-52) argumenta que:

O tradutor deve ter em mente os seus aspectos autônomo e comunicativo, e qualquer teoria de equivalência deveria levar em conta ambos os elementos. A equivalência na tradução, portanto, não deve ser abordada como uma busca pela

igualdade, visto que a igualdade não pode sequer existir entre duas versões em LM do mesmo texto, ainda menos entre as versões em LF e LM.

Arrojo (1986) problematizou, de forma rigorosa e marcante, o conceito de fidelidade. Ela questiona a possibilidade de uma tradução ser inteiramente fiel ao texto ‘original’, propondo uma redefinição do conceito. Arrojo discute o processo de construção de significado, mostrando que uma palavra não tem um sentido fixo e único, imediatamente decifrável por qualquer indivíduo. Assim, “não existe uma linguagem capaz de neutralizar as ambiguidades, os duplos sentidos, as variações de interpretação, as mudanças trazidas pelo tempo ou pelo contexto” (ARROJO, 1986:17).

Ao trazer essa discussão para a tradução, Arrojo questiona o conceito de fidelidade enquanto transferência total dos significados de um texto em uma língua, para outro texto em outra língua, argumentando que nenhuma tradução é capaz de recuperar a totalidade do ‘original’, já que revela, inevitavelmente, uma leitura, uma interpretação desse texto e não o ‘transporte’ de seu conteúdo para uma nova língua: “[...] o que acontece não é uma transferência total de significado, porque o próprio significado do ‘original’ não é fixo ou estável e depende do contexto em que ocorre.” (ARROJO, 1986:23).

Como se percebe, o conceito de fidelidade é complexo e merece grande atenção. Aubert (1994:116) lembra que:

[...] o compromisso de fidelidade não se define tão somente na direção do original. O tradutor há de ter [...] um compromisso de fidelidade também

para com as expectativas, necessidades e/ou possibilidades dos receptores finais. Ou, mais apropriadamente, com a *imagem que tal tradutor faz de tais expectativas, necessidades e possibilidades*.

Aubert (1994), assim como Arrojo (1986), afirma que, inevitavelmente, o tradutor/intérprete constrói imagens da realidade, ele representa aquilo que imagina serem as expectativas, necessidades e possibilidades do público-alvo de sua tradução e produz um texto que busque atender a esse novo contexto.

Gile (1995), por sua vez, propôs um conjunto de conceitos e modelos básicos para a formação de tradutores e intérpretes e faz uso de uma abordagem empírica à questão da fidelidade. O autor comenta que a ‘fidelidade’ é o conceito mais utilizado para avaliar traduções e aponta que o maior problema com essa atitude está no fato das línguas não serem totalmente similares, ou seja, não existe correspondência par a par entre os seus elementos constitutivos. Além desse problema, existe a questão da inevitável intervenção do tradutor/intérprete, como consequência de seu contexto histórico, social e temporal. Entretanto, conforme menciona Gile (1995:49-50):

Os alunos encontram dificuldade em aceitar a idéia de que mudar uma construção ou adicionar ou apagar palavras durante a tradução não significa uma quebra de fidelidade. Chegam à universidade com a idéia congelada de fidelidade como correspondência um a um. A consequência



é que tendem a ser conservadores em seu processo de tomada de decisão ao traduzir/interpretar.

Gile (1995) explica que existem diferenças na tradução/interpretação de uma mesma mensagem em termos de ganhos e perdas de informação. Para ele, ganhos ocorrem quando as verbalizações apresentam informações que não estavam presentes no texto de partida. E as perdas acontecem quando as informações estavam presentes no texto de partida e são omitidas na produção do texto de chegada.

Sobre perdas e ganhos de informação no ato tradutório, Bassnett (2005:52) comenta:

Uma vez que o princípio de que não pode haver igualdade entre duas línguas é aceito, torna-se possível abordar a questão de *perda* e *ganho* no processo tradutório. É mais uma indicação do baixo *status* da tradução o fato de que tem sido gasto muito tempo na discussão sobre o que se perde na transposição de um texto de LF para LM, ao mesmo tempo em que se ignora o que também pode ser ganho, pois o tradutor pode às vezes enriquecer ou esclarecer o texto em LM como resultado direto do processo tradutório. Além disso, o que geralmente é visto como “perdido” do contexto em LF pode ser substituído no contexto de LM.

Bartholamei Jr & Vasconcellos (2008) esclarecem, oportunamente, que Gile se concentra nos ganhos de informação e que este classifica tais ganhos em três categorias diferentes, sendo que eles traduziram estas categorias em: (i) Informação Contextualizadora; (ii) Informação Induzida/Motivada por questões Linguísticas e (iii) Informação Pessoal.

Na primeira, **Framing Information – FI** [Informação Contextualizadora] – a palavra *framing* usada na expressão, sugere o acréscimo de informação para ‘ajustar; compor; enquadrar; emoldurar’ o significado da M [mensagem], com o propósito de contextualizar o significado sugerido no texto de partida, para o leitor de chegada. Daí nossa sugestão da tradução ‘Informação Contextualizadora’ para a categoria de Gile (BARTHOLAMEI JUNIOR & VASCONCELLOS, 2008:25).

A Informação Contextualizadora é adicionada pelo tradutor/intérprete, consciente ou inconscientemente, para ajudar o receptor da mensagem a entendê-la a partir das formulações verbais. Essa é uma das razões pelas quais textos de chegada (traduzidos) tendem a ser mais longos do que textos de partida. A esse respeito, ver o conceito de ‘Explicitação’, proposta em Aubert (1998) como uma modalidade de tradução, que pode ser uma estratégia universal, parte do processo de mediação linguística praticada tanto por aprendizes de línguas, como por tradutores profissionais e não-profissionais.

A segunda categoria, **Linguistically Induced Information – LII –** [Informação Induzida/Motivada por questões Linguísticas] – refere-se ao tipo de informação cuja adição é motivada por questões de adaptação ao sistema linguístico de chegada. Ou seja, trata-se de fazer ajustes necessários para que o texto traduzido/interpretado esteja de acordo com as regras e convenções de uso praticadas na língua de chegada. Nesse caso, não é o tradutor/intérprete que decide fazer os ajustes – eles são demandados por regras do sistema linguístico (BARTHOLAMEI JR & VASCONCELLOS, 2008:26).

Como não compete ao tradutor/intérprete a decisão de adicionar a Informação Induzida/Motivada por questões Linguísticas, esta não reflete o seu estilo individual; esta informação é adicionada para garantir a produção de um texto linguisticamente aceitável e compreensível pelos receptores da língua de chegada. Usando a terminologia de Aubert (1998), podemos dizer que a Informação Induzida/Motivada por questões Linguísticas está relacionada com a competência linguística em L2, condição necessária, embora não suficiente, para o exercício da atividade tradutória.

Na terceira categoria, **Personal Information – PI –** [Informação Pessoal] – a expressão se refere a informações adicionadas à **M** associadas ao estilo do tradutor/intérprete ou outras idiossincrasias que

revelam sua personalidade, seu ‘background’ sócio-cultural, ou ainda, suas pressuposições quanto ao grau de conhecimento do leitor de seu texto em relação ao tópico em questão. [...] os segmentos adicionados resultam, apenas, da individualidade de quem os produziu, e não da necessidade de contextualização da **M**, ou das exigências de regras da língua portuguesa. (BARTHOLAMEI JR & VASCONCELLOS, 2008:27)

No contexto de uma atividade tradutória interlingual com uma situação de tradução intersemiótica, a mesma Mensagem pode gerar verbalizações diferentes, sendo que o mesmo é válido para uma situação de tradução exclusivamente interlingual onde a Mensagem na língua fonte pode gerar sentenças diferentes na língua alvo, podendo da mesma forma ser consideradas traduções legítimas.

Nessa linha de raciocínio a ‘fidelidade’ não se reduz a uma correspondência à forma da Mensagem, mas ao seu conteúdo informacional, acrescido da maneira como o tradutor/intérprete a expressa e em resposta ao contexto em que a nova comunicação ocorre. Com base nessa reflexão, Gile (1995) consegue estabelecer o que ele denomina ‘Princípio de Fidelidade Mínima’, que orienta a reformulação da Mensagem. A Fidelidade Mínima deveria, necessariamente, garantir a presença do núcleo informacional da Mensagem de tal forma que a reformulação seja uma representação legítima de seu ‘conteúdo’.

Contudo, para que isto ocorra, explorar a tarefa tradutória como um processo de tomada de decisão é algo fundamental e exige do

tradutor/intérprete mais uma competência: a identificação, definição e estruturação de “seu” problema de tradução, bem como o uso de estratégias para solucioná-lo. A reflexão sobre o ato de traduzir/interpretar ajuda o tradutor/intérprete a (re) conhecer, de maneira consciente, e formular, explicitamente, o que ele faz ao traduzir/interpretar, buscando torná-lo capaz de ‘verbalizar’ a lógica por detrás de suas decisões. Os tradutores/intérpretes necessitam possuir a competência de falar sobre suas ações de maneira sistematizada, de forma a desenvolver seu autoconhecimento enquanto profissionais e assumir responsabilidades pelos processos de identificação e solução de problemas na tradução/interpretação.

Nesta perspectiva, a tradução/interpretação será considerada como um processo de ‘tomada de decisão’, com o auxílio de Bartholamei Jr & Vasconcellos (2008) que tomam como referência o estudo realizado por Krings (1986), que em seu texto intitulado “Problemas e Estratégias de Tradução de Aprendizes Alemães em um Curso Avançado de Francês (L2)”<sup>1</sup> propõe buscar um modelo psicolinguístico do processo de tradução, com referência específica às noções de ‘problema’ e ‘estratégia’, no contexto de aquisição de competência tradutória.

O conceito de ‘estratégia’ utilizado por Bartholamei Jr & Vasconcellos (2008), é inspirado na definição de Krings (1986) e também será adotado no presente trabalho.

‘Estratégia’ consiste em um conjunto de planos *potencialmente conscientes* para resolver o que,

---

<sup>1</sup> Tradução de Bartholamei Jr & Vasconcellos (2008)

*para um indivíduo*, se apresenta como um problema, na busca por alcançar uma meta comunicativa específica. Nessa definição, salienta-se a natureza individual do problema e a característica *consciente* de estratégia. Estendendo a definição para os Estudos da Tradução, podemos, então, dizer que uma estratégia consiste em um conjunto de planos potencialmente conscientes para solucionar o que, para um indivíduo, se apresenta como um problema de tradução/interpretação. (BARTHOLAMEI JR & VASCONCELLOS, 2008:30).

É somente a partir do levantamento e explicitação do problema que o tradutor/intérprete estará diante da possibilidade de fazer uma intervenção consciente, visando solucioná-lo. Ou seja, estará diante de um processo consciente de tomada de decisão e passará a utilizar uma *estratégia de tradução*.

Em virtude de sua característica de ser ‘consciente’, uma estratégia só irá emergir em situações nas quais a tradução/interpretação não pode ser feita automaticamente, ou seja, quando o tradutor/intérprete individual se defronta com uma situação que, para ele, é representada como um problema de tradução/interpretação. Caso contrário, a tradução/interpretação procede fluentemente, do texto fonte para o texto alvo. [...] Finalmente, após todo o processo (de estratégia de

tradução), o tradutor irá, espera-se, produzir seu texto de chegada, de maneira consciente e profissional. (BARTHOLAMEI JR & VASCONCELLOS, 2008:38).

Para finalizar, o ato de tradução/interpretação percebido enquanto um processo de tomada de decisão, levando em conta as noções de problema e estratégia, ajuda o tradutor/intérprete a (re) conhecer, de maneira consciente o que faz ao traduzir/interpretar, sendo capaz de expor e explicitar de forma clara o que acontece por detrás de suas escolhas e decisões. Contudo, acredita-se que tradutores/intérpretes necessitam possuir a competência de *falar sobre suas ações* de maneira sistematizada, de forma a desenvolver seu autoconhecimento enquanto profissionais e assumir responsabilidades pelos processos de identificação e solução de problemas na tradução/interpretação.

#### 4.4.1. Modalidades de Tradução

Segundo Aubert (1998) a tradução, como qualquer outro ato de comunicação, de qualquer tipo ou natureza, é algo que ocorre entre indivíduos e entre grupos sociais. A tradução é, também, algo que tem lugar entre culturas, ideologias e visões de mundo distintas. É, ainda, algo que se faz com textos e com discursos. E, por fim, a tradução é algo que se expressa em oração, sintagmas e palavras. Contudo, constitui o propósito deste trabalho empreender uma investigação sobre questões textuais referentes à linguagem do homem e da mulher, e à tradução em particular, fazendo uso de observação dos mecanismos linguísticos que se manifestam em todo e qualquer ato tradutório, ou melhor, das

estratégias e das modalidades de tradução. Com vistas neste propósito, os estudos tradutológicos e as modalidades de tradução mencionadas por Aubert (1998) servirão de suporte para as análises da presente pesquisa.

Assim, para Aubert (1998:100) os estudos tradutológicos:

Ocupam-se não apenas da(s) linguagen(s) e das semioses, mas igualmente, dos diversos componentes e constituintes lexicais, morfossintáticos e semânticos específicos de cada idioma. [...] Os estudos da linguagem, considerados (com toda a propriedade) como constituindo algo mais do que a mera descrição de uma língua específica, começaram a focalizar, com maior intensidade, o discurso e as questões culturais e psicossociais das condições de produção do discurso e o receptor enquanto co-autor.

Neste trabalho, será apresentada uma das muitas abordagens técnicas possíveis de análise de tradução a qual, espera-se, seja de interesse não apenas para a teoria, mas também para a prática da tradução. A origem desse modelo é comentada por Aubert (1998) que reporta a Vinay e Darbelnet (1958), os quais propuseram um conjunto do que dominavam *procedimentos técnicos da tradução*. Tais procedimentos tinham como intenção original construir uma referência didática no quadro da formação de tradutores profissionais.

Quaisquer que sejam suas limitações, esse modelo tornou-se particularmente popular entre os pesquisadores brasileiros. Em 1978,



Mário Galvão Queirós (1978) defendeu uma dissertação de mestrado que se apresentava como uma versão comentada do modelo. Em 1984, Durvali Fregonezi apresentou uma tese de doutorado investigando as múltiplas formas de *transposição* exemplificadas pela tradução francesa de um texto literário brasileiro (AUBERT, 1998). No presente trabalho concentrar-se-á a atenção sobre a linha de pesquisa específica denominada *modalidades de tradução* em que o modelo de Vinay e Darbelnet é utilizado para fins descritivos que resultem na geração de dados. Para Aubert (1998), tais modalidades de tradução são entendidas sobre 12 pontos, a saber:

*Omissão*: Ocorre omissão sempre que um dado segmento textual do Texto Fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no Texto Meta. Essa ressalva é de fundamental importância, pois, em inúmeros casos, embora a correspondência biunívoca seja perdida, a informação como tal é perfeitamente recuperável no Texto Meta, como nas *transposições* e nas *implicações* (ver abaixo). As omissões podem ocorrer por muitos motivos, desde irrelevância do segmento textual em questão para os fins do ato tradutório específico, fins que nem sempre coincidem com os propósitos do ato de comunicação que gerou o Texto Fonte.

*Transcrição*: Este é o verdadeiro ‘Grau Zero’ da tradução. Inclui segmentos de texto que pertençam ao acervo de ambas as línguas envolvidas ou, ao contrário, que não pertençam nem à língua fonte nem à língua meta, e sim a uma terceira língua e que, na maioria dos casos, seriam considerados empréstimos no texto fonte. Ocorre, ainda, transposição sempre que o Texto Fonte contiver uma palavra ou expressão emprestada na Língua Meta.

*Empréstimo:* Um empréstimo é um segmento textual do Texto Fonte reproduzido no Texto Meta. Nomes próprios constituem objetos privilegiados de empréstimo, bem como termos e expressões tendo por referentes realidades antropológicas e/ou etnológicas específicas.

*Tradução literal:* No modelo descrito aqui apresentado, o conceito de tradução literal é sinônimo de *tradução palavra-por-palavra* e em que, comparando-se os segmentos textuais fonte e meta, se observa (i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as mesmas categorias gramaticais e (iv) contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser vistas como sinônimos interlinguísticos.

*Transposição:* Esta modalidade ocorre sempre que pelo menos um dos três primeiros critérios que definem a tradução literal deixa de ser satisfeito, ou seja, sempre que ocorrem rearranjos morfossintáticos. Assim, por exemplo, se duas ou mais palavras forem fundidas em uma única ou, ao contrário, se uma palavra for desdobrada em várias unidades lexicais, ou se a ordem das palavras for alterada, ou se houver uma alteração de classe gramatical ou quaisquer combinações dos anteriores, por mais “literais” que os respectivos significados se apresentem, não constituirão segmentos textuais estruturalmente literais, sendo, assim, classificados como transposições. As transposições podem ser obrigatórias, impostas pela estrutura morfossintática da língua alvo, ou facultativas, a critério do tradutor.

*Explicitação/Implicação:* São duas faces da mesma moeda, em que informações implícitas contidas no texto fonte se tornam explícitas no texto meta ou, ao contrário, informações explícitas contidas no texto

fonte e identificáveis com determinado segmento textual, tornam-se referências implícitas.

*Modulação*: Ocorre modulação sempre que um determinado segmento textual for traduzido de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no co-texto específicos. Os significados são parcial ou totalmente distintos, mas mantêm-se, em termos genéricos, o mesmo sentido. A modulação pode assumir formas bastante diversas, variando desde variações de detalhes, até uma diferenciação tal que nada nas respectivas estruturas de superfície do segmento em questão lembraria ao observador a sua efetiva equivalência tradutória, que somente pode ser recuperada considerando-se o sentido contextual.

As *modulações*, tanto quanto as *transposições*, podem ser obrigatórias ou opcionais. Uma hipótese ainda a ser adequadamente investigada sugere que as transposições e as modulações optativas representam parcela significativa da manifestação, no plano linguístico, da liberdade do tradutor (AUBERT, 1998).

*Adaptação*: Esta modalidade denota uma assimilação cultural; ou seja, a solução tradutória adotada para o segmento textual dado estabelece uma equivalência parcial de *sentido*, tida por suficiente para os fins do ato tradutório em questão, mediante uma intersecção de traços pertinentes de sentido, mas abandona qualquer ilusão de equivalência ‘perfeita’.

*Tradução intersemiótica*: Em determinados casos, particularmente na tradução dita ‘juramentada’, figuras, ilustrações,

logomarcas, selos, brasões e similares constantes do texto fonte vêm reproduzidos no texto meta como material textual.

*Erro:* Somente os casos evidentes de ‘gato por lebre’ incluem-se nesta modalidade. Esta categoria não abarca, portanto, as soluções tradutórias percebidas como ‘inadequadas’, estilisticamente inconsistentes, etc., visto que, em tais casos, torna-se inevitável um viés subjetivo, que poderia redundar em fortes distorções nos resultados finais.

*Correção:* Com certa frequência, o texto fonte contém erros factuais e/ou linguísticos, inadequações e gafes. Se o tradutor optar por ‘melhorar’ o texto meta em comparação com o texto fonte, considerar-se-á ter ocorrido uma correção.

*Acréscimo:* Trata-se de qualquer segmento textual incluído no texto alvo pelo tradutor por sua própria conta, ou seja, não motivado por qualquer conteúdo explícito ou implícito do texto original. O acréscimo não deve ser confundido com qualquer das formas de transposição, nem com a explicitação. Acréscimos podem ocorrer em várias circunstâncias distintas, por exemplo, na forma de comentários velados ou explícitos do tradutor, quando fatos que tenham ocorrido após a produção do texto fonte justifiquem a elucidação.

As modalidades de *transcrição*, *empréstimo*, *tradução literal e transposição* são coletivamente denominadas *modalidades de tradução direta*. As modalidades de *explicitação/implicação*, *modulação*, *adaptação e tradução intersemiótica* constituem o conjunto das *modalidades de tradução indireta*. Essas modalidades de tradução podem ocorrer em estado ‘puro’ ou de forma ‘híbrida’ (AUBERT, 1998).

Por fim, a prática de uma metodologia de análise que aborde as modalidades de tradução descritas acima pode auxiliar na aquisição de uma percepção mais nítida das similaridades e dissimilaridades linguísticas entre determinados pares linguísticos e culturais, desta forma estimulando o desenvolvimento da conscientização, que constitui a função nuclear da teoria de tradução no âmbito dos cursos de formação de tradutores (AUBERT, 1998).

#### **4.5. A constituição profissional do TILS: travessias e memórias**

Para iniciar as reflexões que farão parte desse tópico, é importante mencionar que a constituição profissional do intérprete de língua de sinais é um dos principais fatores que podem influenciar o TILS nas suas escolhas dos trabalhos que irá desenvolver, na forma que irá exercer tais atividades, na postura ética que irá assumir ao longo da sua vida profissional, incidindo fortemente na formação de seu caráter identitário e, por que não dizer, na sua visão de mundo, na sua vida como um todo.

Portanto, é de extrema relevância situar alguns aspectos históricos que mapearam o percurso profissional dos intérpretes de línguas orais, como também dos intérpretes de língua de sinais e esclarecer conceitos que demarcam os territórios por onde os intérpretes de língua de sinais perpassam, a fim de compreender o atual processo em que esses profissionais se encontram. Cabe ressaltar que tal processo é identificado por meio da luta pelo reconhecimento e valorização profissional, bem como da busca por uma identidade a qual é defendida

por muitos intérpretes que atualmente lideram os movimentos políticos desse grupo (SANTOS, 2006).

É pertinente levar em conta que para grande parte da população os termos tradução e interpretação, muitas vezes, são percebidos de forma equivocada pela pouca ou nenhuma informação, então, cabe aqui, um rápido esclarecimento a respeito do assunto. Para isto, vejamos as palavras de Leite (2004: 44):

Historicamente, a tradução e a interpretação têm sido tratadas como atividades correspondentes. Frishberg (1990) argumenta que os termos **tradução** e **interpretação** podem ser considerados como sinônimos um do outro. As concepções tradicionais sobre interpretação tratavam, basicamente, a tradução da fala como equivalente à tradução da escrita. Conforme essa tradição, pesquisas em interpretação têm estabelecido uma correspondência entre “texto fonte” e “texto alvo” como fornecidos oralmente. Na visão de Metzger (1999a) tanto a tradução como a interpretação consistem na interpretação de um dado texto em uma outra língua.

Como visto, na maioria dos casos, esses conceitos são considerados equivalentes, podendo-se dizer que segundo Seleskovitch (*apud* Pagura, 2003:10) “tradução e interpretação são profissões gêmeas, mas nem por isso iguais, a tradução converte um texto escrito em outro texto escrito, enquanto a interpretação converte uma mensagem oral em outra mensagem oral. Essa diferença é crucial.”

Então, de modo superficial, ambas apresentam modalidades distintas de atuação entre os profissionais, implicando também em diferentes condições de trabalho de tais atividades. Enquanto o tradutor trabalha com textos escritos, o intérprete trabalha com textos orais. A diferença consiste, também, nas habilidades, na formação, na aptidão e no conhecimento de língua que esses profissionais devem conter para o exercício de tal atividade.

Leite (2004) explica que é possível se identificar duas distinções básicas para a compreensão do tema. Segundo ela, o termo *tradução* pode ser usado em sentido amplo para designar a troca de mensagens de uma língua para outra, sendo que as formas dessas línguas podem ser escrita, oral ou sinalizada. Porém, pelo menos uma dessas línguas deverá se apresentar na modalidade escrita. Em um sentido restrito, o termo *tradução* refere-se ao processo de trocas da mensagem escrita de uma língua para outra, enquanto que a *interpretação* refere-se a um processo de troca imediata de mensagens produzidas de uma língua para outra. Essas línguas podem ser orais ou sinalizadas, apresentando uma característica marcante em relação ao discurso: a transmissão imediata e ao vivo.

Neste sentido, Santos (2006) explica claramente que a *tradução* envolve uma técnica que apresenta um profissional habilitado e qualificado para traduzir um texto *escrito* de uma língua “x” para uma língua “y”. Com isto, Quadros (2004) esclarece que o tradutor é um indivíduo que traduz de uma língua para outra envolvendo um processo mais reflexivo. Na prática, pode-se dizer que tradução é todo processo que envolve, pelo menos, uma língua *escrita*. Devido a este fator, o trabalho de tradução fornece aos profissionais condições físicas, mentais

e culturais adequadas para a execução das suas atividades, de modo a proporcionar um resultado de melhor qualidade. Tais condições podem ser atribuídas pelo uso de vários recursos, como: tempo significativo para levantamento de dados, espaço físico adequado para estudo, materiais diversificados para a realização de pesquisas, possibilidade de discussões e reflexões com outros tradutores, entre outros, sendo que todos estes componentes auxiliam na realização dessa atividade. Complementando, Lima (2006: 35) afirma que:

As condições de trabalho do intérprete e do tradutor são diferentes. Enquanto o tradutor pode interromper seu trabalho para consultar fontes internas ou externas, o intérprete tem de adquirir todo o vocabulário e o conhecimento necessário antes do ato tradutório em si. Enquanto o trabalho do tradutor é mais individual, o trabalho do intérprete pode ser realizado em equipe, a depender da natureza do trabalho. O ritmo de trabalho de tradutores e intérpretes também é diferente. O trabalho do tradutor permanecerá no tempo, enquanto o trabalho do intérprete desaparece quando o evento termina.

A *interpretação*, por sua vez, é um processo dinâmico que também conta com um profissional capacitado para interpretar de uma língua fonte para uma língua alvo, porém em tempo real. Nesta situação, o intérprete precisa ter competências referenciais; domínio linguístico; conhecimento situacional, contextual e cultural; assim como técnicas e estratégias de interpretação para ambas as línguas, tudo em um pequeno



intervalo de tempo para fazer o processamento cognitivo e transmitir os discursos enunciados.

Quadros (2004) comenta que o intérprete de língua de sinais é um profissional que interpreta da língua de sinais para a língua falada e vice-versa seja em quaisquer modalidades que se apresentar. Para Delisle e Woodsworth (2003) o intérprete de língua de sinais é a pessoa que, sendo fluente em língua de sinais, também possui a capacidade de: traduzir/verter em tempo real/simultaneamente ou com pequeno lapso de tempo/consecutivamente uma língua sinalizada para uma língua oral (falada) ou vice-versa, ou então, para outra língua sinalizada. Conforme esses autores os intérpretes de língua de sinais escolhem essa profissão ou são escolhidos por ela. A realidade que o Brasil nos mostra indica que estes profissionais constituem suas formações essencialmente na prática, no desempenho do trabalho em si, pois apesar do pouco conhecimento, são levados a desempenhar tal função pelos laços afetivos que mantêm com os surdos e aprendem essa língua no dia-a-dia pela necessidade de comunicação.

Na atuação do intérprete de língua de sinais, assim como do intérprete de línguas orais, existem algumas práticas de interpretação que se diferenciam de acordo com a situação ou contexto em que a mesma ocorre. É relevante para esta pesquisa mencionar a *interpretação simultânea* e a *interpretação consecutiva*, sendo que ambas podem, também, se apresentar de maneira sussurrada. Contudo, percebe-se que o modelo de interpretação simultânea é o mais utilizado por esses profissionais (SANTOS, 2006).

Assim, como o próprio nome já diz, a interpretação simultânea acontece ao mesmo tempo em que a mensagem está sendo emitida pelo

interlocutor. Para isto, o intérprete de língua de sinais necessita ouvir ou ver o discurso enunciado em uma determinada língua, fazer o processo cognitivo, e verter a mensagem para a outra língua em questão em tempo real, ou seja, praticamente, no intervalo de tempo em que o discurso acontece.

A interpretação consecutiva, por sua vez, é praticada com menor frequência pelos intérpretes de língua de sinais. Nessa técnica, o intérprete, primeiramente, ouve as informações transmitidas pelo interlocutor, processa as informações obtidas e, posteriormente, interpreta em língua de sinais. O contrário também ocorre, ou seja, capta o conteúdo emitido em língua de sinais, processa as informações e, após, transmite a mensagem na modalidade oral. Essa técnica é uma estratégia que qualifica a interpretação, uma vez que a maioria dos intérpretes de língua de sinais demonstra dificuldades de interpretar da língua de sinais para o português falado, simultaneamente (SANTOS, 2006). Essa estratégia, portanto, visa utilizar melhor o tempo para as reflexões necessárias, para se situar no contexto de cultura, para captar o contexto de situação do discurso, para processar as informações e, finalmente, fazer as escolhas tradutórias, elegendo os itens lexicais mais apropriados da língua fonte para o assunto em pauta.

Então, após essa breve explicação dos conceitos de tradução e interpretação, cabe aqui dar início a uma explanação mais detalhada sobre o tradutor/intérprete de língua de sinais. Sabe-se que assim como os intérpretes de línguas orais, os intérpretes de língua de sinais também

ocuparam, por um longo período, um papel de coadjuvante na história, visto que tal profissão não era reconhecida, tampouco valorizada<sup>2</sup>.

Vale salientar o que Santos (2006:47) menciona:

Os intérpretes de línguas orais, com o passar dos tempos, foram se organizando profissionalmente em diversos países por meio de associações. No âmbito internacional, tem-se a Associação Internacional de Intérpretes de Conferências. No Brasil, tem-se a Associação Profissional de Intérpretes de Conferências.

Esses intérpretes se organizaram profissionalmente com a finalidade de reivindicar e lutar por formação de qualidade. Com certeza, ainda existem muitos dados para serem investigados sobre a sua história, bem como dos intérpretes de língua de sinais. Portanto, a partir desse momento, serão abordadas as marcas de uma história que se encontra em processo de desenvolvimento, que está sendo arquitetada aos poucos, ou seja, a história dos intérpretes de língua de sinais.

Não é fácil identificar onde e quando surgiram os primeiros intérpretes de língua de sinais, pois são raros os documentos e registros escritos que contemplam dados sobre a história desses profissionais. Como exposto acima, durante muito tempo a atividade de interpretar ficou à margem de um reconhecimento enquanto profissão e este fato impossibilita confirmar claramente ou afirmar com precisão quem foram essas pessoas. Sabe-se, portanto, que os primeiros lugares de atuação

---

<sup>2</sup> Os registros históricos que comentam a respeito dessa profissão são escassos. Esses registros se fazem presentes em obras como as de Pagura (2003), Rodríguez (2001), Delisle e Woodsworth (2003), Bassnett (2003), Steiner (2005), Rolim (2006) e Furlan (2003).

dos intérpretes de língua de sinais se deram nas igrejas, no ambiente familiar e nas instituições de caridade. A este respeito Rosa (2003:239) afirma que:

Embora a atividade de intérprete de LIBRAS já exista há muitos anos, o interesse e o investimento por parte dos órgãos públicos na profissionalização desses indivíduos são bem recentes. Os intérpretes de LIBRAS surgiram dos laços familiares e da convivência social com vizinhos, amigos e igrejas. Devido essa característica não há muitos registros sobre a profissão.

Dessa forma, os ouvintes conheciam e aprendiam a língua de sinais através da interação com as pessoas surdas, ou seja, na prática, no contato diário com essas pessoas, sem nenhuma formação específica. Outro aspecto a considerar envolve a percepção do sujeito surdo como incapaz, deficiente, anormal, sendo que esta concepção levava ao pensamento de que ele deveria se tornar capaz, ser normalizado, tratado e sua deficiência corrigida, a fim de enquadrar-se nos padrões de normalidade estabelecidos pela sociedade. Nesta visão, o uso da língua de sinais tornava o surdo um sujeito diferente, inferiorizado, da mesma forma que a língua de sinais não era percebida enquanto uma língua de valor, ou melhor, não era reconhecida enquanto língua. Em consequência disto, a atividade de interpretação em língua de sinais não era vista como profissão. Resumindo:

No caso de pessoas ouvintes e surdas, os ouvintes padronizam as características consideradas como únicas e corretas, e os surdos encontram-se em posição subalterna. A língua de sinais não é considerada língua, assim como a presença dos intérpretes não é mencionada na história. Aqueles que atuavam como tal concebiam os surdos enquanto pessoas que precisavam de “caridade”, de assistência e de bondade. (SANTOS, 2006:73)

Nesse contexto, a língua de sinais não apresentava um status linguístico legítimo, permanecendo em condição subalterna às demais línguas orais. A luta pelo reconhecimento da língua de sinais é algo muito recente, conforme relata Karnopp (2004:103):

As línguas de sinais existem de forma natural em comunidades linguísticas de pessoas surdas. Entretanto, o reconhecimento político e social das línguas de sinais é bastante recente. Wrigley (1996) [...] lembra que a UNESCO, apenas em 1984, declarou o seguinte: “[...] a língua de sinais deveria ser reconhecida como um sistema linguístico legítimo e deveria merecer o mesmo status que os outros sistemas linguísticos”.

Contudo, no Brasil, alguns linguistas através de suas pesquisas envolvendo a Língua de Sinais Brasileira confirmam a hipótese de que ela contém em sua estrutura todos os componentes linguísticos que constituem uma língua. (BRITO, 1995; FERNANDEZ, 1990;

KARNOPP, 1994 e QUADROS, 1995). Por sua vez, na área educacional, alguns trabalhos apresentam discussões que fortalecem a importância da língua de sinais e marcam a presença do sujeito surdo percebido pela visão cultural e não mais pelo olhar da anormalidade, da falta, da deficiência, enfim, da inferioridade. (SKLIAR, 1998; SANTOS, 2006; PERLIN, 2003; STROBEL, 2008; REIS, 2006; CAMPELLO, 2008; THOMA e LOPES, 2004 e 2006; entre outros).

Nas palavras de Santos (2006:74):

Estudos têm nos mostrado as narrativas dos próprios surdos em busca da diferença como parte de uma política cultural, que se efetiva por meio do trabalho, das representações, das identidades, das histórias surdas passadas de geração em geração, da escola e seu modelo normalizador face às pessoas surdas. Os ILS se constituíram nas tramas dessas discussões e estão, atualmente, passando por um processo de redescobrimto das habilidades contemporâneas que se fazem necessárias a esse profissional. Compreendo essas habilidades na forma como os ILS vêm se constituindo na atualidade, isto é, conhecedores da LS, das produções culturais de surdos, das discussões dos Estudos Surdos, das preocupações com a formação, das representações que esses ILS fazem das pessoas surdas, olhados de maneira linguística e cultural.

Concepções como as de assistencialismo, de caridade e de filantropia sustentaram por um longo tempo a visão da sociedade sobre o surdo e, em consequência a este fato, o intérprete de língua de sinais era percebido enquanto uma pessoa “abençoada por Deus”, com “dom divino” e “caridosa”. Esta percepção refletiu fortemente na constituição profissional dos ILS. Assim, investigar e conhecer a história dos intérpretes de língua de sinais é uma tarefa difícil em torno de um campo promissor, pois conforme Delisle e Woodsworth (2003, apud Santos, 2006:76):

A pesquisa sobre a história da interpretação em suas diferentes formas e variados contextos mal começou. Devido à inexistência de registros confiáveis, alguns hiatos provavelmente nunca chegarão a ser preenchidos, especialmente com respeito àqueles períodos em que as relações de poder conferiam prestígio a uma língua em particular, em detrimento das outras.

Num espaço familiar quando um casal de surdos gera um filho ouvinte, frequentemente este filho, desde a mais tenra idade, passa a mediar linguisticamente as relações sociais entre seus pais surdos e a comunidade ouvinte. A este respeito Santos (2006: 47) relata que:

Pela aquisição e fluência com que os filhos, em convivência com seus pais, tinham da língua de sinais, desenvolviam a atividade de interpretar, intermediando surdos e ouvintes. Esse fato nos é apresentado pelos CODAS [Children of Deaf

Adults] em Wilcox (2005:154), “ao relatarem à realidade de como era vista a função do intérprete de língua de sinais num passado não muito distante, em que a interpretação para surdos não era considerada uma profissão até 1964 e que os CODAS geralmente não eram pagos pelos seus serviços”.

Outro espaço de atuação dos ILS é o meio acadêmico, sendo que as escolas e universidades têm sido nos últimos anos, locais de grande procura pelas pessoas surdas. Vale lembrar que a presença desses sujeitos na educação é fator obrigatório no ensino fundamental. Por sua vez, no ensino superior também é crescente o número de egressos surdos. Esta realidade torna necessária a contratação de profissionais para o desenvolvimento da atividade de interpretação.

Resumindo, é pertinente levar em conta as palavras de Quadros (2004: 13) a respeito da constituição profissional dos ILS.

Em vários países há tradutores e intérpretes de língua de sinais. A história da constituição deste profissional se deu a partir de atividades voluntárias que foram sendo valorizadas enquanto atividade laboral na medida em que os surdos foram conquistando o seu exercício de cidadania. A participação de surdos nas discussões sociais representou e representa a chave para a profissionalização dos tradutores e intérpretes de língua de sinais. Outro elemento fundamental neste processo é o reconhecimento da língua de



sinais em cada país. Na medida em que a língua de sinais do país passou a ser reconhecida enquanto língua de fato, os surdos passaram a ter garantias de acesso a ela enquanto direito linguístico. Assim, conseqüentemente, as instituições se viram obrigadas a garantir acessibilidade através do profissional intérprete de língua de sinais.

É interessante observar que muitos estudantes universitários envolvidos com os Estudos Surdos, alunos das áreas da Educação e das Letras, que mantêm contato com as pessoas surdas nesse espaço, desenvolveram o desejo de se tornarem intérpretes de língua de sinais. Esse fato vem acontecendo na medida em que a língua de sinais é inserida nos currículos dos cursos de licenciatura, por meio de projetos de extensão ou como atividade complementar de graduação, ou ainda, como disciplina opcional ou obrigatória em algumas universidades brasileiras. Cada vez mais esse fato se torna realidade na medida em que o decreto 5626/05<sup>3</sup>, que regulamenta a lei 10.436/02, é atendido pelas instituições. Assim, o reconhecimento legal da categoria dos intérpretes de língua de sinais resulta de um investimento recente por parte dos órgãos públicos. (SANTOS, 2006)

Neste sentido, considerando ainda os dados levantados por Santos (2006: 49):

---

<sup>3</sup> Nesse Decreto são apresentadas questões como a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação do professor de Libras e do instrutor de Libras, o uso e a difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação, a formação do tradutor e intérprete de libras/língua portuguesa entre outras questões. Esse decreto é fruto de muitos anos de reivindicações por parte dos movimentos surdos que se representa por meio da Feneis enquanto entidade nacional desse grupo.

A oficialização da profissão do intérprete de língua de sinais é parte do projeto de lei 10.436 que foi encaminhado pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), em 1996, ao Congresso Nacional, em Brasília, Distrito Federal. Essa lei foi aprovada em abril de 2002 e regulamentada, pelo decreto 5626 de dezembro de 2005. Essa história se mostra permanentemente em construção, impulsionada pelas demandas que têm se apresentado desde àquela década até os dias atuais.

Esta ação implica na profissionalização dos intérpretes de língua de sinais, por meio de reconhecimento oficial. Cabe mencionar que essa categoria tem atuado em diversas instâncias, podendo citar: escolas, universidades, encontros, palestras, congressos, espaços de cunho político e religioso, entre outras.

Segundo Quadros (2004), os primeiros registros dos trabalhos de atuação dos intérpretes de língua de sinais no Brasil datam da década de oitenta através de atividades religiosas. Referente a essa categoria a autora esclarece que o intérprete de língua de sinais:

É o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete. No Brasil, o intérprete deve dominar a língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Ele também pode dominar outras línguas, como o inglês, o

espanhol, a língua de sinais americana e fazer a interpretação para a língua brasileira de sinais ou vice-versa (por exemplo, conferências internacionais). Além do domínio das línguas envolvidas no processo de tradução e interpretação, o profissional precisa ter qualificação específica para atuar como tal. Isso significa ter domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação. O profissional intérprete também deve ter formação específica na área de sua atuação. (QUADROS, 2004: 27-28)

Cabe salientar que os intérpretes de língua de sinais, percebendo a carência de formação na área e a pouca valorização profissional, começaram a se mobilizar em busca de uma organização que pudesse servir de representação e referência para defender suas causas e dificuldades no desenvolvimento de suas atividades. Quadros (2004) menciona o contexto brasileiro da constituição profissional do ILS e os movimentos de luta pelo reconhecimento da categoria levando em consideração os Encontros e Congressos realizados e organizados pelos representantes mais atuantes no Brasil, tais como o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais organizado pela FENEIS no ano de 1988<sup>4</sup> e o II Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais ocorrido em 1992.

---

<sup>4</sup> Este Encontro propiciou, pela primeira vez, o intercâmbio entre alguns intérpretes do Brasil e a avaliação sobre a ética do profissional intérprete. Teve como finalidade (i) buscar valorização, reconhecimento e profissionalização da função de tradutor / intérprete de língua de

Um fato muito importante que, com certeza, ficará registrado na história da constituição profissional dos ILS foi o “I Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira” que ocorreu em outubro de 2008, na Universidade Federal de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis. Este congresso contou com a presença de intérpretes oriundos de vários estados do Brasil com objetivos em comuns, ou seja, estudar, discutir e refletir sobre o ato de traduzir e interpretar; divulgar pesquisas atuais realizadas na área de tradução e interpretação; identificar a atual situação desses profissionais nas diferentes regiões e, também, dar início aos tramites legais para a criação da “Associação Catarinense de Tradutores e Interpretes de Língua de Sinais”.

Da mesma forma e com igual importância, um outro episódio memorável na caminhada de lutas e conquistas na constituição profissional dos tradutores/intérpretes de língua de sinais foi o “X Encontro Nacional de Tradutores/IV Encontro Internacional de Tradutores” que se realizou em setembro de 2009, em Minas Gerais, na cidade de Ouro Preto. A relevância deste Encontro deu-se por colocar e evidenciar a *Tradução em língua de sinais*, assim como os *Estudos da interpretação*, como subáreas específicas da disciplina Estudos da Tradução. Não pairam dúvidas de que este fato pode ser considerado o embrião da atual valorização e reconhecimento da profissão de tradutor/intérprete de língua de sinais.

---

sinais; (ii) promover intercâmbio entre esses profissionais; (iii) estabelecer o código de ética profissional; bem como (iv) discutir sobre a formação, o treinamento e qualificação do intérprete de língua de sinais.

Não poderia deixar de ressaltar, que neste evento, houve uma quantidade significativa de trabalhos apresentados nos ramos acima mencionados, assim como também foi significativo o número de intérpretes/tradutores de língua de sinais que se fizeram presentes no evento em questão. Certamente, este momento e os trabalhos apresentados servirão para estimular o surgimento de novas pesquisas voltadas aos Estudos da interpretação e da tradução de língua de sinais, favorecendo, com isto, o crescimento do prestígio e valorização dos Estudos da Tradução.

Enfim, a luta e o esforço dos intérpretes de línguas de sinais pelo reconhecimento da sua profissão não é fato recente, porém percebe-se ao longo de toda história que é algo lento e de difícil concretização. Como visto, muitas conquistas já foram alcançadas, mas ainda há muito o que se fazer a fim de reivindicar os direitos, a efetivação e reconhecimento desta profissão para dignificar o desempenho do ofício do tradutor/intérprete de Língua de Sinais Brasileira..

É possível citar algumas conquistas recentes em nível nacional como: a criação da Associação dos Profissionais Tradutores/Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais do Mato Grosso do Sul, da Associação dos Profissionais Intérpretes e Tradutores de Língua Brasileira de Sinais do Ceará, a criação da Associação de Intérprete de Língua Brasileira de Sinais do Espírito Santo, a criação da Associação dos Profissionais Intérpretes e Guias Intérpretes da LSB de São Paulo, a criação da Associação dos Profissionais Intérpretes e Guias Intérpretes do Distrito Federal, a fundação da Associação Gaúcha dos Intérpretes de Língua de Sinais e, por último, a Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais.

Um fato atual e de extrema relevância no cenário da tradução/interpretação de Língua de Sinais Brasileira e, mais especificamente, na formação de ILS é a criação do Curso de Bacharelado de Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2008. Este curso visa à formação em nível superior de profissionais para atuar na interpretação e tradução da Língua de Sinais Brasileira. Este, indubitavelmente, constitui um marco histórico brasileiro nas conquistas alcançadas pela camada profissional, pois abrange vários estados do Brasil.

Seguindo em direção às últimas idéias que serão registradas nesta seção quanto à formação, atuação e desenvolvimento profissional do intérprete, bem como quanto ao próprio intérprete, é oportuno mencionar que interpretar é tomar decisões, e a boa decisão depende não do volume de informações disponíveis, mas da capacidade de extrair o máximo de significado mesmo da menor fatia de realidade. Isso é particularmente importante diante de limitações de tempo, processamento e conteúdo. É algo que fazemos intuitivamente, por experiência, sem pensar. No entanto, é imprescindível que o intérprete de língua de sinais carregue consigo toda informação que puder. Deve ler muito e ler sobre os mais variados temas, ser eclético. Mas sua capacidade de leitura deve ir além dos livros, deve aprender a ler os gestos, as expressões faciais e corporais, deve compreender até mesmo um olhar.

Um intérprete deve ir além das línguas, necessita traduzir o mundo e apresentar boa leitura da realidade. Quando o intérprete se dá a liberdade de fugir à literalidade do discurso, de recompor idéias a partir do seu próprio repertório vocabular, ele passa de fato a interpretar. Uma

boa interpretação deve exprimir sentido por sentido e não palavra por palavra. Deve-se traduzir não só palavras, mas sentidos, sentimentos, culturas, vidas e emoções.

Neste momento é chegada a hora de encerrar esta seção, porém é difícil concluir ou finalizar algo que está apenas começando, visto que as discussões em torno dos tradutores/intérpretes de língua de sinais são recentes e o foco de investigação muda incessantemente. Ainda há muitas reflexões a se fazer e, certamente, algumas mudanças estarão por vir, pois ainda há muito trabalho pela frente e um longo caminho a percorrer até se chegar ao tão sonhado reconhecimento legal e valorização desta profissão e, conseqüentemente, do profissional intérprete de língua de sinais. Assim, como dizia Einstein, citado por Magalhães Jr. (2007: 89) “sucesso antes de trabalho, só no dicionário”. Porém, acredita-se que este texto possa servir de base para que novas investigações venham a surgir, a fim de alavancar as discussões e reflexões sobre os ILS e contribuir para a efetivação desta profissão, que é tão importante e necessária para a prática e o exercício da cidadania da pessoa surda.

#### **4.6. O TILS e a cultura surda: o mito da fronteira**

A interpretação é considerada uma das atividades mais antigas da história, sendo que os primeiros intérpretes exerciam a função de traduzir a vontade divina para o povo. Para Theodor (1980:16):

Historicamente a interpretação é mais antiga do que a tradução, que depende da palavra escrita, mas ela se subtrai à quantificação documentada,

uma vez que reside exclusivamente no âmbito da palavra falada. Apenas desde a invenção dos meios de gravação tornou-se possível documentar a ação dos intérpretes.

O conhecimento sobre o trabalho que os intérpretes de línguas orais realizaram no passado é oriundo de fontes como; cartas, diários, memórias e biografias dos próprios intérpretes. No passado, os usuários dos serviços de interpretação não distinguiam como fazemos hoje, entre as diferentes categorias de intérpretes. De qualquer modo, os intérpretes foram não só testemunhas da história, mas também participaram dos seus acontecimentos (SANTOS, 2006).

Atualmente, a profissão de intérprete de língua de sinais está ligada à Coordenadoria Nacional para integração da Pessoa portadora de Deficiência (CORDE), órgão governamental de cunho assistencial. Ou seja, o intérprete de língua de sinais é entendido pelo Estado, de forma assistencialista, como um ajudante das pessoas surdas, diferentemente do tradutor/intérprete que está enquadrado no 36º grupo no plano da Confederação Nacional das Profissões Liberais (Portaria nº 3264 de 27 de setembro de 1988 do Ministério do Trabalho). Apesar de ser compreendida como uma profissão liberal, o trabalho de tradutor/intérprete de língua oral também não é regulamentado, da mesma forma que a do intérprete de língua de sinais (SANTOS, 2006).

O trabalho do intérprete de língua de sinais vem sendo visto como um direito conquistado pelos próprios surdos de compreenderem e serem compreendidos pela comunidade ouvinte. Esse direito é resultante dos movimentos das comunidades surdas frente à garantia de acesso a informação e a uma educação de qualidade. A sociedade, em sua grande



maioria, é ouvinte e usuária do português oral, não conhecedora da língua de sinais, então para possibilitar a comunicação entre surdos e ouvintes se faz necessário o trabalho do intérprete de língua de sinais.

Segundo Veras (2002) o prefixo “*inter*”, na palavra *intérprete*, significa estar entre uma língua e outra, impondo uma relação entre essas línguas, criando uma afinidade entre elas. Os gestos do intérprete constroem o sentido do que é dito; e ele depende do que é dito para fazer sua construção, assim como a pessoa que necessita da interpretação depende de seus gestos para que sua fala sobreviva. O intérprete de língua de sinais viabiliza a comunicação entre surdos e ouvintes, sinalizando e representando os discursos e convicções que são expressos pelo orador, buscando exprimir-lhes intensidade e sutilezas similares que as dos enunciados em português oral, ou em língua de sinais quando for o caso (SANTOS, 2006). Bermann (2007:17) comenta que “a tradução é uma transmissão de sentido que, ao mesmo tempo, deve tornar esse sentido mais claro, limpá-lo das obscuridades inerentes à estranheza da língua estrangeira”.

Os tradutores/intérpretes de língua de sinais como seres híbridos transitam entre culturas diferentes e aprendem a ocupar seus espaços, que precisam ser negociados descobrindo outras formas de relações em seu caminho de profissionalização. Traduzem para cultura fonte sem perder de vista a cultura alvo. Necessitam aprender estratégias de competências linguísticas para melhor desempenho nas interpretações. Eles vivenciam na interpretação a constituição linguística a que se expõem, ou seja, língua de sinais e Língua Portuguesa movimentam as identidades e práticas desses profissionais. Segundo Cortés (1999:31):

Uma perspectiva mais linguística, ligada aos processos de tradução pode sem dúvida nos convencer de que o hibridismo não só é um processo inevitável sendo que pode chegar a ser muito positivo. Os aspectos de contato cultural resultam mais evidentes na tradução<sup>5</sup>.

Esta hibridação da qual nos fala Cortés (1999) pode ser remetida tanto para o fato da relação entre surdos e ouvintes que pertencendo a culturas diferentes são influenciados por ela modificando sua identidade, quanto para o fato da interpretação realizada pelo intérprete que durante este trabalho poderá deixar-se influenciar pela sua cultura introduzindo aspectos do contexto cultural e social ouvinte. Fazendo uso das palavras de Famularo (1999:259) “Todo sujeito se constitui como tal numa trama de discursos e não fora deles, entendendo o discurso como uma imagem do social”.<sup>6</sup>

É essencial que o intérprete conheça a especificidade da comunidade surda, sua história, seus costumes, com a finalidade de relacionar as semelhanças ou diferenças da língua e cultura de partida com a língua e cultura de chegada. Necessita atentar também para as chamadas expressões idiomáticas e para as metáforas, as quais não podem ser decodificadas literalmente por serem usadas somente pelos usuários de determinada língua e cultura. Portanto, durante o contato bilíngue do intérprete é fundamental que ele respeite as particularidades linguísticas das duas línguas. Magalhães Junior (2007: 45) reforça esta afirmação:

---

<sup>5</sup> Tradução minha.

<sup>6</sup> Tradução minha.

Como a comunicação é processo dinâmico, a situação envolve mais que a mera substituição de palavras. A depender das línguas em questão, pode haver alterações estruturais e semânticas a compensar, além de expressões idiomáticas que não encontram correspondente imediato na língua de chegada. Há sempre alguma variação, e o intérprete se vê diante da necessidade não apenas de transladar palavras, mas de adaptar conceitos.

Portanto, o trabalho do ILS consiste em verter para a língua de sinais o discurso realizado em português e/ou vice-versa. Para efetuar essa tarefa, é necessário que o intérprete de língua de sinais conheça expressões típicas da língua de partida e da língua de chegada. Ele deve procurar manter o sentido e buscar efeitos produzidos pelo enunciado, ou melhor, expressar e clarear o discurso por meio de “varreduras” e/ou “decorações” entre as duas línguas em contato. Cabe ressaltar a afirmação de Perlin (2005):

Quanto mais se reflete sobre a presença do ILS, mais se compreende a complexidade de seu papel, as dimensões e a profundidade de sua atuação. Mais se percebe que os ILS são também intérpretes da cultura, da língua, da história, dos movimentos, das políticas, da identidade e da subjetividade, e apresentam suas particularidades, sua identidade, sua orbitalidade.

Assim sendo, é possível afirmar que ser ILS é sinalizar, respeitando a estrutura gramatical da língua de sinais e a cultura surda, possibilitando, dessa forma, a compreensão da mensagem pela comunidade surda. Ao intérprete é necessário conhecer um assunto qualquer, entender a sua estrutura linguística, o contexto cultural envolvido, estabelecer um vocabulário em língua de sinais, habilidades estas sem as quais não será possível interpretar (SANTOS, 2006; QUADROS, 2004).

Alguns fatores relevantes a serem considerados a respeito do TILS tratam-se da “legitimidade”, “imparcialidade”, “invisibilidade” deste profissional no ato da tradução ou interpretação, como também a “equivalência” e a “(in) traduzibilidade” linguística e cultural do texto ou do discurso. O TILS constitui-se de uma identidade miscigenada que tem origem no contato cultural com o surdo. Ele desliza entre as duas culturas e acampa ou é acolhido nesta e por esta cultura. Está sempre de passagem, não mora, hospeda-se. É passageiro que retorna inúmeras vezes, pois não esquece os atrativos que lhe encantam, fascinam e hipnotizam no mundo dos surdos (NICOLOSO, 2008).

De acordo com Campos (1986:27-28)

Não se traduz, afinal, de uma língua para outra, e sim de uma cultura para outra; a tradução requer, assim, do tradutor qualificado, um repositório de conhecimentos gerais, de cultura geral, que cada profissional irá aos poucos ampliando e aperfeiçoando de acordo com os interesses do setor a que se destine seu trabalho.

Para resumir, pode-se perceber que a fusão entre comunidade surda e intérprete de língua de sinais é algo inevitável. Assim sendo, a realidade do TILS passa a ser alvo de interesse para os Estudos Culturais, para os Estudos Surdos, para a Análise Crítica do Discurso e, fundamentalmente, para os Estudos da Tradução, pois este profissional encontra-se em permanente trânsito nas zonas fronteiriças, levando em consideração a cultura surda e a cultura ouvinte. Assim, a relação cultural que o intérprete mantém com o surdo e com a comunidade surda, bem como sua situação neste contexto linguístico constituem-se focos de investigações para todas àquelas áreas de pesquisa e estudo.

#### **4.7. Concepções sobre o TILS: passando a limpo os borrões**

Devido a vários fatores relacionados com a trajetória histórica percorrida pelo tradutor/intérprete de língua de sinais, e que já foram mencionados neste trabalho, é possível constatar alguns olhares “estrábicos”, “míopes” e “embaçados” a cerca do TILS, ou melhor, várias concepções equivocadas a respeito desse profissional. Esses olhares tortuosos acabam, muitas vezes, dificultando ou até mesmo impedindo o reconhecimento e a valorização da profissão, bem como o investimento na formação e qualificação profissional por parte dos órgãos públicos e, também, por instituições privadas. Algumas dessas concepções serão citadas e comentadas ao longo dessa seção com base em autores como: Lacerda (2000), Magalhães júnior (2007), Quadros (2004), Sander (2002) e Santos (2006).

Quadros (2004) menciona três concepções bastante difundidas em relação aos intérpretes de língua de sinais: (1) professores de surdos

são intérpretes<sup>7</sup>, (2) qualquer pessoa ouvinte que domina a língua de sinais é intérprete<sup>8</sup> e, por fim, que (3) todos os filhos de surdos (CODAS) são intérpretes<sup>9</sup>. Ela afirma que o fato de conhecer e dominar a língua de sinais não é o suficiente para ser intérprete. Existe a necessidade de uma qualificação e formação específica para atuar enquanto tal, desenvolvendo habilidades, técnicas e estratégias, bem

---

<sup>7</sup> É muito comum verificar nas escolas ou qualquer instituição educacional a postura de creditar aos professores dos alunos surdos a responsabilidade de assumir a interpretação de um evento ou ato cívico realizado no local ou até mesmo fora dele. Essa postura também é rotineira, em outras localidades e situações, por pessoas de diversos cargos ou funções. Imagina-se que o fato de conhecer a língua de sinais é o bastante para fazer uma tradução ou a interpretação de um dado evento. Com isto, desconsidera-se totalmente a complexidade que o ato interpretativo exige, bem como a importância de uma interpretação satisfatória e adequada.

<sup>8</sup> Outro pensamento bastante equivocado é de que qualquer pessoa ouvinte que domina a língua de sinais é intérprete. Esse fato ignora a relevância da formação específica de um TILS e as habilidades que devem ser desenvolvidas, assim como técnicas e estratégias para uma boa atuação. Em muitas situações, pessoas conhecedoras da língua de sinais são surpreendidas com o convite para interpretar nas mais variadas ocasiões. No entanto, assim como em qualquer língua, o fato de dominar a língua de sinais não faz da pessoa um intérprete. Para isto, é preciso formação adequada e de qualidade na área da tradução/interpretação, muito estudo e leituras, conhecimento das enunciações que envolvem o povo surdo e surdez, conhecimento profundo da língua e da cultura. Ter ciência do código de ética e, acima de tudo, colocá-lo em prática. Enfim, exercer tal profissão vai muito além de, simplesmente, dominar a língua.

<sup>9</sup> Grande parte da população brasileira acredita que o fato de ser filho de surdos faz com que a pessoa tenha condições de ser intérprete de língua de sinais ou, na verdade, seja um intérprete. Embora se saiba que os ouvintes filhos de surdos são fluentes na língua de sinais do seu país – pois adquirem esta língua de modo natural e como primeira língua, sendo considerados bilíngues de fato – nem todos optam pelo exercício da interpretação. Essa concepção se dá pelo fato de ser comum os filhos de surdos desde pequenos mediarem a comunicação de seus pais com a sociedade em geral, nos mais diversos âmbitos.

como o conhecimento e cumprimento do código de ética para garantir a qualidade e formação de um profissional intérprete.

Apesar de reconhecida a relevância do intérprete de língua de sinais e de sua atuação nos diversos espaços de relação intercultural entre surdos e ouvintes, percebe-se em nossa realidade brasileira a carência de sua formação e qualificação. Seguindo nesse mesmo contexto, Lacerda (2000:127) salienta que:

Torna-se cada vez mais importante uma profunda discussão sobre a capacitação de intérpretes [...], já que o ambiente de trabalho se constitui num espaço diferenciado que requer formação e suporte técnico, nem sempre percebidos e desenvolvidos apenas com a prática. Tal capacitação envolve conhecimento sobre o processo de ensino / aprendizagem, sobre a formação de conceitos e a construção de conhecimentos que demandam formação detalhada e específica.

Muitas pessoas acreditam que o intérprete de Língua de Sinais não necessita de formação, estudo, qualificação e aprimoramento constante. Pensam que este profissional precisa “somente” conhecer, dominar e utilizar a língua de sinais para transmitir as mensagens de um discurso, um diálogo ou uma conversa. No entanto, cabe esclarecer aqui que esta profissão apesar de recente em nível superior, possui um código de ética a ser cumprido e conhecido por todas as pessoas que exerçam esta função. Outro fator, não menos importante, requer a interação entre

os grupos de intérpretes a fim de compartilharem suas experiências. Também é fundamental que este profissional realize estudos e pesquisas com o objetivo de conhecer melhor a língua e a cultura do povo surdo, assim como as teorias que embasam as práticas tradutórias e de interpretação (NICOLOSO, 2008).

Embora esta profissão não seja tão recente como muitos imaginam, sua área de atuação é pouco divulgada. A atuação do intérprete de Libras/Português é bastante ampla e diversificada, podendo atuar em escolas, universidades, hospitais, bancos, fórum, empresas, cursos, congressos, palestras, enfim em qualquer órgão ou situação em que se fizer presente uma pessoa surda. Em todas estas situações o intérprete precisa ter em mente seu compromisso e responsabilidade de interpretação mantendo, sempre que possível, maior “fidelidade”, “neutralidade” e “imparcialidade” nas informações que devem ser repassadas. Para Perlin (2006) a fidelidade da tradução acontece à medida da compreensão do outro, acontece à medida da compreensão cultural.

Sander (2002) ao escrever sobre a formação dos intérpretes de língua de sinais afirma que estes deveriam ter, no mínimo, uma formação em nível superior, preferencialmente, na área em que atuam. E, também, um curso de formação de intérprete de língua de sinais com mais de cento e cinquenta horas. Reforça, também, que somente desta maneira pode-se falar em intérpretes profissionais, qualificados e certificados. Contudo, menciona que para se considerar um intérprete com qualificação profissional são necessárias duas condições, ou seja, uma formação acadêmica e um ambiente linguístico e cultural constante.



A formação acadêmica, aqui referida, não é somente aquela oferecida em cursos de nível superior, inclui cursos de interpretação e tradução reconhecidos nacionalmente com duração superior a 380 horas. Da mesma forma que o intérprete de línguas orais apresenta um total de horas de estudos e de treinamentos para receber sua licença profissional, o intérprete de língua de sinais também deveria apresentar um mínimo de horas de qualificação exigida. É necessário um treinamento formal com simulação de situações diversificadas, bem como uma especialização em alguma área do conhecimento humano. É relevante obter informações a respeito da cultura e identidade dos surdos, assim como estudar a morfologia, fonética, fonologia, sintaxe, semântica e pragmática da Língua de Sinais Brasileira e da Língua Portuguesa. Também se faz necessário o conhecimento da história dos surdos no Brasil e no mundo. Outro fator importante é o treinamento dos parâmetros não manuais, isto é, a expressão corporal e facial que fazem parte da língua de sinais, através de exercícios e técnicas de dramatização (SANTOS, 2006).

O convívio e a troca de experiências vividas com as pessoas surdas é outro aspecto de fundamental importância para a boa formação do intérprete de língua de sinais, pois este tem a oportunidade de participar de um ambiente linguístico e cultural de forma natural, onde a língua nativa é praticada constantemente, contribuindo para o seu aprimoramento e fluência. Sobre este assunto Sander (2002:130) relata que:

O ambiente linguístico constante diz respeito ao local onde a língua é praticada, ou seja, nas associações e comunidades surdas. Não se pode

conceber um intérprete que não frequente, com regularidade, uma associação de surdos!

Sander (2002:130) também reforça que:

Um ambiente linguístico, onde a LIBRAS é a primeira língua a acontecer, é de suma importância para a pessoa que quer ser um profissional na área da interpretação. É justamente ali que o intérprete irá aprender gírias, sinais novos e reconhecidos pela comunidade surda. É na associação que os surdos irão conhecer o verdadeiro caráter e a verdadeira identidade do intérprete.

Ferreira (2002) aponta vários problemas semelhantes quanto às dificuldades enfrentadas pelo intérprete de língua de sinais. Menciona a tarefa de posicionar-se entre duas línguas que exige amplo conhecimento; o constante uso do improvisado para possibilitar o acesso à informação; a falta de conhecimento teórico do intérprete frente a alguns assuntos dificultando seu trabalho e a compreensão do cliente; o pouco reconhecimento por parte da sociedade do seu trabalho e, fundamentalmente, a clareza na definição de papéis. Outro fator de extrema relevância é a tensão, o cansaço e a concentração que este trabalho exige. Algumas pesquisas realizadas sobre doenças ocupacionais de intérpretes de língua de sinais denunciam que estes profissionais trabalham sob tensão, em um ambiente que requer atenção

e concentração, e que se mostra pouco adequado para tal (VIEIRA, 2007).

Com vista no que já foi relatado até o momento, cabe apresentar temas relevantes a respeito do trabalho do TILS, lembrando que a profissão de intérprete de Língua de Sinais Brasileira está em fase de maturação, adolescência, onde a idade e o tempo costumam trabalhar a favor devido à experiência acumulada e às lutas travadas. Dentro dessa percepção, o TILS está saindo do casulo, tornando-se borboleta, pronto para voar (NICOLOSO, 2008).

O trabalho do intérprete encontra forte exigência em termos de agilidade mental. Ele deve conhecer as minúcias da língua fonte e da língua alvo para, além de captar o conteúdo, aproximar-se das intenções do autor em fração de tempo. Com base nos estudos da Tradução, sabe-se que não há equivalência absoluta entre duas línguas: algumas expressões, muitas vezes, podem ser traduzidas de duas ou mais maneiras. Por isso, o requisito básico para o intérprete e o tradutor é o profundo conhecimento de sua língua materna e também da língua meta, adquirido através de estudos constantes, muita leitura e prática. Ambos devem realizar seu trabalho com o menor número possível de perdas, mas sabe-se que algumas perdas são inevitáveis (MAGALHÃES JR, 2007).

Comumente, uma das maiores preocupações percebida e relatada pelos TILS refere-se à legitimidade e fidelidade nas informações que devem ser interpretadas, a fim de realizar uma boa tradução. Segundo Paes (apud Nóbrega & Giani, 1988: 53-54) “fidelidade é a busca de uma aproximação maior do texto (a maior possível). [...] A tradução é apenas um caminho para o texto original. A leitura de uma tradução não

substitui a leitura do texto original. É um outro texto”. De acordo com Magalhães Junior (2007:53):

Como aprendem logo cedo os intérpretes, os sinônimos na verdade não existem. Toda palavra, ainda que listada em dicionário como sinonímia perfeita para outra, de outro vernáculo, carrega consigo uma carga emocional, um sentimento, que varia de país para país, de cultura para cultura. Varia também conforme o conjunto do próprio intérprete. Portanto, há sempre alguma diferença de tensão a compensar, e melhor seria classificar o intérprete não apenas como transformador, mas como um bom estabilizador de voltagem.

Por outro lado, a infidelidade está intimamente relacionada a alguma situação na qual o intérprete utiliza termos e idéias que comprometem totalmente as intenções do autor do texto original, ou suprime determinada informação do discurso, seja por razão de desconhecimento ou de lapso de memória. O lapso de memória pode ocasionar *ampliação* da idéia original, *simplificação* da mensagem ou *omissão* do que foi narrado. Estes fatores podem comprometer, e muito, uma boa interpretação (MAGALHÃES JUNIOR, 2007).

O intérprete necessita de reações rápidas, pois recebe, armazena e reproduz as informações quase que concomitantemente. Sua capacidade de memória é facilmente esgotada, principalmente se não tiver muita prática e conhecimento das línguas envolvidas e do assunto a ser interpretado. Devido a isto, a luta e reivindicação pela política de

revezamento entre os intérpretes é algo incessante. De acordo com Magalhães Jr (2007), algumas pesquisas realizadas nos Estados Unidos comprovam que a qualidade da interpretação começa a cair a partir de vinte minutos do início de seu ato, pois exige esforço cognitivo causando cansaço mental, fator que torna imprescindível a troca de intérprete a cada vinte minutos aproximadamente. Os intérpretes dependem de um bom trabalho de equipe. Para ilustrar a respeito desta afirmação será citado um trecho de Magalhães Jr (2007:108) o qual retrata a importância desta prática no trabalho de interpretação:

Na interpretação simultânea, o trabalho também é feito em dupla. [...] A principal razão para se trabalhar a dois é a absoluta atenção exigida no ofício. Eventos desafiadores, com grande densidade de conteúdo apresentado em alta velocidade, requerem dos intérpretes total foco na conferência. Qualquer distração é imediatamente punida com perda de conteúdo ou, pior, de credibilidade. Está provado que o ser humano só é capaz de manter níveis ótimos de atenção por curtos períodos de tempo. Trabalhando em dupla, os intérpretes têm a possibilidade de se revezar a cada 20 ou 30 minutos, permitindo com isso que cada um dê o máximo de si quando chegar sua vez.

Este fato, certamente, refere-se à interpretação simultânea, pois se tem também a interpretação consecutiva. Cabe ressaltar que a maior parte das interpretações realizadas no Brasil consiste em interpretação

simultânea. Com relação a esta técnica Magalhães Junior (2007: 44) ressalta que:

Na verdade, falar em “simultânea” é inapropriado, uma vez que há sempre um retardo, mínimo que seja, entre o que é dito pelo palestrante e o discurso produzido na interpretação. O intérprete precisa de um tempo para processar e reformular o conteúdo. E, naturalmente, precisa ouvir antes de dar início ao processo de tradução. Não dá para ser completamente simultâneo.

Cabe ressaltar que, de acordo com Magalhães Júnior (2007), o mérito de uma interpretação nunca é individual, o crédito sempre é coletivo, pois o trabalho desenvolvido é em equipe. O ILS nunca está só. Os intérpretes devem cooperar uns com os outros, pois o sucesso da interpretação vai depender da cumplicidade e parceria efetivada pelo grupo. Os mesmos devem compartilhar informações, manter diálogos abertos e trocas de experiência, fornecer materiais sobre interpretação e tradução, enfim compartilhar saberes e atuar em parceria para o melhor desempenho do ato interpretativo, afinal a palavra-chave do trabalho do ILS, como do intérprete de qualquer outra língua, é comunicação. Ambos dividirão os bônus e os ônus da interpretação, trabalhando a quatro mãos. Eventualmente, um pegará carona nos elogios dirigidos ao outro, mas também amargará críticas por deslizos que não foram seus (NICOLOSO e SILVA, 2009).

O acesso ao conhecimento requer tempo e investimento, além de coragem. Com vontade, trabalho e disposição é possível alcançar o que

se almeja. É para isso que serve a prática. As dificuldades não são incontroláveis e o medo é indispensável. O maior medo do intérprete, assim como de qualquer pessoa, é o medo de expor sua ignorância, é o julgamento que os outros possam formar a seu respeito. O problema, mais uma vez, reside no desconhecimento em relação ao que se espera do ILS e até ao que de fato vem a ser a interpretação. O que mais mete medo é o olhar analítico do outro, o seu julgamento, crítica e o veredicto sobre o EU enquanto profissional, sobre o trabalho desenvolvido. Na maioria das vezes, o grande limitador de rendimento na interpretação é o emocional, não o linguístico (NICOLOSO, 2008).

Com experiência e serenidade, ainda que sem domínio completo da terminologia ou do assunto, é possível contornar a maior parte das dificuldades e aplicar várias técnicas e estratégias disponíveis. Um recurso fundamental para lidar com essa situação é o intérprete de apoio que, ao perceber a necessidade do colega, passa a transmitir informações ou antecipa a troca ou revezamento na interpretação, embora ainda não esteja no seu tempo determinado, permanecendo no ofício até que a situação se estabilize ou se normalize.

O intérprete deve desempenhar sua função profissional, o seu ofício, com o máximo de segurança e responsabilidade. Segundo Magalhães Jr (2007: 67):

A responsabilidade envolvida em um serviço de tradução é muito grande. O intérprete é um pequeno, mas importante elo na cadeia da comunicação. Não é indispensável, como gostaríamos de crer, mas certamente importante. Por seu intermédio, canalizam-se informações

cruciais, cujo entendimento é determinante no curso de acontecimentos que podem literalmente mudar a história. [...] E seremos sempre partícipes e agentes dela. Isso, naturalmente, implica riscos. Um risco do qual é impossível fugir. Em nossa função de intérprete, somos obrigados a tomar decisões a todo momento, instantaneamente.[...]

Provavelmente, a maioria dos intérpretes de língua de sinais já passou por momentos de tensão especialmente nos primeiros atos interpretativos, onde seu conhecimento e habilidade de interpretação são testados tanto pelos surdos, quanto pelos ouvintes. Várias perguntas são feitas em relação à profissão. A confiança e credibilidade no trabalho são conquistas que necessitam de tempo. É inquestionável o sentimento de desconforto que o ILS possui nestes momentos e situações. Sua competência é questionada e colocada sob suspeita. A desconfiança por parte dos clientes sobre a interpretação que está sendo feita é algo compreensível, pois o que está em jogo são a informação e o conhecimento que os mesmos desejam que seu interlocutor tenha acesso. Certamente, a confiança é algo a ser conquistado a cada dia, a cada momento, a cada encontro. O contato direto com o cliente, o interesse e o envolvimento do ILS com o tema ou assunto resulta na construção de um vínculo de respeito entre estes dois indivíduos. Cabe ressaltar que a maioria dos ILS costuma manter uma relação harmônica com os sujeitos envolvidos no ambiente interpretativo, uma relação baseada no respeito, na cumplicidade e trocas existentes nesta mediação (NICOLOSO, 2008).



A interpretação é também um bom laboratório para experiências de autoconhecimento. Obriga a manter permanente vigilância sobre o discurso e as reações, refreando instintos, revendo preconceitos, exercendo todo o controle emocional de que se é capaz. Nesse exercício, vai-se estabelecendo um referencial comparativo de desempenho. Segundo Magalhães Jr (2007: 176):

O problema é que, sem perceber, vamos projetando no colega, inconscientemente, tudo aquilo que nos desagrade em nosso próprio comportamento. Com isso, na maior parte das vezes, criticamos no outro, sem perceber, defeitos que sabemos existir em nós mesmos. Essa crítica projetiva, porém, valida-nos na medida em que dissimula a frustração que do contrário experimentaríamos.

Contudo, de acordo com as bases teóricas dos Estudos Culturais, dos Estudos Surdos e da Análise Crítica do Discurso o modo de pensar e as reações emocionais, assim como a língua, a rigidez, a capacidade de improvisação, a informalidade, são em grande parte definidos pela cultura em que se vive, resultado de um constante processo de tentativa e erro tendo por referência as pessoas, as práticas sociais e o mundo em que se vive. O processo de aquisição linguística determina, em grande parte, o funcionamento da mente, os preconceitos, a visão de mundo e, até mesmo, o temperamento e personalidade do sujeito (MAGALHÃES JUNIOR, 2007). Por isso, cada intérprete é único, apresenta uma subjetividade, uma individualidade e uma identidade própria.

Comparações entre um TILS e outro são comuns, habituais e ocorrem com frequência no mundo dos surdos. Segundo Magalhães Junior (2007), apesar das comparações existentes, um TILS deve ser ele mesmo, antes de ser um intérprete. Deve reconhecer sua real importância, seu devido valor, nem mais nem menos. Deve ser profissional, educado e sempre usar de bom senso para enfrentar qualquer situação que venha a ocorrer. Enfim, deve comunicar-se.

#### **4.8. O TILS: gênero em questão**

Para dar início as reflexões em torno do tema proposto nesse espaço cabe afirmar que hoje em dia, muitas vezes, a palavra “gênero” aparece em contextos onde se espera encontrar a palavra “sexo”. Em vez de se falar de diferença entre os sexos, fala-se de diferença entre os gêneros. As pessoas desavisadas podem achar que o termo “gênero” é apenas um sinônimo de sexo. No entanto a sociedade é que constrói os papéis masculinos ou femininos. “Gêneros” são papéis socialmente construídos. Assim, não é a natureza, mas a sociedade que impõe à mulher e ao homem certos comportamentos e certas normas diferentes. Heberle (2000:301) reafirma este pensamento:

Gênero, por sua vez, também tem recebido várias definições e é visto como uma categoria socialmente construída, diferenciada da oposição biológica macho/fêmea, colocada num continuum que interage com outras variáveis sociais tais como [...] idade, grau de instrução, etnia, status sócio-econômico, ocupação, classe social,

orientação sexual, filiação política, religiosa, etc. Percebe-se, pois, que a construção social de gênero não opera de forma monolítica e universal.

Caldas-Coulthard (2000) descreve os conceitos linguísticos de gênero e sexo, situando que a palavra gênero foi usada pela primeira vez pelo gramático grego Protágoras e que esta deriva de uma palavra que significa “classe” ou “tipo”. Protágoras classificou a palavra gênero em ‘masculina, feminina e neutra’ sendo que este fator fez com que ela passasse a significar ‘classes relacionadas a sexo’. A classificação de substantivos quanto ao gênero parece ser irrelevante num primeiro momento, mas o sistema gramatical de uma língua levanta questões sócio-políticas de grande seriedade, já que a prática social dá prioridade, em termos linguísticos a um determinado sexo (CALDAS-COULTHARD, 2000)

Ainda que gênero seja usado como sinônimo de sexo, nas ciências sociais refere-se às diferenças sociais, conhecidas nas ciências biológicas como “papel de gênero”. Historicamente, o feminismo posicionou os papéis de gênero como construídos socialmente, independente de qualquer base biológica. Castel (2001) afirma que a expressão “papel de gênero” foi criada pelo sexologista John Money em 1955 e é usada para significar tudo o que a pessoa diz ou faz para evidenciar a si mesma como homem ou como mulher. Isso inclui, mas não é restrito à sexualidade, envolve vestimenta, modo de falar, gestos, profissão e outros fatores que não são limitados pelo sexo biológico e sim por atitudes. A expressão “papel de gênero” é normalmente substituída por “gênero” sem que haja qualquer ambiguidade.

Segundo Caldas-Coulthard (2000:275):

A partir da década de 70, com o surgimento da sociolinguística, ‘sexo’ (distinção biológica entre seres) passou a ser usado como categoria analítica. A sociolinguística quantitativa, encabeçada pelo linguista americano William Labov, tinha como objeto de estudo a variação linguística, ou como os falantes produzem ‘variantes’ (uma determinada pronúncia, por exemplo, ou uma forma gramatical) de acordo com as ‘variáveis’ extralinguísticas de idade, sexo ou classe. Assim, os estudos quantitativos fizeram pela primeira vez a correlação entre as estruturas linguísticas e sociais.

A pesquisa feminista sobre linguagem e gênero, termo este redefinido como um conceito cultural e social questionou a metodologia da sociolinguística quantitativa. Ficou comprovado que os instrumentos de medida apresentavam inferências teóricas e interpretações individuais preconceituosas e estereotipadas. O sexo, como a raça, era uma categoria de relações sociais onde a dominação era invariavelmente justificada pela diferença. O que estava pressuposto era a inferioridade feminina (CALDAS-COULTHARD, 2000).

Considerando diversas dinâmicas sociais questionam-se quais das diferenças entre os gêneros masculino e feminino são aprendidas socialmente, ou refletidas biologicamente. Considera-se que papéis de gênero são arbitrários. Nos estudos de gênero o termo “gênero” é usado para se referir às construções sociais e culturais de masculinidades e feminilidades respectivamente no plural ao invés do singular,

ênfatizando a diversidade tanto dentro das culturas como entre as mesmas. Neste contexto, gênero explicitamente exclui referências para as diferenças biológicas e foca nas diferenças culturais. Então, seguindo nessa linha de raciocínio, é nas interações sociais que os participantes de uma comunidade, constantemente, estão negociando regras, formas de agir e discursos que definem o gênero. Heberle, Ostermann e Figueiredo (2006:9) ainda ressaltam que:

Embora estejamos adotando a noção de que o gênero é construído socialmente, reconhecemos que as práticas socioculturais que constituem essa categoria, e que incluem a linguagem, são, com frequência, objeto de resistência ou de contestação. Homens e mulheres, ao participarem de interações sociais via linguagem, ao produzirem ou consumirem textos (tanto orais quanto escritos), alinham-se em diferentes graus com os papéis de gênero articulados nessas práticas linguísticas, ora aceitando-os sem questionamento, ora discordando parcialmente deles, ora rejeitando-os na sua totalidade.

Cabe ênfatizar que até a década de 90, os estudos a respeito das relações entre linguagem e gênero social desenvolveram-se sob três perspectivas teóricas, a saber: *déficit, dominância e diferença*. Ostermann (2006:15), baseada em diversos autores, descreve essas três perspectivas:

A perspectiva de *déficit* sobre linguagem e gênero sustenta que o estilo conversacional das mulheres seria inferior ao estilo utilizado por homens [...]. A perspectiva de *dominância* que surgiu nos anos de 1970 argumenta que o status “inferior” do estilo conversacional das mulheres, na verdade, origina-se da dominância social dos homens sobre as mulheres [...]. Por fim, a abordagem de *diferença*, também conhecida como “modelo das duas culturas”, apesar de amplamente criticada, defende que mulheres e homens são socializados diferentemente em suas formas de falar já desde a primeira infância. Estudos dentro dessas abordagens têm-se preocupado principalmente em investigar *diferenças* entre formas de falar de homens e mulheres.

De forma mais resumida, Coates (1986, apud Caldas-Coulthard, 2000) explica que essas concepções eram percebidas em duas linhas principais de pesquisa sobre diferença de sexo e competência comunicativa: o modelo do *domínio* e o da *diferença*:

O modelo do domínio interpreta diferenças linguísticas na competência comunicativa de mulheres e homens como um reflexo do domínio masculino e da subordinação das mulheres; o modelo da diferença enfatiza a idéia que mulheres e homens pertencem a subculturas diferentes; as diferenças entre os sexos são interpretadas como

refletindo as subculturas diferentes (COATES, 1986 apud CALDAS-COULTHARD, 2000:279).

Nesta mesma lógica de pensamento, Caldas-Coulthard (2000) comenta a teoria de Debora Tannen (1990) sobre as supostas diferenças na fala de homens e mulheres e, também, sobre o argumento de Gray (1992) de que homens e mulheres são linguisticamente incompatíveis. Porém as publicações como as de Tannen e a de Gray, citadas acima, enfatizam a diferença entre homens e mulheres e ignoram similaridades, status e relações de poder desiguais. Tais livros reforçam estereótipos e mascaram o fato de que a linguagem de homens e mulheres forma um contínuo sobreposto ao invés de duas categorias distintas. Caldas-Coulthard evidencia que houve grande avanço nas pesquisas sobre linguagem e gênero e comprova mudanças na concepção deste tema, pois os resultados desses estudos já atingem o domínio público. A apropriação pelo público das pesquisas feministas sobre linguagem e construção de identidades de gênero vem sendo discutida atualmente e com isto a sociedade se tornou mais consciente em relação a este assunto (CALDAS-COULTHARD, 2000).

Na tentativa de encontrar características próprias femininas nos códigos linguísticos utilizados por escritoras mulheres, algumas pesquisas levantaram perguntas do tipo: As mulheres têm um vocabulário mais restrito que os homens? Usam mais adjetivos? Tendem a utilizar mais diminutivos? Usam palavras desnecessárias? Suas sentenças são mais longas ou mais curtas que a dos homens? São mais explícitas? Enfim, questionamentos para investigar se existe uma linguagem própria feminina ou conhecer quais são as características da fala das mulheres (SAFFIOTI & MUÑOZ-VARGAS, 1994;

BAUMGARTEM, 2002 e HANCIAU et. al., 2001). Outras pesquisas apontam para as diferenças sexuais na escolha de palavras e na sintaxe, assim como outras focalizam a tomada de turno, a questão da polidez, as interrupções, o silêncio, o controle de turno e de tópico e as formas de tratamento, sempre considerando estilos interativos diversos (ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, L., 1979).

Num primeiro momento, muitos trabalhos focalizaram as diversas formas pelas quais a linguagem ajuda a definir, diminuir e excluir as mulheres linguisticamente. Entretanto, infelizmente, em algumas pesquisas realizadas, quando se referem à mulher, é possível encontrar marcas de invisibilidade e inferioridade em termos linguísticos, bem como preconceitos. “A base teórica da ‘deficiência’ na linguagem feminina apontava para a dicotomia binária entre homens e mulheres (OSTERMANN, 2006). As mulheres eram ‘deficientes’ linguisticamente por terem sido socializadas como mulheres” (CALDAS-COULTHARD, 2000:277). Caldas-Coulthard (2000) faz uma análise comparativa entre algumas pesquisas feministas de estudo de gênero e linguagem dividindo-as em duas fases, esclarecendo as diferenças marcantes entre elas. A autora, em relação à primeira fase, considera que:

O maior problema das pesquisas da primeira fase foi que as pesquisadoras, tentando ‘explicar’, ao invés de simplesmente descrever diferenças de ‘sexo’ na tradição laboviana, frequentemente criavam estereótipos, já que as diferenças individuais das mulheres não eram consideradas no paradigma quantitativo. As mulheres eram



conceptualizadas como um grupo homogêneo, enquanto que aos homens, era dado um tratamento individual que transcendia ao gênero. (CALDAS-COULTHARD, 2000:277).

Dando seguimento às discussões e reflexões das análises realizadas pela autora acima citada, em relação às pesquisas da segunda fase, a mesma aponta que algumas destas pesquisas comprovam que a afirmação de que as mulheres fazem uso de uma linguagem mais padrão que os homens é uma ‘generalização simplista’. Caldas-Coulthard (2000:277-278) afirma:

Estudos discursivos críticos dos anos 90 [...] mostram que o contexto social assim como os papéis sociais e as relações de poder determinam a produção linguística. Outras variáveis, como redes de comunicação, vizinhança, idade, organizações locais de interação e de trabalho, condições de vida e, acima de tudo, relações de poder e contextos culturais, precisam ser levados em consideração em qualquer análise linguística.

Em convergência com a afirmação mencionada cabe dizer, embora seja óbvio, que as mulheres diferenciam-se dos homens assim como entre elas mesmas. Seus comportamentos não são iguais, reagem de forma diferente em situações semelhantes, não se expressam da mesma forma e conseqüentemente, sua produção linguística não pode ser explicada de maneira generalizada. Existe a necessidade de um olhar diferenciado, extremamente importante para os estudos de gênero, pois

levanta questões relacionadas à linguagem e ‘sexo’ referindo-se a situação contextual e relações de poder.

Coates e Cameron (1988, apud Caldas-Coulthard, 2000) insistem que os métodos de análise da deficiência, do domínio e da diferença são importantes, mas não são suficientes. Uma análise que nega as dimensões de domínio e subordinação tem poder exploratório insuficiente. Em contrapartida, dimensões culturais irão sempre determinar o uso linguístico. As subculturas femininas e masculinas não são separadas de estruturas de poder.

Dando continuidade as discussões a respeito da pesquisa feminista Caldas-Coulthard (2000:281) afirma:

O maior avanço da pesquisa feminista do momento estende-se a questão da construção da identidade e das representações e feminilidade e de masculinidade. Gênero é somente um aspecto de nossas múltiplas identidades e qualquer pesquisa linguística tem que averiguar como a interação ou representação é realizada – quais os papéis sociais que estão sendo articulados, em que práticas discursivas, ou ainda, como as práticas sociais produzem identidades. A categoria de gênero não pode ser dissociada ou analisada independentemente de todas essas outras possibilidades.

Assim, é relevante repensar os conceitos sobre linguagem de homens e linguagem de mulheres. Em vez de fazer referência a estilos produzidos por pessoas como marca de suas identidades como homens e

mulheres, Coates e Cameron (1988) sugerem que os próprios estilos podem ser produzidos como femininos ou masculinos e que as pessoas encaixam-se a esses estilos no processo de se produzirem como sujeitos. O uso da linguagem é, portanto, um ato de identidade. Ou seja, os indivíduos fazem uso da linguagem para marcar não só seu gênero, mas sua classe social, sua raça, sua cultura, sua religião entre outros.

Contudo, nos últimos anos, existe uma crescente preocupação em pesquisar questões que envolvem o fato de “fazer-se” gênero por meio da linguagem influenciando na mudança de foco das pesquisas em linguagem e gênero para o tema da diversidade. Questiona-se sobre o fato de existir o binômio entre o estilo feminino e o estilo masculino de falar, de se expressar e aqui nesse estudo, mais especificamente, de interpretar/traduzir.

A investigação que se pretende realizar problematiza as definições sobre as formas de falar e interpretar/traduzir das mulheres e dos homens, pois serão analisadas comparativamente as práticas discursivas de profissionais que atuam na interpretação da língua de sinais brasileira. Para tanto, examinam-se traços de identidades masculinas e femininas situados no uso da linguagem. O propósito é oferecer subsídios, através de reflexões teóricas e análise empírica, a fim de obter dados sobre a produção e reprodução de identidades sociais e marcas de gênero. Ou melhor, utilizar o conceito de gênero como uma categoria analítica buscando teorizar sobre tradução/interpretação e gênero na Língua de Sinais Brasileira apoiando-se em dados empíricos para um resultado que apresente maior fidedignidade.

## 5 – METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

### 5.1. Hipóteses

Com base em dados empíricos de algumas experiências e observações realizadas no contato com a língua de sinais em diversos contextos de uso, especificamente no ato de tradução e interpretação, na intuição de usuária da Língua de Sinais Brasileira, do conhecimento linguístico das línguas de sinais e das leituras realizadas para esta pesquisa, algumas hipóteses são levantadas para a identificação das marcas de gênero na interpretação simultânea da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira:

- Há possíveis diferenças nas manifestações linguísticas durante a interpretação realizada por intérpretes do sexo feminino e por intérpretes do sexo masculino; ou melhor, as decisões tradutórias realizadas pelos intérpretes homens e pelas intérpretes mulheres se dão de maneiras diferentes.
- Normalmente as intérpretes mulheres apresentam informações com maior uso de explicitação, ou seja, são mais detalhistas e minuciosas nas suas traduções/interpretações. Os intérpretes homens, por sua vez, são mais diretos.

## 5.2. A natureza da pesquisa

Essa pesquisa utiliza-se da abordagem qualitativa e se caracteriza por ser um Estudo de Caso, fazendo uso de estratégias que possibilitem mencionar elementos pertinentes à temática deste trabalho como: coleta de dados através de filmagens em DVD; análise dos aspectos investigados na interpretação de língua de sinais através do Sistema de Transcrição de Língua de Sinais (ELAN) e considerações plausíveis das marcas de gênero contrastantes manifestadas durante as interpretações de um texto da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira realizadas por intérpretes homens e mulheres.

Nessas gravações, transcrições e considerações procurou-se garantir a fidedignidade e análise aprofundada das mesmas quanto à questão das marcas de gênero na interpretação de língua de sinais. Cabe ressaltar que as filmagens foram coletadas de maneira formal, de acordo com as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC, no Laboratório de Novas tecnologias (LANTEC) situado no prédio do Centro de Ciências da Educação (CED) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e com o consentimento prévio dos sujeitos alvo dessa pesquisa. Esses vídeos serviram como suporte de análise de dados empíricos, bem como de embasamento para as possíveis afirmações, confirmações ou refutações das hipóteses e reflexões realizadas pela autora ao longo dessa dissertação.

Cabe esclarecer que a pesquisa qualitativa também pode ser conhecida como investigação etnográfica. Segundo Triviños (1987: 121):

A etnografia baseia suas conclusões nas *descrições* do real cultural que lhe interessa para tirar delas os *significados* que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade. Isso obriga os sujeitos e o investigador a uma *participação* ativa onde se compartilham modos culturais [...]. Isto é, em outros termos, o pesquisador não fica fora da realidade que estuda, à margem dela, dos fenômenos aos quais procura captar seus significados e compreender.

Ainda de acordo com Triviños (1987:121):

A participação do investigador como etnográfico envolve-o na vida própria da comunidade com todas suas coisas essenciais e acidentais. Mas sua ação é disciplinada, orientada por princípios e estratégias gerais. De todas as maneiras, sua atividade, sem dúvida alguma, está marcada por seus traços culturais peculiares, e sua interpretação e busca de significados da realidade que investiga não pode fugir às suas próprias concepções do homem e do mundo. O valor científico de seus achados, porém, dependerá, fundamentalmente, do modo como faz a descrição da cultura que observa e que está tratando de viver em seus significados.

O investigador pertence a uma determinada cultura que poderá ser um obstáculo para a compreensão de uma realidade cultural

diferente. Da mesma forma, o tradutor/intérprete de língua de sinais encontra-se, frequentemente, na região de contato com a cultura surda, na *fronteira*. O intérprete de língua de sinais situa-se no espaço híbrido “entre” surdos e ouvintes, sendo que esta experiência acontece na medida em que transita na *fronteira* cultural no ato da interpretação.

Não se pode negar o fato de que surdos e intérpretes fazem parte de duas culturas diferentes e que no contato entre estas duas culturas ambos poderão se sentir marginalizados, visto que se encontram dentro de um contexto cultural diferente. Todavia, o contato entre estas duas culturas também poderá ser de grande valia para ambas as partes, pois existe sempre um compartilhar de conhecimentos e aprendizagens da cultura do outro.

Conforme citado no corpo dessa dissertação, o intérprete, muitas vezes, é visto como um “ator social”, agindo como mediador cultural na comunicação entre as pessoas ouvintes e surdas. A atuação do intérprete é um elemento fundamental nessa relação intercultural e daí sua conexão com a Análise Crítica do Discurso, com os estudos Surdos e com os Estudos Culturais.

Alguns fatores importantes que compõem o perfil de um TILS tratam-se da “legitimidade”, “imparcialidade”, “invisibilidade” deste profissional no ato da tradução ou interpretação, como também a tradução lingüística e cultural do discurso. O TILS constitui-se de uma mescla de identidades que têm origem no contato cultural com o surdo. Assim, é relevante obter informações a respeito da cultura e identidade dos surdos, bem como estudar a morfologia, fonética, fonologia, sintaxe, semântica e pragmática da Língua de Sinais Brasileira e da Língua Portuguesa. Para um bom trabalho de tradução e interpretação, também

se faz necessário o conhecimento da história dos surdos no Brasil e no mundo. Outro fator importante é o treinamento dos parâmetros não manuais, isto é, a expressão corporal e facial que fazem parte da Língua de Sinais, através de exercícios e técnicas de dramatização (SANTOS, 2006). Por todos estes fatores acima citados justifica-se a seleção dos profissionais que fazem parte desta pesquisa, evidenciando a importância de suas formações.

Assim, na realização do presente trabalho, procurou-se efetivar a teorização de dados empíricos sobre marcas de gênero na tradução/interpretação simultânea da Língua de Sinais Brasileira, levando em consideração os aspectos teóricos dos Estudos Surdos, dos Estudos Culturais, dos Estudos da Tradução bem como da Análise Crítica do Discurso na tentativa de se fazer uma articulação entre essas concepções teóricas.

### **5.3. O desenvolvimento da pesquisa**

Para o desenvolvimento da atual pesquisa, os dados foram coletados por meio de gravações em vídeos da interpretação simultânea de um texto narrado em Língua Portuguesa oral para a Língua de Sinais Brasileira. O referido texto é de autoria de Rosely Sayão e intitula-se “A Construção da diferença de gênero”. O mesmo foi extraído do jornal “Folha de São Paulo” - Caderno Equilíbrio - publicado no dia 28 de julho de 2005 (Anexo I). A escolha deste jornal justifica-se pelo fato de ser conhecido nacionalmente, de grande circulação e de fácil acesso à população. Os sujeitos participantes dessa pesquisa são intérpretes de Língua de Sinais Brasileira (ILS), sendo três deles, do sexo feminino e



três do sexo masculino. Os seis intérpretes ao disponibilizar as filmagens fizeram a leitura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* exigido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP) da UFSC e, após, realizaram a assinatura do mesmo (Anexo II e III)

Esta pesquisa caracteriza-se por ser qualitativa, descritiva e exploratória do tipo Estudo de Caso. Os seis intérpretes participantes atuam profissionalmente na referida universidade, sendo que alguns deles são, também, alunos da graduação, do mestrado e do doutorado desta mesma instituição. É pertinente mencionar que todos receberam explicações e esclarecimentos referentes ao processo metodológico da pesquisa desenvolvida a fim de aceitarem, ou não, disponibilizar os dados coletados, pois estes fazem uso das suas imagens deixando explícitas suas identidades, bem como o uso de seus nomes verdadeiros. Cabe ressaltar, também, que os sujeitos participantes não foram alertados a respeito do assunto principal que estaria sendo investigado na pesquisa, a fim de não haver qualquer influência ou interferência na interpretação como o uso de monitoramento e/ou controle sobre os sinais, expressões e/ou estratégias de interpretação utilizadas durante o processo, pois estes poderiam comprometer nos resultados.

É pertinente mencionar que os responsáveis pela pesquisa assinaram uma Declaração comprometendo-se em cumprir os termos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares para utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para fins previstos no protocolo e a publicar os resultados obtidos sejam eles favoráveis ou não (Anexo IV).

### 5.3.1. Seleção e descrição dos participantes

Para a efetivação da presente pesquisa, como já foi relatado anteriormente, utilizou-se como sujeitos de investigação seis intérpretes de Língua de Sinais Brasileira que atuam na Universidade Federal de Santa Catarina, sendo três do sexo feminino e três do sexo masculino, todos atuantes e experientes na área da interpretação/tradução e com tempo aproximado de carreira. É importante levar em conta que a autora dessa pesquisa sendo, também, tradutora e intérprete de língua de sinais, tem a contribuir nas atuais discussões e pesquisas no campo dos Estudos da Tradução, sabendo que são poucos e recentes os trabalhos desenvolvidos nessa área. A insuficiência de dados e a raridade de pesquisas são fatores que motivaram e impulsionaram a pesquisadora com vistas em novas expectativas e caminhos a serem trilhados e investigados pelos intérpretes de Língua de Sinais dentro das universidades do Brasil, especificamente, com relação aos Estudos de Gênero vinculados aos Estudos da Tradução, pois atualmente o papel social de gênero encontra-se em constante reformulação.

Os critérios utilizados para a escolha dos participantes foram:

- TILS com, no mínimo, cinco anos de experiência na área da interpretação;
- TILS atuante em nível superior ou pós-graduação na UFSC;
- TILS residente no município de Florianópolis – SC;
- Idades entre 20 e 30 anos

Estes critérios justificam-se pelo fato da pesquisadora atuar na referida universidade favorecendo o acesso à coleta de dados e possuir contato direto com esses sujeitos em momentos de interpretação de

algumas disciplinas podendo compartilhar das mesmas vivências, angústias, frustrações, satisfações, enfim vários sentimentos que tomam conta deste profissional no momento de uma tradução/interpretação. A escolha por intérpretes de língua de Sinais com formação e vivência no ramo da interpretação no ensino superior e/ou pós-graduação justifica-se pelo fato de considerar suas experiências sociais, linguísticas, acadêmicas e profissionais em diferentes momentos, clarificando a exposição e fundamentando melhor seus discursos no ato interpretativo e tradutório, os quais são objetos de estudo desta pesquisa.

Outro aspecto de extrema relevância que se levou em consideração na seleção dos intérpretes de Língua de Sinais Brasileira para a coleta de dados desta pesquisa foi o vínculo, o contato permanente e quase diário com surdos que apresentam formação em nível superior e/ou pós-graduação. Este vínculo remete, obrigatoriamente, à inserção dos TILS nos dois mundos, nas duas culturas envolvidas, nas relações de poder aí existentes, fazendo com que estes participem, ativamente, do cotidiano do sujeito surdo no ensino superior. Percebe-se, no entanto, que o envolvimento do TILS nos movimentos de luta do povo surdo facilita a confiança no seu desempenho profissional.

Cabe salientar, como já foi discutido no desenvolvimento da presente dissertação, que nos discursos mais recentes, a surdez é entendida como construção social. Esse fato vem ao encontro das concepções teóricas defendidas pelos estudos utilizados nesta dissertação como fundamentação teórica, ou seja, pelos Estudos Surdos, pelos Estudos Culturais, pelos Estudos da Tradução e pela Análise Crítica do Discurso, que consideram a importância de se perceber as

culturas e a pessoa surda nas suas diferenças, nas suas identidades e na sua construção social. Reconhecendo, pois, a variedade de teorias relevantes para a área de estudos da linguagem, e restringindo meu foco de pesquisa, apresento considerações a partir de três áreas interligadas e integradas que vêm merecendo destaque e que, igualmente, podem se enquadrar na área mais abrangente dos Estudos Culturais. São elas: a Análise Crítica do Discurso, os Estudos da Tradução e os estudos da linguagem em relação a questões de gênero.

Os sujeitos investigados pertencem, atualmente, ao estado de Santa Catarina. Esta escolha justifica-se pelo conhecimento que a pesquisadora tem do contexto situacional em razão da sua trajetória profissional e, também, porque estes se incluem nos critérios mencionados acima para a seleção dos participantes. Contudo, neste estado ocorrem discussões acadêmicas que têm efeitos práticos na atuação dos intérpretes de Língua de Sinais Brasileira, devido à sua organização. A participação destes sujeitos foi fundamental para o processo de análise da pesquisa em questão.

### 5.3.2. Método de seleção e coleta de dados

O procedimento metodológico de seleção e coleta de dados dessa pesquisa foi composto por várias etapas:

Primeiramente, realizou-se a seleção do texto alvo das interpretações. Os critérios levados em consideração para a escolha foram: (i) ser um texto informativo e formal, pois este tipo de texto requer um padrão de interpretação formal facilitando a análise das interpretações; (ii) o fato do mesmo referir-se ao tema abordado na

pesquisa, ou seja, a questão de gênero, a fim de melhor ilustrar e valorizar o assunto em pauta; (iii) ser um texto de nível significativo para uma rápida compreensão; (iv) apresentar poucas expressões idiomáticas e metáforas; (v) ser condizente com o contexto de situação, isto é, interpretação simultânea de nível superior; (vi) apresentar facilidade de competência tradutória e referencial para os participantes e, por fim, (vii) não caracterizar um texto muito longo.

É importante esclarecer que o referido texto encontra-se, também, em formato digital (DVD), pois houve a gravação do texto escrito através de leitura oral, a fim de facilitar o processo de interpretação simultânea na Língua de Sinais Brasileira. O tempo total da gravação narrada oralmente é de 5 (cinco) minutos e 12 (doze) segundos. Posteriormente, efetivou-se a coleta dos dados por meio de gravações audiovisuais (DVD) das interpretações do texto acima citado. As filmagens foram autorizadas e realizadas em estúdio fechado do Laboratório de Novas Tecnologias (Lantec). Esta autorização se deu por meio de uma Declaração de Ciência e Parecer do Lantec (Anexo V), bem como da Carta de Aceite com carimbo e assinatura do responsável pelo laboratório (Anexo VI). As interpretações deram-se da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira.

A próxima etapa constituiu-se em observar todas as interpretações filmadas e gravadas em DVD, com o uso do computador, a fim de fazer um mapeamento de cada uma delas, identificando a presença ou ausência das modalidades de tradução utilizadas por Aubert (1998) e, com isto, realizar uma rápida descrição das interpretações das mulheres e dos homens.

Depois, foram feitas várias observações dos vídeos para localizar traços contrastantes de gênero durante as interpretações entre ILS homens e ILS mulheres. Em outro momento, as cenas identificadas por apresentarem marcas de gênero foram colocadas no Sistema de Transcrição de Língua de Sinais (ELAN) a fim de segmentá-las e analisá-las de acordo com os objetivos propostos.

Finalmente, após a verificação e análise dos trechos escolhidos procurou-se fazer algumas discussões com a finalidade de concluir a pesquisa com as possíveis constatações e considerações a respeito das hipóteses traçadas sobre as diferenças linguísticas manifestadas pelos intérpretes do sexo masculino e do sexo feminino, que foram observadas durante o ato interpretativo e que sugerem marcas de gênero, fazendo uma analogia entre elas.

Resumindo, sendo esta pesquisa de cunho descritivo e qualitativo, os processos de interpretação, as estratégias e os procedimentos utilizados por cada participante foram observados e avaliados, assim como as escolhas tradutórias dos mesmos. Sempre que possível, as interpretações foram categorizadas e comparadas de acordo com as explicações da Análise Crítica do Discurso, bem como de teorias e conceitos próprios dos Estudos da Tradução, mais especificamente das modalidades de tradução, dos Estudos de Gênero e dos estudos Culturais. Sabe-se que Análise Crítica do Discurso representa uma possibilidade de teorizar, analisar e aplicar os estudos do discurso, salientando que o discurso é uma forma de ação social devendo-se investigar traços do contexto, pois envolve questões de aspectos ideológicos, sócio-políticos, econômicos e de poder. O uso da

linguagem é socialmente determinado por diferentes discursos, circunstâncias e papéis dos interlocutores.

### 5.3.3. Metodologia de análise: ELAN

A transcrição de dados é de fundamental importância quando se propõe pesquisar uma língua, seja ela qual for. Independe, também, da modalidade em que esta língua se apresenta. Por meio da transcrição ou anotação é possível investigar todos os níveis de análise de uma língua, ou seja, fonológico, morfológico e sintático. Especificamente, no caso das línguas de sinais, o estudo linguístico é recente em comparação com as demais línguas orais. Assim, como visto anteriormente no corpo desta pesquisa, estes estudos tiveram início com o linguista americano Willian Stokoe, na década de 1960, com a Língua de Sinais Americana (ASL). Somente depois daí é que as línguas de sinais passaram a ter um status linguístico, ou melhor, foram reconhecidas, de fato, como língua.

No entanto, conforme apresenta Quadros & Pizzio (2007), o processo de transcrição de dados vem passando por significativas e aceleradas mudanças, em consequência do crescente avanço da tecnologia, que proporcionou uma melhor descrição das línguas de sinais. Uma das grandes dificuldades ainda se encontra nos sistemas de notação, isto é, na maneira de representar os sinais nos sistemas de transcrição de dados. Este fato ocorre porque cada grupo de pesquisa faz uso de uma notação diferente ou realiza adaptações de um mesmo sistema de notação, de acordo com seu objeto de estudo, dificultando assim uma padronização e a possibilidade de armazenar seus trabalhos

em um único banco de dados, acessível a qualquer pesquisador (McCLEARY & VIOTTI, 2007).

Atualmente, é possível verificar que existem vários sistemas de transcrição de dados em línguas de sinais disponíveis. Porém, o ELAN (EUDICO – Linguistic Annotator) é o sistema de transcrição que vem sendo utilizado com maior frequência pelos pesquisadores brasileiros, numa tentativa de padronização das transcrições da Língua de Sinais Brasileira.

Segundo McCleary & Viotti (2007) o ELAN é uma ferramenta de anotação/transcrição que permite ao usuário criar, editar, visualizar e procurar anotações através de dados de áudio e vídeo. Esse programa de transcrição foi desenvolvido pelo ‘Instituto de Psicolinguística Max Planck’, em Nijmegen, na Holanda, com o intuito de fornecer uma base tecnológica para a anotação e a exploração de gravações multimidiáticas. O ELAN foi projetado para a análise de línguas, mais especificamente para a língua de sinais e de gestos, mas pode ser utilizado por todas as pessoas que trabalham com *corpora* de mídias, isto é, que lidam com dados de vídeo e/ou áudio, com a finalidade de anotação, de análise e de documentação destes.

É pertinente esclarecer que o programa ELAN mostra o tempo associado às cenas transcritas e é de fácil relação entre as diferentes informações, permitindo um número limitado de notações determinado pelos pesquisadores. Comporta conjuntos de diferentes caracteres e exporta os registros como documentos de texto. Por meio deste sistema, o pesquisador é capaz de visualizar, simultaneamente, diferentes blocos de informações como, por exemplo, vídeos, glosas, traduções das glosas, marcas não-manuais, sons associados aos sinais, o contexto,



entre outros. Então, no momento em que o pesquisador marca um determinado ponto da transcrição, automaticamente, aparecem os outros blocos de informações relacionados a essa transcrição.

Contudo, cabe mencionar que existe a possibilidade de os vídeos serem visualizados de diferentes maneiras, podendo-se observar até quatro vídeos ao mesmo tempo e os mesmos também podem ser sincronizados com o mesmo tempo, no caso de vídeos de uma mesma imagem que apresenta ângulos diferentes. Este sistema permite, inclusive, abrir um vídeo no tamanho da tela inteira facilitando a visualização de detalhes. Os vídeos, por sua vez, podem ser rodados em diversas velocidades. (McCLEARY & VIOTTI, 2007).

Assim, devido os vários motivos elencados acima, as interpretações colhidas para a realização dessa pesquisa foram filmadas e, em seguida, gravadas em DVD para, posteriormente, serem analisadas com rigor, a fim de se identificar trechos onde sugerem marcas de gênero na interpretação/tradução por parte dos sujeitos investigados; sendo que os dados considerados relevantes foram transcritos, utilizando-se o método de notação do Programa ELAN.

#### **5.4. Descrição dos dados**

A realização da descrição dos dados será feita por meio de um mapeamento de todas as interpretações em busca da presença de *modalidades de tradução*<sup>10</sup> (AUBERT, 1998), a saber: omissão, transcrição, empréstimo, tradução literal, transposição, explicitação, implicação, modulação, adaptação, tradução intersemiótica, erro,

---

<sup>10</sup> Ver definições no Capítulo sobre Estudos da Tradução – Modalidades de Tradução.

correção e acréscimo; utilizadas pelos sujeitos da pesquisa a fim de apresentar uma discussão resumida dos dados coletados. Para situar melhor o leitor, as descrições terão início pelas interpretações das ILS mulheres, seguidas pelas interpretações dos ILS homens. Cabe ressaltar que os seis intérpretes participantes dessa pesquisa concordaram com o fato de seus nomes verdadeiros serem divulgados, já que suas próprias imagens são apresentadas em fotos. Portanto, as três intérpretes mulheres denominam-se: Letícia, Silvana e Viviane. E, por sua vez, os três intérpretes homens chamam-se: Felipe, Marcos e Tiago.

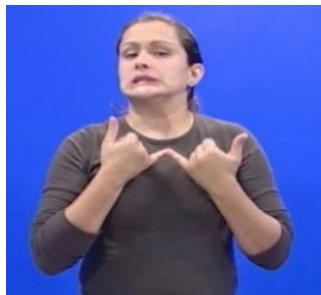
### **Interpretação TILS Letícia:**

Foi possível perceber que durante o ato tradutório do seguinte recorte: “*A cena de uma garota de uns 18 ou 19 anos levando tapas do namorado no rosto dentro de um carro novo importado e reagindo apenas com choro foi, para mim, chocante. Mas real*” a intérprete Letícia apresentou uma *Omissão* quando não informa que o namorado está dentro de um carro novo importado. Sinalizando apenas: MULHER IDADE 18 19 TAPAS NAMORADO CHORAR.

Percebeu-se, também, o uso de *Transcrição* quando a TILS utilizou o alfabeto digital para traduzir a palavra “*gênero*”.

Letícia apresenta em sua interpretação duas ocorrências de *Empréstimo*: uma quando usa a soletração para o título do livro “*Criando Meninos*” e outra quando faz uso da dactilologia para mencionar os nomes próprios: *Ana, Paulo, Marina, Álvaro*.

A *Tradução Literal* é percebida em dois momentos, cabendo ressaltar que nas duas situações a ordem das palavras na frase foi a mesma do texto fonte, porém a escolha de alguns sinais para as referidas traduções se distancia do sentido imposto pela sentença. A primeira ocorre quando Letícia utiliza o sinal de CHOQUE ELÉTRICO para traduzir a palavra “*chocante*” no trecho: “*A cena de uma garota de uns 18 ou 19 anos levando tapas do namorado no rosto dentro de um carro novo importado e reagindo apenas com choro foi, para mim, **chocante**. Mas real*”. Veja foto a seguir:



CHOQUE ELÉTRICO

A segunda aparece quando Letícia opta pelo sinal ENTRAR para traduzir a palavra “*intervir*” no seguinte contexto: “*Por isso precisamos **intervir** de modo educativo nessa situação desde cedo.*” Observe na imagem abaixo:



ENTRAR

Nas interpretações de Letícia também apareceram dois casos de *Explicitação*: um quando faz uso da soletração da palavra “*gênero*” e após enfatiza a informação com os sinais da Libras referentes a **HOMEM** e **MULHER**; e outro observado no seguinte recorte: “*não devem aceitar nenhum tipo de violência*”, o qual a ILS interpreta da seguinte forma: **NÃO PODER ACEITAR AGUENTAR BRAVO VIOLÊNCIA ACEITAR NÃO**. Além de utilizar vários léxicos para a palavra *aceitar*, ela também reforça a mensagem com o uso de ênfase no final da frase repetindo que não se deve aceitar nenhum tipo de violência.

Observou-se durante toda a interpretação de Letícia aproximadamente 45 (quarenta e cinco) *Adaptações*, sendo as mais frequentes o uso de intervenções como: **PORQUÊ**, **É**, **MAS**, **V-A-I**, **O QUÊ**, **TAMBÉM**, **COMO** e **JÁ**. Ou seja, a intérprete utilizou adaptação para deixar a tradução de um texto escrito em Língua Portuguesa mais adequado para a Língua de Sinais.

Foi possível perceber um *Erro*, quando Letícia ao traduzir a palavra “*sexo*” referente a sexo biológico, soletra a palavra **S-E-X-U-A-L-I-D-A-D-E**, sendo que esta significa opção sexual.

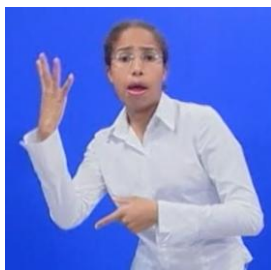
Para finalizar, cabe ressaltar que a interpretação realizada pela TILS Letícia não apresentou ocorrências de Transposição, Implicitação, Modulação, Correção, Acréscimo e Tradução Intersemiótica.

### **Interpretação TILS Silvana:**

Na interpretação realizada pela TILS Silvana houve alguns casos de *Transcrição*, principalmente quando necessário traduzir a palavra “*gênero*” sendo que a intérprete utilizou, em todos os momentos, a soletração desta palavra. Outros casos de *Transcrição* observados foram o uso do alfabeto digital para a tradução das palavras “*sexo*”, “*feminino*” e “*importado*”.

Silvana fez uso de *Empréstimo* para a tradução dos nomes próprios Ana, Paulo, Marina e Álvaro através da dactilologia.

A *Tradução Literal* aparece quando a intérprete segue a mesma ordem das palavras na sentença e também utiliza o sinal de TEMPO (CLIMA) para traduzir o léxico “*Época*” (tempo cronológico). Esta opção lexical se pode visualizar na foto abaixo:



TEMPO/CLIMA

Durante o ato interpretativo de Silvana, também foi possível observar o uso de várias *Explicitações*, vejamos algumas: (i) Após traduzir o título do livro “A construção da diferença de gênero” a referida intérprete complementa com os sinais: COMO, ORIGEM, DESENVOLVIMENTO, G-Ê-N-E-R-O. (ii) Na tradução do termo “ano passado” além de fazer o sinal próprio para a referência de ANO-PASSADO reforça com o sinal de PASSADO. Veja a seguir:



ANO-PASSADO



PASSADO

(iii) Para traduzir a seguinte sentença: “*A imagem de ser mulher e de ser homem, portanto, é uma construção social que se aprende [...]*” Silvana faz a tradução adequada e, posteriormente, enfatiza a informação com os sinais APRENDER SOZINHO NÃO. Assim, é pertinente mencionar que em sua interpretação Silvana realiza várias *Explicitações* através do uso de ênfases, topicalizações e focos.

A *Modulação* foi observada quando Silvana utiliza o sinal próprio da Língua de Sinais Brasileira para indicar continuidade, como se pode ver na foto:



Durante toda a interpretação da TILS Silvana foi possível analisar aproximadamente 30 (trinta) *Adaptações*, sendo que as mais frequentes foram o uso de intervenções como: MAS, O QUÊ?, TAMBÉM, COMO, PARECE, POR EXEMPLO, MAS e o uso de recursos linguísticos da Língua de Sinais Brasileira como topicalização e foco. Silvana também faz uma *adaptação* cultural para traduzir o título do livro “Criando Meninos”, fazendo uso dos sinais COMO ENSINAR MENINO CRESCER.

Por fim, foi possível observar uma *correção*, quando Silvana ao traduzir a palavra “mulher” produz o sinal com a Configuração de Mão (CM1) com o dedo indicador estendido e logo em seguida corrige a CM1 com o dedo polegar estendido.



SINAL ERRADO



SINAL CERTO

É válido ressaltar que a interpretação realizada pela TILS Silvana não apresentou ocorrências de Omissão, Implicação, Tradução Intersemiótica, Erro e Acréscimo.

### **Interpretação TILS Viviane:**

Na interpretação realizada pela TILS Viviane houve alguns casos de *Transcrição*, principalmente quando necessário traduzir a palavra “*gênero*” sendo que Viviane utilizou, em todos os momentos, a soletração desta palavra. Outro caso de *Transcrição* observado foi o uso do alfabeto digital para a tradução de “*classe média*”. A utilização desta modalidade de tradução obtém o chamado “grau zero” de tradução.

A intérprete Viviane fez uso de *Empréstimo* para a tradução dos nomes próprios Ana, Paulo e Marina através da dactilologia.

A *Tradução Literal* aparece no início do texto quando Viviane segue a mesma ordem da sentença: “*Área temática: Educação e família*”, ou melhor, traduz palavra-por-palavra, sinalizando: **ÁREA TEMA EDUCAÇÃO FAMÍLIA**.

Durante o ato interpretativo de Viviane, também foi possível observar o uso de várias *Explicitações*, vejamos algumas:

Para a tradução do recorte: “*Ana, Paulo, Mariana ou Álvaro, por exemplo, revelam uma pessoa que nasceu com determinado sexo biológico, cujas características são imutáveis.*” a intérprete Viviane complementa a informação com o uso dos sinais da Libras de **HOMEM** e **MULHER** após cada nome, ou seja, soletra a palavra “Ana” e logo em

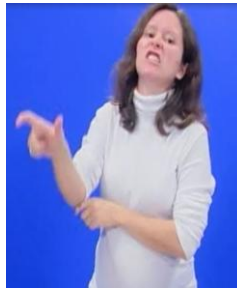


seguida faz o sinal de MULHER, soletra a palavra “Paulo” e faz o sinal de HOMEM, soletra a palavra “Marina” e faz o sinal de MULHER.

Outra manifestação de *Explicitação* se dá quando Viviane traduz a seguinte frase: “*Mas quero conversar a respeito da **violência** do homem contra a mulher com base em algumas cenas que observei pela cidade.*” Para a tradução do léxico “violência” a intérprete utiliza três léxicos diferentes a fim de explicitar melhor o termo, ou seja, faz uso dos sinais BRIGA, OFENSA e TAPAS como se pode observar na sequência das imagens abaixo:



BRIGA



OFENSA



TAPA

Na tradução do recorte: “[...] *que revelam momentos da intimidade dos relacionamentos [...]*” a explicitação aparece quando Viviane passa a explicar e exemplificar que momentos particulares do relacionamento são expostos pelo homem que banaliza a relação com a mulher. Veja a seguir:



PARTICULAR



EXPOR



DETALHES

Também houve *Explicitação* na tradução do trecho a seguir:

*“Pais e mães precisam enfatizar aos filhos que existem, sim, diferenças entre meninos e meninas, mas que essas diferenças **não devem permitir nenhum tipo de violência ou preconceito.**”* Viviane faz uso dos sinais BRIGA e OFENSAS para a explicitação da palavra “violência” e o sinal DISCRIMINAÇÃO para reforçar o significado da palavra “preconceito”. Veja na sequência:



BRIGA



OFENSA

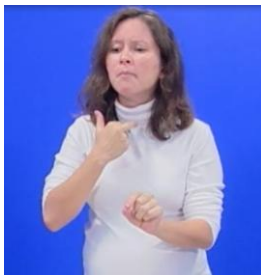


DISCRIMINAÇÃO

Em outro momento, para explicitar somente a palavra “gênero” a intérprete opta pelos sinais de HOMEM, MULHER, PAI e MÃE.

No trecho: *“Basta assistir à televisão com os filhos para ter a chance de pôr o tema em discussão: tanto a programação (inclusive os desenhos para crianças) quanto as peças publicitárias transmitem muitos estereótipos da relação entre homens e mulheres.”* A explicitação aparece após a tradução de toda a sentença, pois Viviane finaliza enfatizando a mensagem com a informação de que a televisão esclarece e reforça alguns estereótipos.

Na sentença: *“Os meninos devem aprender a respeitar as meninas, e elas devem aprender a **não tolerar** nenhum tipo de agressividade.”* Viviane realiza a explicitação da expressão “não tolerar” com a utilização dos sinais NÃO-PODER, INSITIR e AGUENTAR.



NÃO-PODER



INSISTIR



AGUENTAR

Outra modalidade de tradução que se pode observar na interpretação de Viviane é a *Modulação*. Em vários episódios é fácil notar o uso da modulação, principalmente, quando utiliza o sinal próprio

da Língua de Sinais referente a DIVERSOS e/ou VARIADOS para dar a idéia de continuidade, assim como temos a expressão “etc” na Língua Portuguesa.

Durante toda a interpretação de Viviane foi possível analisar aproximadamente 48 (quarenta e oito) *Adaptações*, sendo as mais frequentes o uso de intervenções como: MAS, O QUÊ?, TAMBÉM, COMO, PARECE, POR EXEMPLO, POR ISSO, É, MAS e o uso de recursos linguísticos da Língua de Sinais Brasileira como topicalização e foco. Ou seja, a intérprete utilizou a adaptação para deixar a tradução do texto escrito em Língua Portuguesa mais adequado para a Língua de Sinais.

Finalizando, é importante ressaltar que a interpretação realizada pela TILS Viviane não apresentou ocorrências de modalidades de tradução como: Omissão, Implicação, Transposição, Correção, Erro, Acréscimo e Tradução Intersemiótica.

### **Interpretação TILS Felipe:**

Durante o ato interpretativo de Felipe observou-se vários casos de “*Transcrição*”, principalmente, para a tradução da palavra “gênero”. Sempre que esta se fez presente no texto a forma de interpretação foi através do alfabeto digital. Felipe também fez uso da *transposição* utilizando a dactilologia para as seguintes palavras: M-E-N-I-N-O, C-O-N-T-E-Ú-D-O, B-I-O-L-Ó-G-I-C-O, I-M-A-G-E-M, É-P-O-C-A, E-T-N-I-A, C-E-N-A, M-O-R-A-L, I-M-P-O-R-T-A-D-O, P-R-O-G-R-A-M-A-Ç-Ã-O e E-S-T-E-R-E-O-T-I-P-O.

Houve uma ocorrência de “*Empréstimo*” para a tradução dos nomes próprios Ana, Paulo, Marina e Álvaro.

A interpretação de Felipe caracteriza-se por ser bastante literal, pois durante a maior parte do tempo apresenta a mesma forma do texto alvo, ou melhor, a ordem das sentenças ocorre de maneira similar ao texto narrado. São muitos os trechos em que se observa a “*Tradução Literal*”, por este fato, serão exemplificados somente alguns.

A primeira manifestação de *tradução literal* ocorre na interpretação da apresentação da “área temática” abordada no texto, sendo que Felipe traduz palavra por palavra. Outro momento observado ocorre na seguinte sentença: “*Para **pensarmos um pouco** a respeito desse assunto, é preciso, primeiramente, entender esse conceito de gênero.*” Felipe traduz literalmente com os sinais PENSAR, POUCO, ASSUNTO, PRECISAR, PRIMEIRO, ENTENDER, CONCEITO, G-E-N-E-R-O. Vale observar nas imagens que seguem a tradução da parte do texto em destaque:



PENSAR



POUCO

A tradução literal também é percebida na sentença: “*À medida que eles vão sendo criados e educados, **passam a aprender** o que é ser homem e o que é ser mulher na nossa sociedade.*” Felipe opta por

manter a ordem da frase, inclusive utilizando os sinais COMEÇAR e APRENDER para traduzir as palavras em negrito do trecho mencionado, sendo que esta forma de expressão é pouco utilizada na Língua de Sinais Brasileira para o contexto apresentado.



COMEÇAR



APRENDER

A ordem da sentença também é mantida no seguinte recorte: “*A mulher, por mais que tenha conseguido avançar nas lutas pela equidade de direitos, **ainda** tem muito por que lutar.*” A tradução é realizada palavra por palavra, inclusive com a produção do sinal AINDA o que torna a tradução mais próxima do texto alvo, ou melhor, da Língua Portuguesa e um certo distanciamento da Língua de Sinais.



AINDA

Mais uma ocorrência de *tradução literal* foi verificada na interpretação de Felipe no seguinte episódio: “*Mas quero **conversar** a respeito da violência do homem contra a mulher com base em algumas cenas que observei pela cidade.*” Felipe dá preferência em manter os sinais referentes às palavras enunciadas no texto alvo a manter o sentido contextual das mesmas, o que é possível perceber na tradução do léxico em destaque. Neste mesmo recorte, o intérprete também faz uso da soletração para a palavra “cena”.



CONVERSAR

Outra *modalidade de tradução* observada no ato interpretativo de Felipe é a *Transposição*. Esta modalidade é percebida quando ele traduz a seguinte sentença: “*Qualquer **olhar mais atento** poderá testemunhar o mesmo [...]*”. Para a tradução de toda a expressão em negrito o referido intérprete opta pela utilização de apenas um sinal da LIBRAS correspondente a CUIDAR/CUIDADOSO/VIGILANTE. Esta escolha tradutória pode ser observada na imagem a seguir:



CUIDAR

Poucas *Adaptações* foram observadas durante a interpretação de Felipe, sendo as mais frequentes o uso de intervenções como: O QUÊ, TAMBÉM, PRÓPRIO, TER, OU e COMO.

A interpretação de Felipe apresentou “*erro*”, ou uma tradução menos adequada em dois momentos. Primeiro na tradução da palavra “sexo biológico”, sendo que Felipe utilizou o sinal da LSB referente à **RELAÇÃO SEXUAL**, como é possível observar na imagem a seguir:



RELAÇÃO SEXUAL



Segundo quando faz uso do sinal SOFRER para traduzir a palavra “agredir” no seguinte contexto: “*Será que os pais imaginam que a filha pode apanhar do namorado ou que o filho pode **agredir** a namorada?*”



SOFRER

Para finalizar, cabe ressaltar que a interpretação realizada pelo intérprete Felipe não apresentou ocorrências de Omissão, Transposição, Explicitação, Implicitação, Modulação, Correção, Acréscimo e Tradução Intersemiótica.

### **Interpretação TILS Marcos:**

Foi possível perceber que durante o ato tradutório do seguinte recorte: “*A cena de uma garota de uns 18 ou 19 anos levando tapas do namorado no rosto **dentro de um carro novo importado** e reagindo apenas com choro foi, para mim, chocante. Mas real*” o intérprete Marcos apresentou uma *Omissão* quando não informa que o namorado é o sujeito que agride a garota, sinalizando apenas: MULHER TAPA CARRO NOVO PAÍS OUTRO.

Marcos apresenta em sua interpretação duas ocorrências de *Empréstimo*, uma quando usa a soletração para mencionar os nomes próprios: *Ana, Paulo, Marina, Álvaro*. E outra, quando soletra o título do livro: “*Criando Meninos*”.

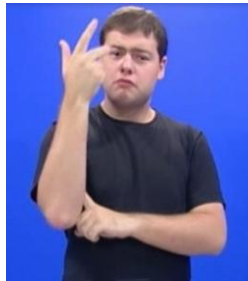
A *Transcrição* é percebida em vários momentos quando Marcos utiliza o alfabeto dactilológico para manter a forma das palavras: V-A-I, É, O-U, F-O-R-M-A-L, P-U-B-L-I-C-I-D-A-D-E, R-E-A-L-I-D-A-D-E, M-É-D-I-A e M-O-R-A-L.

Foi possível perceber, também, várias ocorrências de *Transposição* em alguns momentos da tradução do TILS Marcos. A seguir serão explicitadas algumas:

Para traduzir a palavra “receptividade” Marcos utilizou, respectivamente, os sinais de TER, PESSOA e ACEITAR:



TER

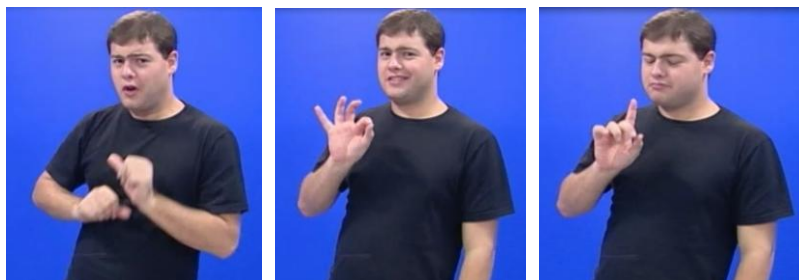


PESSOA



ACEITAR

Para a realização da interpretação da palavra “imutável” o intérprete fez uso dos sinais TROCAR, NADA e NÃO sucessivamente, pois esta palavra não possui um léxico correspondente na Língua de Sinais Brasileira:



TROCAR

NADA

NÃO

Ao traduzir a palavra “apropriado” Marcos fez uso de um conjunto de léxicos da Língua de Sinais. Vale mencionar: PRÓPRIO, COMBINAR, HOMEM e MULHER.



PRÓPRIO

COMBINAR

HOMEM

MULHER

É pertinente mencionar que Marcos também utilizou a *Transposição* quando houve a necessidade de traduzir a expressão “Grupo étnico”, sendo que elegera como melhor opção a soletração da palavra R-A-Ç-A.

Outro momento em que foi possível observar o uso da *Transposição* ocorre quando o intérprete traduz a palavra “época” com a utilização dos sinais de PASSADO e PRESENTE/HOJE/AGORA:



PASSADO



PRESENTE

A fim de traduzir a palavra “ênfatizar” o referido intérprete utilizou os sinais EXPLICAR e CLARO, como se pode ver a seguir:



EXPLICAR



CLARO

Observou-se durante toda a interpretação de Marcos um total aproximado de 40 (quarenta) *Adaptações*, sendo as mais frequentes o uso de intervenções como: MAS, V-A-I, O QUÊ, TAMBÉM, COMO, ONDE, PARECE. Ou seja, utilizou-se da adaptação para deixar a tradução de um texto escrito em Língua Portuguesa mais adequado para a Língua de Sinais.

Para finalizar, cabe ressaltar que a interpretação realizada pelo TILS Marcos não apresentou ocorrências de Explicitação, Implicitação, Modulação, Correção, Erro, Acréscimo e Tradução Intersemiótica.

### **Interpretação TILS Tiago:**

Na interpretação de Tiago é possível notar a *Omissão* em dois momentos: a primeira quando não menciona o nome “Álvaro” pronunciado pelo narrador e a segunda quando omite a informação de que “*sexo é imutável.*”

Tiago apresenta em sua interpretação uma ocorrência de *Empréstimo* quando usa a soletração para mencionar os nomes próprios: *Ana, Paulo, Marina, Álvaro.*

A *Transcrição* aparece em alguns momentos, principalmente, quando utiliza o alfabeto dactilológico para manter o léxico G-E-N-E-R-O e para traduzir a palavra M-O-R-A-L.

Também se observou algumas *Traduções Literais*, quando a interpretação foi realizada palavra-por-palavra como, por exemplo, nos seguintes trechos:

“[...] *chocante. Mas real*” = SENTIR MAS VERDADE

“*Qualquer tipo de violência ou preconceito.*” = QUALQUER COISA VIOLÊNCIA OU PRECONCEITO

“[...] *dentro de um carro novo importado* [...]” = DENTRO CARRO NOVO IMPORTADO. É pertinente considerar que a palavra “*dentro*” foi traduzida literalmente sem o uso de Classificadores. Veja na foto abaixo:



DENTRO

Tiago utilizou a *Transposição* com frequência para traduzir algumas expressões tais como:

“A construção da diferença de gênero” = COMO É DIFERENTE  
HOMEM PESSOA MULHER PESSOA

“Criando Meninos” = COMO ENSINAR MENINO CRESCER

“Gênero” = HOMEM MULHER

“Instituição formal” = SÓ ÁREA ENSINO OUTRO NADA

“Classe econômica” = GRUPO RICO POBRE

“Peça publicitária” = PROPAGANDA

“[...] não pode permitir [...]” = NÃO-DÁ (um sinal)



NÃO-DÁ

Observou-se durante toda a interpretação de Tiago aproximadamente um total de 45 (quarenta e cinco) *Adaptações*, sendo as mais frequentes através do uso de intervenções como: MAS, O QUÊ?, TAMBÉM, COMO, PARECE, É, TER, PRÓPRIO, OK, SI, OU, POR-CAUSA, O QUE ACONTECER?

Foi possível perceber um *Erro* ou uma tradução menos adequada, quando Tiago ao traduzir “*tapa no rosto*” opta pelo sinal de SOCO, como se pode analisar na ilustração a seguir:



SOCO

Para concluir, cabe ressaltar que na interpretação realizada pelo TILS Tiago não se percebeu as modalidades de tradução de Explicitação, Implicitação, Modulação, Correção, Acréscimo e Tradução Intersemiótica.

### **5.5. Resultados dos dados**

Partindo das descrições realizadas anteriormente, será feita uma comparação das traduções produzidas pelos intérpretes homens e pelas

intérpretes mulheres, analisando as diferenças entre elas em relação às *modalidades de tradução* e em quais aspectos se manifestaram.

A primeira modalidade de tradução analisada é a *Omissão*, sendo possível relatar que a mesma aparece no ato interpretativo de uma intérprete mulher, ou seja, na interpretação de Letícia e em duas traduções masculinas, ou melhor, nas interpretações de Marcos e Tiago. Cabe considerar o contexto situacional em que tais omissões ocorreram, pois se trata de uma interpretação simultânea de um texto narrado com uma leitura contínua e também gravado, ou seja, sem a possibilidade do intérprete interromper o interlocutor para recuperar a mensagem perdida, então, a agilidade e o fator tempo são bastante importantes.

A *Transcrição* se efetivou no ato interpretativo de todos os sujeitos analisados na pesquisa, independentemente do sexo, e esta modalidade se deu no uso do alfabeto manual para a tradução de palavras da Língua Portuguesa que ainda não apresentam correspondência na Língua de Sinais Brasileira. O número de ocorrências desta modalidade foi bastante significativo nas interpretações de ambos os sexos.

A utilização do *Empréstimo* também foi observada em todas as traduções analisadas, sendo que se manifestou na interpretação dos nomes próprios citados no Texto Fonte por meio do alfabeto dactilológico. Sua frequência ocorreu de modo semelhante tanto nas interpretações dos homens quanto nas interpretações das mulheres.

Outra modalidade de tradução que também apareceu em todas as amostras de interpretações foi a *Tradução Literal*, porém foi possível analisar que sua ocorrência foi mais frequente nos atos interpretativos realizados pelos TILS homens, podendo ressaltar a interpretação de



Felipe que manteve a sequencialidade das sentenças em grande parte do seu ato interpretativo. É relevante mencionar que o contexto vivenciado é um fator novo, pois requer o uso de filmagem e esta situação pode gerar nervosismo e ansiedade, fatores capazes de interferir na naturalidade e na qualidade da interpretação.

Houve manifestação de *Transposição* em todas as interpretações realizadas pelos intérpretes homens; por sua vez, não foi possível observar a presença desta modalidade de tradução nos atos interpretativos das intérpretes mulheres. Ao contrário, a *Explicitação* ocorreu em unanimidade nas traduções feitas pelas mulheres e em nenhum caso de tradução masculina. Portanto, nestes casos em particular, é possível considerar a manifestação de *Transposição* e de *Explicitação* como possíveis marcas de gênero na amostra das interpretações analisadas nesta pesquisa.

A *Modulação* apareceu somente nas traduções de duas intérpretes mulheres, ou seja, nas interpretações de Silvana e Viviane. Este fato pode sugerir que a *Modulação* seja uma marca de gênero nas interpretações investigadas nesta pesquisa.

No entanto, a *Adaptação* ocorreu nas traduções de todos os sujeitos analisados e sua frequência de uso também se deu de maneira semelhante. Com isto, pode-se dizer que esta *Modalidade de Tradução* é necessária para a interpretação da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira, independentemente do contexto situacional em que a interpretação acontece e do sexo da pessoa que atua na interpretação.

O *Erro* foi observado na tradução de uma intérprete mulher e de dois intérpretes homens, sendo que na interpretação de Letícia e de Tiago houve apenas uma ocorrência, a interpretação de Felipe, por sua

vez, apresentou duas ocorrências. É pertinente levar em consideração que todos os intérpretes citados acima apresentam fluência na Língua Fonte e competência tradutória para a Língua Meta, no entanto, o fato de estar sendo filmado e a possibilidade de saber que posteriormente sua interpretação será analisada pode influenciar na complexidade da atividade cognitiva e contribuir para escolhas erradas ou inadequadas no momento da tradução.

A *Correção* foi observada somente na tradução de uma intérprete mulher com apenas uma ocorrência, sendo que os mesmos fatores relatados acima também são válidos para esta situação. A pouca frequência desta modalidade nas interpretações analisadas é considerada insuficiente para obter relevância como marca distintiva de gênero.

É importante mencionar que não houve a necessidade de *Tradução Intersemiótica* no ato interpretativo do Texto Alvo para a Língua Fonte. Outro fato importante foi a ausência de *Acréscimo e Implicação* nas interpretações analisadas nesta pesquisa independentemente de praticadas por TILS mulheres ou TILS homens.

## **5.6. Análise dos resultados**

A análise dos dados coletados se faz possível a partir de observações das interpretações realizadas pelos seis intérpretes de Língua de Sinais Brasileira, sendo que se procurou selecionar alguns trechos do texto os quais apresentaram marcas que podem ser consideradas distintivas entre as interpretações/traduições das intérpretes mulheres e dos intérpretes homens sujeitos desta pesquisa. As cenas escolhidas serão comentadas a seguir sendo que, primeiramente, irá se

fazer uma comparação entre as produções dos homens e das mulheres com a finalidade de verificar se as hipóteses se confirmam para, posteriormente, considerar as implicações teóricas dos dados para as teorias de tradução e/ou para a formação de intérpretes.

Foram selecionados para investigação e análise mais detalhada alguns trechos do texto que evidenciam em suas cenas episódios de interpretação/tradução com elementos que constituem marcas de gênero na linguagem, ou melhor, na interpretação em língua de sinais. Conforme Heberle (2000) a gramática sistêmico-funcional de Halliday (1995), é usada como instrumento de análise das dimensões do discurso, ou seja, a de reprodução e transformação de relações sociais, estabelecendo conexões entre aspectos textuais e o contexto social. Com isso, dá-se a importância em identificar o contexto em que a interpretação ocorre e o texto interpretado. O contexto situa-se em uma interpretação simultânea formal, em estúdio, com uso de câmeras filmadoras podendo causar tensão e ansiedade por parte dos TILS, tirando-lhes a naturalidade do processo e tornando o ato tradutório ainda mais complexo, cabe ressaltar que o texto caracteriza-se por ser jornalístico e sua linguagem pode ser considerada simples.

Para se analisar um texto, um discurso ou uma tradução/interpretação Fairclough (1995) apud Heberle (2000:295) “propõe três dimensões: *texto, prática discursiva e prática sócio-cultural*”. A análise da dimensão *texto* compreende o estudo de estruturas da língua produzida num determinado evento discursivo. Essa análise consiste de quatro partes: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Para a investigação do *vocabulário*, verificam-se as escolhas lexicais, sinônimos, antônimos, hipônimos, repetição,

metáforas, eufemismos, etc. Quanto à *gramática*, analisam-se as estruturas sintáticas e os tipos de verbo, as orações no modo imperativo, na voz ativa ou passiva. A *coesão e a estrutura textual* são examinadas em relação aos marcadores discursivos e à organização global do texto. Cada escolha acarreta outras que são discursiva e ideologicamente comprometidas. Então, sempre que possível, estes aspectos são verificados nas interpretações coletadas para a presente pesquisa como também são consideradas as situações discursivas e culturais que envolvem o contexto de tais interpretações, ou seja, o ambiente em que elas ocorrem e o público alvo.

Para Heberle (2000) os discursos são integrados com as relações sociais e são influenciados por variáveis como classe, gênero, idade, etnia, profissão, fator econômico e intelectual, e por normas de diferentes instituições. A análise das dimensões *texto, prática discursiva e prática social* é capaz de atender a essas variáveis em nossa percepção de mundo e da realidade, sendo adequada para o estudo de discursos.

A escolha de alguns trechos do texto para análise justifica-se pelo fator tempo, que para uma pesquisa de mestrado é consideravelmente curto para o uso de uma quantidade maior de dados ou de todos os dados. A pesquisadora elegeu como prioridade o uso de um número significativo de sujeitos de ambos os sexos em detrimento de um número reduzido de cenas a serem investigadas.

A primeira cena que evidencia marcas de gênero na interpretação e que foi selecionada e analisada constitui-se em uma interpretação da palavra “gênero” a qual aparece no título do texto em questão: “A construção da diferença de gêneros”. Na interpretação deste termo a

maioria dos intérpretes opta pela interpretação literal<sup>11</sup> e pela transcrição<sup>12</sup>, pois utiliza-se somente da soletração quando se refere a essa palavra. No entanto, a ILS Letícia, além da soletração utiliza-se da explicitação<sup>13</sup> caracterizando, assim, uma informação contextualizadora, pois complementa a informação com os sinais referentes a **HOMEM** (Foto 1) e a **MULHER** (Foto 2) para especificar e evidenciar o conceito de gênero. Ou seja, ela faz referência ao termo “gênero” digitalizando a palavra e, logo em seguida, reforça esta informação com o uso dos sinais **HOMEM** e **MULHER**. É importante mencionar que juntamente com os referidos sinais estão agregados os indicadores de explicitação e ênfase como a utilização da expressão facial, mais especificamente com o levantamento das sobrancelhas, e o movimento da cabeça. Esses aspectos podem ser observados nas imagens a seguir.

---

<sup>11</sup> O conceito de Tradução Literal assumido aqui é o defendido por Aubert (1998:106) que a vê como “sinônimo de tradução palavra por palavra e em que, comparando-se os segmentos textuais fonte e meta, se observa: (i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as mesmas categorias gramaticais e (iv) contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas por sendo sinônimos interlinguísticos.”

<sup>12</sup> Este é o verdadeiro ‘Grau Zero’ da tradução. Inclui segmentos de texto que pertençam ao acervo de ambas as línguas envolvidas ou, ao contrário, que não pertençam nem à língua fonte nem à língua meta, e sim a uma terceira língua e que, na maioria dos casos, seriam considerados empréstimos no texto fonte. Ocorre, ainda, transposição sempre que o Texto Fonte contiver uma palavra ou expressão emprestada na Língua Meta.

<sup>13</sup> Segundo Aubert (1998: 107) baseado no modelo para pesquisa tradutológica que indica uma proposta de modalidades e procedimentos técnicos da tradução, originalmente elaborada por Vinay e Darbelnet, “Explicitação/Implicitação são duas faces da mesma moeda, em que informações implícitas contidas no texto fonte se tornam explícitas no texto meta ou, ao contrário, informações explícitas contidas no texto fonte e identificáveis com determinado segmento textual, tornam-se referências implícitas.”



FOTO 1



FOTO 2

Nota-se, portanto, que há uma coesão entre as informações apresentadas na interpretação e o texto fonte, pois trata-se de um texto informativo retirado de um jornal e o contexto em questão é o educacional. Para fundamentar melhor este fato, Heberle (2000) comenta que existe uma preocupação com questões do discurso, poder e acesso ao discurso, enfatizando a dimensão sócio-cognitiva, este fato significa que o discurso pode afetar as mentes dos indivíduos envolvidos, ou seja, através de acesso especial e do controle dos meios de discurso público e da comunicação, grupos dominantes ou instituições podem influenciar as estruturas do texto e da conversa de tal forma que, como resultado, o conhecimento, as atitudes, normas, valores e ideologias dos receptores são, indiretamente, afetadas em favor do grupo dominante.

Vale salientar que pelo fato da palavra “gênero” não possuir um léxico ou sinal específico na Língua de Sinais Brasileira existe algumas estratégias, escolhas ou possibilidades para a sua interpretação. Uma delas é utilizar-se de *Empréstimo* linguístico e soletrar a referida palavra fazendo uso do alfabeto manual; outra alternativa cabível é fazer uso dos sinais HOMEM e MULHER próprios da LSB em substituição do referido termo utilizando a *Transcrição* e, também, há a opção de unir

estas duas estratégias em uma única interpretação o que resulta em uma *Explicitação*. Para isto os TILS necessitam, muito rapidamente, *editar*, limitar a oferta de alternativas e atalhar processos morosos de seleção.

Os intérpretes precisam ser econômicos e objetivos, e é por esta razão que Famularo (1999) comenta que a interpretação é uma tarefa profissional solitária, pública e solidária. Ele diz que é solitária porque o intérprete é o único responsável pelas tomadas de decisões sintáticas, semânticas e pragmáticas nas duas línguas durante cada interpretação. Ou seja, é um “artesão” quando interpreta a partir de seus saberes lingüísticos e culturais, assim como sua bagagem cognitiva e afetiva. Este produto cultural se materializa corporal ou vocalmente numa tarefa pública que o expõe sobre o olhar do outro. Também é uma tarefa solitária porque o intérprete, muitas vezes, é visto como “ator social”, podendo cruzar as fronteiras de duas línguas e duas culturas, obtendo informações de ambas, intermediando a conversação. Agindo como mediador cultural na comunicação com as pessoas ouvintes e surdas, o intérprete é um elemento fundamental nessa relação intercultural.

Por sua vez, o intérprete Tiago, na interpretação do mesmo recorte do texto, ou seja, do título: “A construção da diferença de gêneros”, adota a *Transposição*<sup>14</sup> e exclui a palavra “gênero”, mencionada pelo narrador, transmitindo essa informação de forma direta ao sinalizar DIFERENTE (Foto 3) HOMEM (Foto 4) PESSOA (Foto 5) MULHER (Foto 6) PESSOA (Foto 7). Em outras palavras, Tiago não menciona o

---

<sup>14</sup> No modelo de Vinay e Darbelnet apresentado por Aubert (1998: 107) “a transposição ocorre sempre que arranjos morfossintáticos forem efetivados. Assim, por exemplo, se duas ou mais palavras forem fundidas em uma única ou, ao contrário, se uma palavra for desdobrada em várias unidades lexicais, ou ainda se a ordem das palavras for alterada.” Cabe ressaltar que para Aubert, as transposições podem ser obrigatórias, impostas pela estrutura da língua alvo, ou facultativas a critério do tradutor.

termo “gênero” em sua interpretação substituindo-o, ou melhor, desdobrando-o em vários sinais sequencializados. É possível observar esta tomada de decisão nas ilustrações a seguir.



FOTO 3



FOTO 4



FOTO 5



FOTO 6



FOTO 7

Cabe esclarecer que o uso da *Transposição* é uma estratégia discursiva comum em muitas traduções e interpretações e serve para criar um envolvimento com o receptor, bem como uma aproximação cultural. Ou seja, uma informação direta de conceitos transparece no discurso uma conversa, um diálogo informal com a finalidade de despertar o interesse para o tema em questão (AUBERT, 1998).

Com isto, nos fatos exemplificados, percebe-se que a intérprete mulher, na tentativa de enfatizar e esclarecer melhor a informação acrescenta dados à sua interpretação que não estão explicitamente contidos na mensagem transmitida oralmente, apontando para a



confirmação da hipótese de que a mulher tende a fazer uso da “explicitação” com “informações contextualizadoras”, sendo que foi mais detalhista que os intérpretes homens. Em contra partida, o intérprete Tiago opta por excluir a palavra “gênero” a qual é pronunciada pelo narrador e dá privilégio a definição direta do termo com a utilização dos sinais HOMEM, MULHER, PESSOA, DIFERENTE sugerindo que a *Transposição* é realizada em sua preferência por ILS do sexo masculino. Contudo, a diferença marcante entre estas duas estratégias de interpretação consiste na utilização de diferentes modalidades de tradução para o mesmo recorte, sendo a mulher mais explícita e o homem mais direto.

Com o intuito de reforçar o que já foi mencionado anteriormente no corpo desse trabalho, cabe lembrar que uma informação contextualizadora é adicionada pelo tradutor/intérprete, consciente ou inconscientemente, para ajudar o receptor da mensagem a entendê-la a partir das formulações verbais. Segundo os Estudos da Tradução, essa é uma das razões pelas quais textos de chegada (traduzidos) tendem a ser mais longos do que textos de partida. A esse respeito, ver o com detalhes o conceito de ‘Explicitação’, proposto em Aubert (1998) que conclui que a explicitação pode ser uma estratégia universal que faz parte do processo de mediação linguística praticada tanto por aprendizes de línguas, como por tradutores profissionais e não-profissionais.

Contudo, é relevante pontuar aqui que, como visto acima, o tempo de duração do texto narrado oralmente em Língua Portuguesa é de 5 minutos e 12 segundos, sendo que a maioria das interpretações simultâneas em Língua de Sinais Brasileira ocorreu em tempo maior que o despendido no texto fonte, evidenciando, portanto, a afirmação do

parágrafo anterior de que “textos de chegada tendem a ser mais longos do que textos de partida”.

É pertinente deixar registrado os dados coletados a respeito do tempo de duração dessas interpretações: Os (as) intérpretes Silvana, Tiago e Viviane ocuparam o tempo de 5 (cinco) minutos e 15 (quinze) segundos para o ato tradutório/interpretativo; Letícia, por sua vez, interpretou o texto em 5 (cinco) minutos e 13 (treze) segundos; já os ILS Marcos e Felipe utilizaram, para suas interpretações exatamente o mesmo tempo do texto narrado em português, ou seja, 5 (cinco) minutos e 12 (doze) segundos. Com isto, fica possível evidenciar que as mulheres, em sua totalidade, foram mais extensas em suas práticas interpretativas e que os homens, em sua maioria, não apresentaram acréscimo de tempo para tal atividade. Assim, neste estudo, pode-se confirmar a hipótese de que o fator tempo também é capaz de constituir mais uma característica marcante entre os gêneros na interpretação em Língua de Sinais Brasileira. Cabe esclarecer que o tempo foi contabilizado a partir do início de cada interpretação em língua de sinais, separadamente. Ou seja, não houve relação simultânea com o texto narrado oralmente.

Com base nos dados apresentados é possível confirmar a suspeita que se tinha no início deste estudo, e que se dava partir de algumas situações vivenciadas pela pesquisadora, que considerava como fato marcante a passagem da informação transmitida pelo intérprete de língua de sinais ocorrer em espaços de tempos contrastantes entre homens e mulheres. Este fato levava a hipótese de “haver diferenças atenuantes e consideráveis nas escolhas tradutórias utilizadas pelos ILS homens e ILS mulheres na estruturação do discurso organizado por

esses sujeitos envolvidos na responsabilidade de interpretar.” Essas diferenças entre as escolhas tradutórias feitas pelos intérpretes homens e mulheres podem ser associadas ao que Cameron (1995) apud Heberle (2000) nos explica quando diz que para se tornar homem ou mulher é necessário que cada indivíduo negocie e acomode estilos que definem masculinidade e feminilidade em uma determinada comunidade em certo momento histórico. Visto que homens e mulheres tendem a optar por diferentes formas linguísticas é importante levar em conta que, assim como meninos e meninas, eles assumem papéis e comportamentos diferentes na sociedade e têm estilos conversacionais deferentes. Também pode-se acrescentar que:

Como crianças tornamo-nos usuários da linguagem e através dela membros femininos/masculinos da comunidade: tanto a linguagem quanto o gênero são desenvolvidos pela nossa participação em práticas sociais cotidianas. Em outras palavras, linguagem e gênero são inextricavelmente ligados (COATES, 1993 apud HEBERLE, 2000: 300).

Assim, não se pode esquecer que os Estudos de Gênero preocupam-se com as relações e diferenças entre homens e mulheres, bem como entre mulheres e principalmente com as representações de feminilidade e masculinidade. O interesse por questões de gênero implica a necessidade de uma conscientização e desconstrução de valores e crenças de grupos de mulheres e de homens. A desconstrução dessas diferenças e suas representações podem ser relacionadas ao que

Cameron (1990) apud Heberle (2000) comenta sobre a importância de se examinar como questões de gênero são representadas na linguagem, pois assim como outras representações, as linguísticas sinalizam o lugar das mulheres na cultura.

Os termos *linguagem* e *gênero* são complexos. Neste trabalho, como anteriormente mencionado, a linguagem é considerada como parte de um sistema composto por elementos culturais, sociais, políticos, psicológicos e linguísticos interligados. Gênero, por sua vez, é visto como uma categoria socialmente construída, diferenciada da oposição biológica entre macho e fêmea, que interage com outras variáveis sociais tais como o grau de intimidade entre os participantes do discurso, o conhecimento prévio dos interlocutores quanto ao conteúdo proposto, a idade, o grau de instrução, a etnia, a posição socioeconômica, a profissão, a classe social, a filiação política e religiosa, entre outras. Percebe-se, pois, que a construção social de gênero não opera de forma universal (HEBERLE, 2000) e, atualmente, encontra-se em constante reformulação.

Acredita-se que todos esses fatores interagem e que a tradução e/ou interpretação de textos devem levar em conta tais variáveis, visto que representações linguísticas podem dar indícios do papel da mulher na sociedade. Esse fato representa uma forte razão para o desenvolvimento de pesquisas na área dos Estudos da Tradução interligada com questões da ACD especialmente para os Estudos de Gênero. Esses estudos podem oferecer subsídios para uma melhor compreensão das relações entre linguagem e gênero.

Dando continuidade a análise e descrição dos dados, outro trecho escolhido para observação baseia-se na interpretação dos nomes próprios

(Ana, Paulo, Mariana e Álvaro) que, de acordo com o texto, identificam o indivíduo como pertencente a um determinado gênero, ou seja, o próprio nome evidencia o sexo da pessoa. O recorte do texto segue abaixo:

“Quando uma criança nasce, ela logo recebe um nome que quase sempre a identifica segundo seu sexo biológico: feminino ou masculino. *Ana, Paulo, Mariana ou Álvaro*, por exemplo, revelam uma pessoa que nasceu com determinado sexo biológico, cujas características são imutáveis.”

Nesse episódio selecionado percebe-se que a maioria dos ILS optou somente pelo uso do alfabeto digital para a soletração dos nomes próprios, porém a intérprete Viviane além de soletrar os referidos nomes, enfatiza a informação com os sinais de MULHER (Foto 8) para designar o nome “Ana”, bem como a interrogação O-QUÊ? e o sinal HOMEM (Foto 9) para explicitar que o nome “Paulo” refere-se à categoria masculina. Exemplificando: Viviane soletra com o alfabeto manual a palavra A-N-A e, em seguida, enfatiza essa informação com o sinal de MULHER. Depois, quando o nome Paulo é citado pelo narrador, ela digita o termo P-A-U-L-O e logo após reforça a mensagem com uma intervenção, ou seja, interroga o interlocutor com o sinal O-QUÊ? E automaticamente responde com o sinal de HOMEM. Tanto a explicitação, quanto a interrogação são marcadas com a expressão facial de levantamento das sobrancelhas e com o movimento de inclinação da cabeça. Conforme mostram as imagens que seguem.



FOTO 8



FOTO 9

Por sua vez, Viviane também faz uso da modulação<sup>15</sup> quando elege mais adequada a substituição do nome “Álvaro” pelo sinal de DIVERSOS (Foto 10) dando a idéia de continuidade. Por exemplo: em vez de também soletrar a palavra Álvaro, assim como os demais nomes, ela optou por utilizar o sinal de DIVERSOS e, com isto, dar a idéia de sequencialidade e continuidade. Para ilustrar o uso dessa estratégia tradutória utilizou-se a foto abaixo:



FOTO 10

---

<sup>15</sup> Para Aubert (1998:108) “Ocorre modulação sempre que um determinado segmento textual for traduzido de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no co-texto específicos. Ou para retomar Saussure, os *significados* são parciais ou totalmente distintos, mas mantém-se, em termos genéricos, o mesmo *sentido*.”

No entanto, o ILS Tiago considerou mais apropriado omitir o nome “Álvaro” de sua interpretação. Assim, observa-se aqui, novamente, a indicação de que a intérprete mulher utiliza a ‘explicitação’ e o ‘detalhamento’ da informação com a finalidade de esclarecer e evidenciar a mensagem implícita transmitida no texto.

É pertinente mencionar, aqui, que o texto fonte (ver anexo I) caracteriza-se por ser um texto narrativo, informativo e se apresenta na forma direta de primeira pessoa do singular, ou seja, as orações estão na voz ativa, sendo que todos os intérpretes mantiveram esta forma de expressão nas suas interpretações.

Vale comentar que o tipo de vocabulário utilizado no texto fonte é o formal, apesar do uso de uma linguagem coloquial, pois se trata de um texto extraído de um jornal com o propósito de informar ao leitor as dificuldades de criar e educar meninos e meninas na sociedade atual. As interpretações realizadas nesta pesquisa, tanto por ILS homens quanto por ILS mulheres, mantiveram a mesma forma de expressão estimulando uma aproximação com o público alvo.

É interessante perceber que, hoje em dia, as dicotomias entre homens e mulheres no uso da linguagem, mais especificamente na tradução e interpretação, podem ser entendidas como sendo diferentes estratégias discursivas que seres humanos têm a escolher em suas interações verbais. As considerações sobre linguagem e gênero nos Estudos da Tradução apresentadas aqui objetivam fornecer dados ou subsídios para uma reflexão sobre uma área de estudo ainda não muito explorada no Brasil.

Cabe esclarecer que essa pesquisa por caracterizar um Estudo de Caso não pretende generalizar os dados aqui evidenciados. Nas

investigações realizadas nessa pesquisa, portanto, foi possível perceber que as intérpretes mulheres observadas utilizaram mais da *explicitação*, informação contextualizada, detalhamento, *modulação* e ênfase para complementar as informações, ou seja, elas especificaram mais os conceitos contidos na mensagem durante o ato interpretativo. Outra característica marcante que se manifestou na amostra das interpretações das ILS mulheres, quando em contraste com as interpretações dos homens, se deu ao fato destas utilizarem um tempo maior para a realização de tal atividade.

No caso dos trechos observados das interpretações praticadas pelos intérpretes homens, estas se caracterizam por serem mais diretas. Os mesmos fizeram uso de uma interpretação com maior ocorrência de *tradução literal* e, também, da *transposição*, demonstrando serem mais econômicos nas escolhas léxico-gramaticais e na estruturação do discurso chegando, muitas vezes, a utilizar da *omissão* de alguns dados considerados por eles irrelevantes. Desta forma, suas atividades tradutórias/interpretativas foram marcadas, em sua maioria, por ocuparem um espaço de tempo menor, quando em comparação com o tempo despendido pelas ILS mulheres.

Cabe esclarecer que segundo os Estudos da Tradução, os Estudos Surdos e os Estudos Culturais todas as estratégias utilizadas nas interpretações investigadas são pertinentes e estas não desqualificam ou priorizam uma tradução em relação à outra. Todas são válidas, cada tradução é um novo texto. Os recursos utilizados e apresentados na análise enquadram-se na acomodação cultural da língua.

Para a compreensão da mensagem, a tradução necessita de meios, técnicas e métodos que facilitem a compreensão do texto traduzido na



língua fonte para a língua alvo. Não se pode deixar de mencionar que todos esses fatores devem ocorrer em frações de segundos. As escolhas e estratégias tradutórias utilizadas pelos intérpretes durante uma interpretação simultânea requer agilidade física e mental, bem como conhecimento linguístico e adaptação cultural, por isso é imprescindível investir em formação e aperfeiçoamento do tradutor/intérprete de língua de sinais. Esta formação, também, deve considerar em sua prática algumas técnicas de interpretação em vídeo e gravação de voz, pois se percebe facilmente a estranheza do profissional diante de uma filmadora ou de uma situação não muito peculiar a sua rotina de trabalho.

Para finalizar esta seção, gostaria de considerar o fato de que, apesar desta pesquisa eliciar somente alguns traços de gênero marcantes entre as interpretações observadas e realizadas pelas ILS mulheres e pelos ILS homens, espera-se ter contribuído de forma significativa para elucidar algumas suposições em torno da interpretação simultânea da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira quando relacionada à questão de gênero. Na interpretação, muito permanece por explicar. Não se sabe ao certo quais são os fenômenos neurológicos que tornam possível ao cérebro coordenar um número tão grande de processos. É como se a mente se dividisse, mas ao mesmo tempo nunca esteve tão integrada. E se de fato se divide, não se separa apenas em duas, mas em múltiplas mentes paralelas que se ocupam de milhares de tarefas concomitantes, das quais se tem pouca ou nenhuma consciência. Assim, os intérpretes, sejam eles homens ou mulheres, estão sempre correndo contra o tempo, vivem sob pressão e têm que fazer mais com menos.

## 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos vinte ou trinta anos algumas vitórias importantes foram conquistadas pelos Estudos de Tradução, e a principal delas talvez seja a respeitabilidade adquirida na área acadêmica, mas não se pode esquecer de mencionar, também, o fato marcante da interpretação ter sido estabelecida e consolidada no campo disciplinar Estudos da Tradução. Esta situação foi o fator primordial para a introdução da Língua de Sinais Brasileira como ramo de estudo nesta área. É de crucial importância para o avanço nas pesquisas desta área os sentimentos de otimismo e perseverança. Devemos acreditar que essa ‘visibilidade’ maior do tradutor na academia, termine fazendo com que, mesmo permanecendo relativamente ‘invisíveis’ no momento da tradução/interpretação, nos tornemos mais visíveis como categoria profissional.

No Brasil, porém, as pesquisas em Estudos da Tradução com um olhar mais aguçado sobre a área da tradução/interpretação de Língua de Sinais Brasileira, bem como sobre o profissional que atua nesse processo é algo novo, fato que se pode considerar prematuro, ou que se encontra em fase ‘embrionária’, de ‘gestação’ ou, até mesmo, de ‘fecundação’, pois somente agora, começam a apontar alguns resultados interessantes, principalmente na investigação das representações nos espaços acadêmicos, como é o caso das universidades, podendo citar como exemplo a Universidade Federal de Santa Catarina.

No entanto, pelo fato da Língua de Sinais Brasileira ser um código linguístico que teve seu reconhecimento oficial e legal recentemente, muito temos que padecer para que ela seja representada

positivamente em discursos públicos. Mesmo dentro da academia, supostamente esclarecida, percebem-se discursos referentes à língua de sinais que são de inferioridade e desconhecimento.

É pertinente levar em conta que as pesquisas sobre linguagem e gênero no campo dos Estudos da Tradução, especialmente, na área da tradução/interpretação de Língua de Sinais Brasileira continua a ser uma atividade não só acadêmica ou linguística, mas também política, cultural e interdisciplinar. Essa prática não somente esclarece sobre assuntos fundamentais em língua, como também muda os relacionamentos entre mulheres, homens, linguagem e contexto social.

Com isto, cabe considerar o fato de que o objetivo principal estabelecido para esta dissertação parece ter sido cumprido, ou seja, com vistas nas observações dos resultados e análises efetuadas nesta pesquisa foi possível obter uma amostra de dados que possibilitou o fornecimento de informações necessárias para indicar a suposta afirmação de que existem diferenças de gênero quando nos referimos à interpretação/tradução da Língua de Sinais Brasileira realizada por TILS homens e TILS mulheres.

Pode-se dizer, portanto, que apesar dos avanços conquistados, muito ainda tem que ser feito em relação às pesquisas em Estudos da Tradução voltadas para a área da tradução/interpretação de Língua de Sinais Brasileira, mais especificamente neste caso, para os Estudos de Gênero, principalmente em discursos produzidos pelos próprios TILS. É preciso maior conscientização para haver mudança social e este fato só ocorre por meio de investigação, pesquisa, estudo, informação e conhecimento. Para se fazer uma analogia à pesquisa que acaba de ser realizada, que considera a Língua de Sinais Brasileira dentro dos

Estudos da Tradução em fase ‘embrionária’ ou em ‘gestação’, especialmente, a investigação de marcas de gênero na tradução/interpretação da língua de sinais, cabe saber agora se o parto será natural, Cesário ou induzido.

Embora esta pesquisa tenha detectado apenas alguns traços de gênero que marcam as interpretações produzidas pelas ILS mulheres e pelos ILS homens, espera-se ter contribuído de forma significativa para esclarecer dúvidas sobre a interpretação/tradução da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira quando relacionada à questão de gênero. Espera-se, contudo, que esta pesquisa venha a servir de estímulo para o surgimento de tantas outras, a fim de agregarem-se aos Estudos da Tradução e aos Estudos de Gênero interligados à Análise Crítica do Discurso para a propagação de novas reflexões e descobertas deste mundo ainda em expansão.

Antes de finalizar a escrita deste trabalho, gostaria de deixar algumas sugestões de futuras pesquisas para o campo disciplinar dos Estudos da Tradução ligadas a área da interpretação de língua de sinais e aos Estudos de Gênero. Durante a trajetória desta pesquisa, foi possível observar algumas questões que, por motivos maiores, não foram devidamente aprofundadas ou sequer consideradas nas análises, podendo mencionar: o uso e adequação do espaço de sinalização; marcas de expressão facial e corporal; Movimento; escolhas no uso da sintaxe (intervenções e interjeições); elementos fonológicos (Configuração de Mão) e, também, opções léxico-gramaticais (Tema e Rema).

Para concluir, é pertinente considerar as discussões, os debates, as críticas e as reflexões realizadas, pois se pode perceber a importância de

se valorizar o tradutor/intérprete de língua de sinais na sua atuação, essência, diferença, particularidades e identidade. Identidade que se constrói e se reconstrói dentro de um processo histórico marcado por lutas, discriminação e preconceitos. Observa-se que o espaço de diferença cultural é uma peça fundamental nesse jogo de poder, sendo imprescindível aos tradutores/intérpretes de língua de sinais uma retomada de suas forças, o resgate ou a criação de uma política que valorize sua cultura, sua profissão e formação. Que sejam eles os agentes participativos e atuantes nessa nova proposta de valorização cultural, pois, segundo Magalhães jr. (2007), a figura do intérprete está presente desde tempos remotos e continuará por muitos séculos, até o dia em que a humanidade fale uma única língua, o que certamente está longe de acontecer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, F. H. *As (in) fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Unicamp, 1994.

\_\_\_\_\_. *Modalidades de Tradução: Teoria e Resultados*. São Paulo: CITRAT/FFLCH-USP, v.5, n.1, 1998. (p. 99 – 127)

ARROJO, R. *Oficina de Tradução: A teoria na prática*. São Paulo/SP: Editora Ática, 1986.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BARTHOLAMEI JUNIOR, L. A. & VASCONCELLOS, M. L. *Estudos da Tradução I*. Curso de Bacharelado em Letras/Libras – UFSC. Florianópolis: SC, 2008. ISBN: 978-85-60522-19-4.

BASSNETT, S. *Estudos de Tradução*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. Tradução de Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcellos Abreu e Paula Azambuja Rossato Antinolfi.

\_\_\_\_\_. *Estudos de Tradução: fundamentos de uma disciplina*. Tradução: Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BAUMGARTEM, C. A. *Fronteiras identitárias e pós-colonialismo*. Revista Estudos Feministas. v.10, n.1: Florianópolis, jan, 2002. (p. 244-246)

BRASIL, Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras – e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília.

CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

CALDAS-COULTHARD, C. R. Linguagem e Estudos de Gênero. In: FORTKAMP, M. B.M. & TOMITCH, L. M. B. (Org) *Aspectos da Linguística Aplicada: Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000.

CAMPELLO, A. R e S. *Pedagogia visual na educação de surdos-mudos*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2008.

CASTEL, P. H. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “Fenômeno Transexual” (1910-1995). *Revista Brasileira de História*. Associação Nacional de História. Vol. 21, n. 041. (pp. 77-111) São Paulo, Brasil, 2001.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse Analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

COATES, J. *Women, men and language*. Londres: Longman, 1986.

COATES, J. & CAMERON, D. (Org.). *Women in their speech communities: New perspectives on language and sex*. Londres: Longman, 1988.

COSTA, M.V.C. Estudos Culturais em Educação – um panorama. In: SILVEIRA, R.M.H. (org) *Cultura, poder e educação: um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. Canoas: ULBRA, 2005.

DECLARAÇÃO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. XV Congresso Mundial de Pessoas Surdas: Madri, julho de 2007. Disponível em : <http://www.cns.es/noticia-phd?ID817>. Acessado em: 10 de outubro de 2007.

DELISLE, J. & WOODSWORTH, J. *Os tradutores na história*. Tradução: Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.

\_\_\_\_\_. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

\_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Coord. trad., revisão e pref. à ed. bras. de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London and New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. The discourse of New Labour: Critical discourse analysis. In M. WETHERELL, S TAYLOR. & S. J. YATES (Eds.), *Discourse as data: A guide for analysis* (pp. 229-266). Milton Keynes: The Open University/Sage, 2001b.

FAMULARO, Rosana. Intervención Del intérprete de lengua de señas/lengua oral en el contrato pedagógico de la integración. In: SKLIAR, Carlos (org) *Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

FELIPE, T. *A coesão textual em narrativas pessoais na LSCB*. Monografia de conclusão da História da Análise do Discurso do curso de doutorado em Linguística. UFRJ, 1992.

\_\_\_\_\_. *Bilingüismo e Surdez*. Trabalhos de Linguística Aplicada. V14, 1989.

FERNANDES, E. *Problemas linguísticos e cognitivos do surdo*. Rio de Janeiro: AGIR, 1990.

\_\_\_\_\_. *Por uma gramática das línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1995.

\_\_\_\_\_. Classificadores em LSCB. In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. (p. 640-662). São Paulo, 1989.

\_\_\_\_\_. Comparação de Aspectos Linguísticos da LSCB e do Português. *Conferência apresentada no II Encontro Nacional de Pais e Amigos de Surdos*. Porto Alegre, 1986.

\_\_\_\_\_. Convencionalidade e Iconicidade em Língua de Sinais. In: *Anais do I Congresso Assel Rio* (p. 157-166). Rio de Janeiro, 1991.



FUNCK, S. B. Da questão da Mulher à questão do gênero. In: FUNCK, S. B. (org.) *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

GILE, D. *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GUERINI, A. *Introdução aos Estudos da Tradução*. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Tradução: Thomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar* (2 ed.). Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. *Language, Context and Text: a social semiotic perspective*, Oxford, 1989.

HALLIDAY, M. A. K., & MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar* (3 ed.). Londres: Arnold, 2004.

HANCIAU, N. J. et. al. (orgs). *A voz da crítica canadense no feminismo*. Rio Grande: Editora da FURG, 2001.

HEBERLE, M. V. Análise Crítica do Discurso e Estudos de Gênero (gender): Subsídios para a Leitura e Interpretação de Textos. In: FORTKAMP, M. B.M. & TOMITCH, L. M. B. (Org) *Aspectos da Linguística Aplicada: Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000.

HEBERLE, V. M. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de idéias? *Linguagem em Discurso*, v.4, n.esp, p. 85-112, 2004.

HEBERLE, V. M., OSTERMANN, A. C. & FIGUEIREDO, D. de C. (Org). *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

KARNOPP, L. B. Aquisição do Parâmetro Configuração de mão dos sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos. Dissertação de Mestrado. PUCRS: Instituto de Letras e Artes. Porto Alegre, 1994.

\_\_\_\_\_. Língua de Sinais e Educação de Surdos. In: THOMA, A. da S. e LPOES, M. C. *A invenção da surdez*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

LEFEVERE, A. Composing the other. In: BASSNETT, S. & TRIVEDI, H. *Postcolonial Translation: Theory and Practice*. London, New York: Routledge, 1999.

LEITE, E. M. C. *Os papéis do intérprete de Libras na sala de aula inclusiva*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

LEITE, T. A. de. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2008.

LIMA, E. S. *Discurso e Identidade: um olhar crítico sobre a atuação do(a) intérprete de LIBRAS na educação superior*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília: UNB, 2006.

LOPES, M. C. *Surdez & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LULKIN, S.A. *O silêncio disciplinado: a invenção dos surdos a partir de representações ouvintes*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

MAGALHÃES, I. Teoria Crítica do Discurso e Texto. *Revista Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, SC: UNISUL, V.4, n. especial, 2004

MAGALHÃES Jr, E. *Sua Majestade, o intérprete: O fascinante mundo da tradução simultânea*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

McCLEARY, L. & VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: SALLES, H. (Org.) *Bilinguismo e Surdez. Questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.

MEURER, J. L. & DELLAGNELO, A. K. *Análise do Discurso*. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, J.L; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2007, p. 81-106.

MEURER, J.L; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

MEURER, J.L.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MIRANDA, W.O. *Comunidade dos surdos – olhares sobre os contatos culturais*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

NELSON, C.; TREICHLER, P.A.; GROSSBERG, L. Estudos Culturais: uma introdução In: SILVA, T.T.(org). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

NICOLOSO, S. *O intérprete de língua de sinais no ensino superior: vivências de tradução*. Monografia de Especialização. São José, SC: CEFET, 2008.

NICOLOSO, S. e SILVA, S. M. da. Lendo sinalizações em Libras: onde está o sujeito? In: QUADROS, R. M. de e STUMPF, M. R. (org.) *Estudos Surdos IV*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. [Aurélio Buarque do Holanda Ferreira]. 4ª. Edição Revisada e Ampliada. Curitiba, PR: Editora Positivo, 2009.

OSTERMANN, A. C., Comunidades de prática: gênero, trabalho e face. In: HEBERLE, V. M., OSTERMANN, A. C. & FIGUEIREDO, D. de C. (Org). *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

PAGURA, R. J. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *DELTA – Revista de documentação de estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo, v. 9, 2003.

PAZ, O. *Traducción: literatura y literalidad*. Barcelona: Tusquets Editor, 1971.

PEREIRA, M. C. P. *Testes de proficiência linguística em língua de sinais: as possibilidades para os intérpretes de Libras*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Universidade do Vale do Rio dos Sinos: UNISINOS, 2008.

PERLIN, G. T. T. *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS: Porto Alegre, 2003.

PIRES, C. L. Questões de fidelidade na interpretação em Língua de Sinais. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Maria, 1999.

PIRES, C. & NOBRE, M. A. Uma investigação sobre o processo de interpretação em língua de sinais. In: THOMA, A. da S. & LOPES, M. C. *A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

PIZZIO, A. L. *A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construções com tópico e foco*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, SC: UFSC, 2006.

QUADROS, R. M. de. *Sintaxe Espacial: Perspectivas da Aquisição nas Línguas de Sinais*. Monografia para disciplina de Aquisição da

Linguagem do Curso de Pós-Graduação em Letras. PUCRS: Porto Alegre, 1994.

\_\_\_\_\_. *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição*. Dissertação de Mestrado. PUCRS: Porto Alegre, 1995.

\_\_\_\_\_. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEE, 2004.

QUADROS, R. M. e KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de, & PIZZIO, A. L. Aquisição da língua de Sinais Brasileira: Constituição e transcrição dos Corpora. In: SALLES, H. (Org.). *Bilinguismo e Surdez. Questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.

REIS, F. *O professor surdo: A política e a poética da transgressão pedagógica*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis-SC, 2006.

RODRIGUEZ, E. *Técnicas de la interpretación de lengua de signos*. Barcelona: CNSE Fundación, 2001.

ROLIM, L. M. B. J. *Práticas de tradução no Ocidente: uma retrospectiva histórica*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

RONÁI, P. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROSA, A. da S. *Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP, 2005.

\_\_\_\_\_. A presença do intérprete de língua de sinais na mediação entre surdos e ouvintes. In: SILVA, I., KAUCHAJE, S. e GESUELI, Z. M. (Org.) *Cidadania, Surdez e Linguagem*. São Paulo: PLEXUS, 2003.

ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, L. (Org.). *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SAFFIOTI, H. I. B. & MUÑOZ-VARGAS, M. (Org.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Centro de Educação. *Constituição das identidades do profissional intérprete de Língua de Sinais no ensino superior*, 2006 (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina: Centro de Educação, 2006.

SCHMITT, D. *Contextualização da Trajetória dos Surdos e Educação de Surdos em Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2008.

SILVA, Tomaz T. da. *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. 4 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SKLIAR, C. A reestruturação curricular e as políticas educacionais para as diferenças: o caso dos surdos. In: SILVA, L. H.; AZEVEDO, J. C. de ; SANTOS, E. S. dos (Orgs). *Identidade Social e a Reconstrução do Conhecimento*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Porto Alegre, 1997.

\_\_\_\_\_. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

STROBEL, K. L. *Surdos: Vestígios culturais não registrados na história*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC: Florianópolis, 2008.

THEODOR, E. *Tradução: ofício e arte*. São Paulo: 1980.

THOMA, A. da S. *O cinema e a flutuação das representações surdas: que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

THOMA, A. S. e LOPES, M. C. (org.). *A invenção da surdez I*. Santa Cruz do Sul: EDINISC, 2004.

\_\_\_\_\_. *A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos*. Santa Cruz do Sul: EDINISC, 2006.

TOMITCH, L. M. B. Individual differences in text organization perception and working memory capacity. *Revista da ANPOLL*, 2, 1996, 71-93.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais. A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TUXI, P. *A atuação do intérprete educacional no ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de Brasília: UnB, 2009.

WILCOX, S. *Aprender a ver*. Tradução: Tarcísio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

VENUTI, L. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London, New York: Routledge, 1995.

VENUTI, L. *Escândalos da Tradução*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

VERAS, V. *Acolhendo gestos*. I Seminário de Intérprete de Língua de Sinais: O intérprete na sala de aula, a prática da diferença. Anais. Campinas: 2002.

VIEIRA, M. E. M. *A auto-representação e atuação dos professores-intérpretes de língua de sinais: afinal... professor ou intérprete?* Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina: UFSC, 2007.

ANEXOS



## ANEXO I

**A construção da diferença de gêneros**

Rosely Sayão

No ano passado, foi lançado no Brasil o livro "Criando Meninos", que continua sendo um grande sucesso de vendas. Pois é, em pleno século 21, a simples afirmação de que meninos e meninas são diferentes e, portanto, exigem atenção específica na educação é capaz de provocar tanta reação e receptividade. E nem estou me referindo ao conteúdo do livro, apenas a seu título. Entretanto a educação para as relações sociais entre gêneros não tem merecido a devida atenção dos pais. Para pensarmos um pouco a respeito desse assunto, é preciso, primeiramente, entender esse conceito de gênero.

*A imagem de ser mulher e de ser homem é uma construção social que se aprende e que , ao contrário do sexo, não é imutável: varia de acordo com a época, o grupo regional, étnico, econômico, etc.*

Quando uma criança nasce, ela logo recebe um nome que quase sempre a identifica segundo seu sexo biológico: feminino ou masculino. Ana, Paulo, Mariana ou Álvaro, por exemplo, revelam uma pessoa que nasceu com determinado sexo biológico, cujas características são imutáveis. À medida que eles vão sendo criados e educados, passam a aprender o que é ser homem e o que é ser mulher na nossa sociedade.

A família e a escola, entre outras coisas – só para ficar nas instituições que se responsabilizam pela educação formal – ensinam aos jovens hábitos, comportamentos e atitudes considerados mais apropriados a meninos e a meninas. A imagem de ser mulher e de ser homem, portanto, é uma construção social que se aprende e que, ao contrário do sexo, não é imutável: varia de acordo com a época, o grupo regional, étnico, econômico, etc. E é essa construção que chamamos de gênero.

Sabemos que há grandes desigualdades sociais entre os gêneros. A mulher, por mais que tenha conseguido avançar nas lutas pela equidade de direitos, ainda tem muito por que lutar. Mas quero conversar a respeito da violência do homem contra a mulher com base em algumas cenas que observei pela cidade. Qualquer olhar mais atento poderá testemunhar o mesmo: jovens adolescentes – e falo da classe média – que se relacionam no espaço público, que conflitam, que falam alto e que revelam momentos da intimidade dos relacionamentos possibilitam que vejamos com frequência o quanto as garotas são agredidas moral e até fisicamente pelos namorados e até mesmo pelos irmãos. A cena de uma garota de uns 18 ou 19 anos levando tapas do namorado no rosto dentro de um carro novo importado e reagindo apenas com choro foi, para mim, chocante. Mas real.

Nem pais nem escola costumam lembrar que esse tipo de relação é aprendida e que sua permanência é garantida pela educação. Está certo que os estereótipos de gênero estão tão colados nos adultos que é bem difícil identificar, entre outras coisas, a diferença, muitas vezes sutil, que fazemos na relação com filhas e com filhos, na relação com alunas e com alunos. Mas tanto fazemos que eles põem isso em prática em suas vidas: os meninos se sentem no direito de agir e reagir

com violência na relação com as garotas, e elas se submetem, como se isso fosse natural. Não é. Por isso precisamos intervir de modo educativo nessa situação desde cedo. Pais e mães precisam enfatizar aos filhos que existem, sim, diferenças entre meninos e meninas, mas que essas diferenças não devem permitir nenhum tipo de violência ou preconceito. Os meninos devem aprender a respeitar as meninas, e elas devem aprender a não tolerar nenhum tipo de agressividade.

Basta assistir à televisão com os filhos para ter a chance de pôr o tema em discussão: tanto a programação (inclusive os desenhos para crianças) quanto as peças publicitárias transmitem muito estereótipos da relação entre homens e mulheres.

Será que os pais imaginam que a filha pode apanhar do namorado ou que o filho pode agredir a namorada? É preciso reconhecer a realidade para, então, nos responsabilizarmos por algum tipo de intervenção educativa. Voltarei ao assunto outras vezes.

(Folha de São Paulo – Equilíbrio - S.O.S. Família – Rosely Sayão: “A construção da diferença de gênero” – 28 de julho de 2005)

NOTA: Rosely Sayão é psicóloga e autora de “Como Educar Meu Filho?”

## ANEXO II

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Caro (a) senhor (a),

Sou aluna do curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Minha pesquisa contempla um estudo sobre a análise do discurso que envolve uma série de métodos e critérios; dentre eles, a utilização de dados - no caso, a interpretação simultânea em língua de sinais de um texto escrito reproduzido oralmente em língua portuguesa - filmados e gravados em CD fazendo uso da imagem da pessoa que está interpretando.

Contudo, você está sendo convidado para participar da pesquisa “Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de Língua de Sinais Brasileira”.

A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a referida instituição.

Esse estudo tem como objetivo principal analisar como se constrói, discursivamente, as traduções e interpretações em Língua de Sinais Brasileira (LSB) realizadas por intérpretes do sexo feminino e do sexo masculino, ou seja, investigar as possíveis características marcantes e contrastantes na tradução/interpretação de língua de sinais quanto à diferença de gênero do profissional que atua na interpretação. A investigação desse tema lança luz sobre questões como igualdade de oportunidades, discriminação de gênero e formação profissional, com a finalidade de analisar os discursos produzidos pelos (as) ILS no momento da interpretação.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em realizar uma interpretação simultânea de um texto narrado em Língua Portuguesa oral para a Língua de Sinais Brasileira. É relevante salientar que tal interpretação será filmada e, também, gravada em CD para posterior análise, sendo que sua imagem ficará explícita em vídeo.

Sua participação nessa pesquisa não lhe causará nenhum risco.



Os benefícios potenciais dessa pesquisa relacionados com a sua participação se dão pelo fato desta contribuir para a melhoria dos serviços prestados pelos intérpretes de língua de sinais em todos os compartimentos públicos e privados que contem com a presença da pessoa surda. Outro fator importante é o incentivo às pesquisas sobre a língua de sinais brasileira na área da Tradução/interpretação, pois estas são raras no Brasil.

Os dados obtidos através dessa pesquisa não poderão ser confidenciais e o sigilo sobre sua participação não será assegurado, pois, como relatado acima, sua imagem será explicitada em vídeo pelo fato desse estudo ter como principal objetivo analisar a língua de sinais que é uma língua visual e que contém marcas de expressões faciais que necessitam ser apresentadas. Por tanto, os dados serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, com isto o pesquisador não poderá proteger e assegurar sua privacidade quanto ao uso do seu nome e da sua imagem.

Para assegurar a confidencialidade dos dados, os mesmos serão armazenados pela própria pesquisadora em um arquivo original com os nomes dos participantes e a dada da coleta no seu próprio computador de uso pessoal, em um “pendrive” e também em um CD para garantir que esses dados não se percam. O arquivo original e suas cópias ficarão sob responsabilidade da pesquisadora.

Os dados coletados serão utilizados para **essa** pesquisa de mestrado podendo, também, ser expostos em eventos e/ou publicados em artigos científicos nos anos subsequentes à pesquisa caso haja oportunidade.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam os telefones e os endereços do pesquisador principal e do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

**DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL:**

Silvana Nicoloso

Rua: Antônio da Silveira, n. 15, apto. 03  
Bairro: Lagoa da Conceição  
Cidade: Florianópolis – SC  
CEP: 88062-155  
Celular: (48) 9107-5881  
Residencial: (48) 3879-0690

**DADOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL (ORIENTADOR):**

Viviane Maria Heberle

Rua dos Antúrios, n. 66  
Florianópolis – SC  
CEP: 88040-586  
Celular: (48) 9919-1418  
Residencial: (48) 3733-6137



Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação e firmo através deste que estou de acordo com o que foi acima mencionado, assim como também expresso aqui minha vontade em participar da referida pesquisa.

O pesquisador informou-me que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSC, que funciona na BIBLIOTECA CENTRAL no CAMPUS UNIVERSITÁRIO, localizado no BAIRRO TRINDADE – CEP: 88040-900 FLORIANÓPOLIS – SC – BRASIL. TELEFONE (48) 3721-9206 - CAIXA POSTAL 476

  
De acordo

FELIPE TAVARES DOS SANTOS  
Nome por extenso

Florianópolis, 15 de julho de 2009.



Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação e firmo através deste que estou de acordo com o que foi acima mencionado, assim como também expresso aqui minha vontade em participar da referida pesquisa.

O pesquisador informou-me que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSC, que funciona na BIBLIOTECA CENTRAL no CAMPUS UNIVERSITÁRIO, localizado no BAIRRO TRINDADE – CEP: 88040-900 FLORIANÓPOLIS – SC – BRASIL. TELEFONE (48) 3721-9206 - CAIXA POSTAL 476

  
De acordo

  
Nome por extenso

Florianópolis, 15 de julho de 2009.





Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação e firmo através deste que estou de acordo com o que foi acima mencionado, assim como também expresso aqui minha vontade em participar da referida pesquisa.

O pesquisador informou-me que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSC, que funciona na BIBLIOTECA CENTRAL no CAMPUS UNIVERSITÁRIO, localizado no BAIRRO TRINDADE – CEP: 88040-900 FLORIANÓPOLIS – SC – BRASIL. TELEFONE (48) 3721-9206 - CAIXA POSTAL 476

Marcos Luchi  
De acordo

MARCOS LUCHI  
Nome por extenso

Florianópolis, 15 de julho de 2009.



Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação e firmo através deste que estou de acordo com o que foi acima mencionado, assim como também expresso aqui minha vontade em participar da referida pesquisa.

O pesquisador informou-me que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSC, que funciona na BIBLIOTECA CENTRAL no CAMPUS UNIVERSITÁRIO, localizado no BAIRRO TRINDADE – CEP: 88040-900 FLORIANÓPOLIS – SC – BRASIL. TELEFONE (48) 3721-9206 - CAIXA POSTAL 476

De acordo

Nome por extenso

Florianópolis, 15 de julho de 2009.



Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação e firmo através deste que estou de acordo com o que foi acima mencionado, assim como também expresso aqui minha vontade em participar da referida pesquisa.

O pesquisador informou-me que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSC, que funciona na BIBLIOTECA CENTRAL no CAMPUS UNIVERSITÁRIO, localizado no BAIRRO TRINDADE – CEP: 88040-900 FLORIANÓPOLIS – SC – BRASIL. TELEFONE (48) 3721-9206 - CAIXA POSTAL 476

De acordo

Nome por extenso

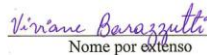
Florianópolis, 15 de julho de 2009.



Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação e firmo através deste que estou de acordo com o que foi acima mencionado, assim como também expresso aqui minha vontade em participar da referida pesquisa.

O pesquisador informou-me que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSC, que funciona na BIBLIOTECA CENTRAL no CAMPUS UNIVERSITÁRIO, localizado no BAIRRO TRINDADE – CEP: 88040-900 FLORIANÓPOLIS – SC – BRASIL. TELEFONE (48) 3721-9206 - CAIXA POSTAL 476

  
De acordo

  
Nome por extenso

Florianópolis, 15 de julho de 2009.

ANEXO III



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão  
Comitê de Ética na Pesquisa em Seres Humanos

Nº 219

CERTIFICADO

O Comitê de Ética na Pesquisa em Seres Humanos (CEPSH) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, instituído pela PORTARIA N.º 0584/GR/99 de 04 de novembro de 1999, com base nas normas para a constituição e funcionamento do CEPSH, considerando o contido no Regimento Interno do CEPSH, **CERTIFICA** que os procedimentos que envolvem seres humanos no projeto de pesquisa abaixo especificado estão de acordo com os princípios éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

APROVADO

PROCESSO: 231/09  
FR- 272236  
TÍTULO: Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de Língua de Sinais Brasileira.  
AUTOR: Viviane Maria Heberle e Silvana Nicoloso.  
DPTO.: CCE/UFSC

FLORIANÓPOLIS, 27 de julho de 2009.



Coordenador do CEPSH/UFSC - Prof.ª Washington Portela de Souza

## ANEXO iV

**DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL E DEMAIS PESQUISADORES**

Declaro que no desenvolvimento do projeto de pesquisa “Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de Língua de Sinais Brasileira” cumprirei os termos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Declaro, ainda, que não há conflitos de interesses entre a pesquisadora e os participantes da pesquisa. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto em questão.

Florianópolis, 15 de junho de 2009.

Assinatura manuscrita em tinta roxa de Viviane Maria Heberle.

**Prof. Dra. Viviane Maria Heberle**  
Pesquisadora Responsável (Orientadora)

Assinatura manuscrita em tinta roxa de Silvana Nicoloso.

**Silvana Nicoloso**  
Pesquisadora Principal (Orientanda)

## ANEXO V



## DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E PARECER DO LANTEC

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: "Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de Língua de Sinais Brasileira", e cumprirei os termos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Atenciosamente,

Assinatura manuscrita em azul da Prof. Dra. Andrea Brandão Lapa.

**Prof. Dra. Andrea Brandão Lapa**  
Coordenadora do LANTEC/QED/UFSC

Florianópolis, 15 de julho de 2009.

## ANEXO VI



Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Laboratório de Novas Tecnologias  
Coordenação Pedagógica do Curso de  
Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras



## CARTA DE ACEITE

Declaramos que a pesquisadora Silvana Nicoloso poderá realizar sua pesquisa intitulada "Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de Língua de Sinais Brasileira" no Curso Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina. Ressaltamos o compromisso da pesquisadora em garantir a privacidade dos sujeitos participantes da pesquisa e demais informações particulares dos mesmos. Devido à metodologia proposta, sugerimos que o projeto apresentado seja submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC ou outro órgão vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). A pesquisa poderá ter início tão logo seja entregue ao Núcleo de Pesquisa do Curso Letras-Libras o Termo de Compromisso assinado pelo pesquisador.

Florianópolis, 08 de julho de 2009..

Atenciosamente,

Prof. Dra. Andrea Brandão Lapa  
Coordenadora do LANTEC/CED/UFSC

**Prof.ª. Dra. Andrea Brandão Lapa**  
Coordenadora do LANTEC/CED/UFSC